OPERAÇÃO JORNADA

JOSÉ RENATO FUSCO

OPERAÇÃO JORNADA

POR JOSÉ RENATO FUSCO

SUMÁRIO

Apresentação.....1	Descansando e Revivendo Traumas.....97
Sumário.....2	Recobrando as Energias.....101
Prólogo.....3	Campos do Jordão.....110
Tempos Difíceis.....4	Cidade Fantasma.....114
Cooperação.....9	O Acumulador.....119
Apresentações.....13	A Casa do Dr. Steiner.....127
Minha Vida Anterior.....17	De Volta ao Antiquário Bernold.....135
Seguindo Viagem.....20	O Início do Fim.....141
O Outro Dia.....22	Terra da Garoa.....144
Enterro No Quintal.....31	CEAGESP.....147
Seguindo o Caminho.....35	Atacadão.....149
Tiros E Ratos.....37	Segunda Divisão de Exército.....154
Feijão Cremoso.....41	Para a Fábrica de Remédios.....159
A Caminhada.....47	Lá, e de Volta Outra Vez.....167
Expedição Delegacia.....49	O Fim, no Começo.....169
A Despedida.....56	Estamos Indo, de Volta Pra Casa.....171
Continuando A Viagem.....59	Nada Será Como Já Foi um Dia.....173
A Ponte Pênsil.....64	Na Igreja, o Encontro Com a Morte.....175
O Construtor de Mundos...68	Enterro Digno.....180
O Prepper.....71	As Semanas Seguintes.....182
O Clube dos Mike.....74	Seis Meses Depois.....184
Mais um Dia.....79	Vinte e Cinco Anos Depois.....188
A Tensão Está no Ar.....81	O Dia Depois de Amanhã.....192
O Cativeiro.....85	Palavras do Autor.....196

PRÓLOGO

Em dezembro de 2019, um vírus “escapou” de um laboratório na China. Pouco mais de três meses depois, em março de 2020, a “Pandemia de COVID-19", tal como ficou conhecida na Imprensa, já era global.

Em julho do mesmo ano, o vírus SARS-CoV-2 sofreu uma mutação catastrófica que aumentou drasticamente sua letalidade e capacidade de transmissão. A variante, que ficou conhecida como Ômega, apresentava uma taxa de mortalidade de 98% e um período de incubação mais longo, permitindo maior disseminação antes dos primeiros sintomas.

Segundo essas estimativas, o Brasil agora possui apenas 4 milhões de habitantes, e o mundo, 130 milhões de pessoas.

O protagonista, Luiz Paulo, sobreviveu devido a uma rara condição genética: ele possui uma mutação no receptor ACE2 que impede a entrada eficiente do vírus em suas células. Esta condição, presente em menos de 0,1% da população mundial, garantiu sua sobrevivência enquanto via o mundo desmoronar ao seu redor.

Houve um tempo em que simplesmente era impossível sair de casa, mas com o passar dos meses, as pessoas foram morrendo cada vez mais e, seis meses depois, em dezembro de 2020, Luiz Paulo decide fazer a viagem de Gramado/RS a Campos do Jordão/SP, percorrendo aproximadamente 1.178 km.

Numa marcha normal, seriam necessárias 24 horas de carro, 3 dias de bicicleta ou 23 dias a pé, parando para descansar a cada 12 horas. Mas obstáculos surgirão e a viagem vai durar 79 dias.

A jornada começou dia 27 de dezembro, após as festividades de Natal e irá terminar em 16 de março de 2021, quando terão se passado 11 semanas.

Nesse período curto, acontecerão coisas. Coisas que mudarão a vida de todos os personagens para sempre.

TEMPOS DIFÍCEIS

Estava quente, mas as diversas nuvens baixas encobriam o sol na maior parte do tempo.

Luiz Paulo já havia percorrido 308 km de caminhonete e não havia encontrado nenhuma pessoa sequer.

Em tempos pré-pandemia, isso seria praticamente impossível, muito menos no dia 27 de dezembro, quando muitas pessoas saiam de Gramado após o Natal, e se dirigiam para suas casas ou alguma praia, para aproveitar a virada do Ano Novo.

Aquela sensação de isolamento já não atormentava mais Luiz, que era psicólogo e sabia lidar com a mente humana. O que não quer dizer que a taxa de suicídio entre os que sobreviveram, por um motivo ou outro, ao vírus chinês, fosse baixa. A maior parte das pessoas não consegue enxergar a felicidade e paz em si mesmas, principalmente se forem tiradas de sua zona de conforto.

Para Luiz, era um pouco mais fácil, pois ele já não tinha mais pais e sua esposa Laura, uma arquiteta em início de carreira e seu filho Sérgio, haviam sobrevivido porque logo no início da Pandemia, se mudaram para o pequeno sítio que seu pai tinha deixado.

Não que deixasse de sofrer, é claro, afinal, seus amigos, clientes e conhecidos haviam morrido todos num período de 6 meses. Todos os dias, quando a coisa ainda era pouco clara e os governos insistiam que estavam no controle de tudo, ele abria suas redes sociais toda manhã e via quem tinha morrido. Aquilo era deprimente, mas o primeiro passo do bom sobrevivencialista é se manter informado.

Mas isso já foi há 9 meses. Hoje, celulares não funcionam mais, tanto porque não há energia elétrica para carregá-los, quanto porque o que antes conhecíamos como “Rede Mundial de Computadores” já não existia mais.

Na verdade, a vida no Planeta Terra, tal como conhecemos, já não existe mais. Os poucos seres humanos que ainda estão caminhando em nosso espaço e tempo, tiveram que se voltar ao primitivismo da caça, pesca, plantio de subsistência e tudo o que isso envolve.

É claro que nem tudo foi perdido, pois os milhões de seres humanos que já viveram nos deixaram conhecimento muito vasto sobre muitas questões. Livros físicos são como ouro hoje em dia. Principalmente os didáticos.

Porém, ninguém mais domina os céus, pois não há quem pilote aviões, faça sua manutenção e até mesmo produza o seu combustível. O mesmo vale para trens, navios e etc.

Alguns poucos carros ainda rodam. Mas em breve, toda a gasolina que podemos localizar estará inútil, pois seu prazo de validade é 6 meses. Fora as estradas, que já estão ficando sem condições de rodagem por falta de manutenção.

Tudo isso passou pela cabeça de Luiz após ter uma interrupção abrupta em sua viagem. A ponte que antes existia na cidade de Laguna, havia caído. Não totalmente, mas uma grande parte.

Aquilo sim, perturbou Luiz, que esperava ter obstáculos no caminho, mas não tão grandes e nem tão próximos de casa, para falar a verdade.

Devagar, foi parando a caminhonete S10 que também herdou do pai e a desligou para poupar combustível. Havia conseguido um galão de 500 litros, que adaptou para armazenar combustível. Era perigoso, mas melhor que ter que andar a pé por aí.

Antes de descer, entretanto, tirou sua pistola Ronin 1911 do coldre e a preparou para uso.

Abriu a porta da caminhonete e, após segundos de hesitação, desceu e ficou parado, sentindo o calor do asfalto.

Após ter se ambientado e esticado as costas após 7 horas de viagem lenta desviando de buracos, carros abandonados sobre a pista, corpos de animais e alguns tufos de mato, começou uma lenta caminhada de cerca de 100 metros, até a beirada da ponte agora caída.

No lado oposto da ponte, havia uma mulher negra e um adolescente, de talvez uns 14 anos. Não pareciam perigosos, mas naqueles dias, nunca se sabia. Fato é que eles estavam perigosamente na beira, lanchando. Parecia, até mesmo que ignoravam a presença de Luiz tão parto deles, para os padrões atuais de 1 habitante por sei lá quantos quilômetros quadrados.

Após encará-los um pouco e ponderar sobre o que fazer para atravessar aqueles 8 ou 9 metros que separavam uma face da outra da estrada, Luiz decide tentar interagir:

- Olá!

- Olá, responde a mulher.

- Parece que estamos encarando o mesmo problema, sob perspectivas diferentes, não é mesmo?

- Que problema? - Diz a mulher.

- A ponte... Ou melhor, a falta dela!

- Não estamos tentando chegar ao outro lado, diz o adolescente.

- Não?

- Não – Respondem juntos, mulher é rapaz.

- Bom, eu estou tentando ir para onde vocês estão... Vocês conhecem algum caminho alternativo? O rio me parece muito fundo e com correnteza veloz, mesmo para a caminhonete.

- Se eu fosse você, não chegaria perto da água, com ou sem caminhonete – Opina a mulher.

- A outra passagem que havia para este lado, fica uns 50 km abaixo – Completou o rapaz.

- 50 km? É muito para mim... Fora que não sei se lá também não encontrarei dificuldades. Foi duro chegar até aqui, mesmo de carro.

- E porque você não fica deste lado aí, então? – Indagou a mulher.

- Tenho um filho doente, que precisa de um remédio específico. Preciso chegar a Campos do Jordão, e procurar um médico que, segundo li no jornal, quando ainda havia jornais diariamente, era especialista nesse tipo de tratamento.

- Onde fica Campos do Jordão? – Perguntou o menino.

- São Paulo – Responde a mulher.

- Exatamente.

- Será uma viagem e tanto – Completou o rapaz.

- Pois é...

- Vejo que sua caçamba está repleta de coisas... Não tem nada aí, que te ajude a atravessar? – Disse o adolescente.

- Era exatamente nisso que eu estava pensando, mas vou precisar da ajuda de vocês.

- Se te ajudarmos a passar pro nosso lado, como vamos saber que não vai nos fazer mal? – Perguntou a mulher.

- Se eu quisesse fazer algum mal pra você, Dona, eu já teria feito – Disse Luiz, indicando sua pistola, que já havia retornando ao coldre mesmo antes de aquela conversa improvável começar.

- Existem muitos meios de se fazer mal para uma pessoa, e matá-la não é o pior deles... Mas, de toda forma, você não parece nos oferecer risco... Eu até gosto de você – Disse a mulher.

- Aham. Eu também! – Completou o rapaz.

- Então começamos bem, porque eu também gostei de vocês.

COOPERAÇÃO

Luiz foi até a caçamba da caminhonete e começou a descer algumas coisas, que se resumiram basicamente a combustível, comida, remédios, roupas e outras comodidades.

Sabia que na "seção de ferramentas e peças veiculares", havia alguns cabos de aço para guinchar carros. Quando os encontrou, viu que eram 6 e que cada um tinha 5 metros de comprimento.

Pegou todos e, orgulhosamente, caminhou até a borda, onde tinha feito amigos.

- Acho que encontrei a solução para o nosso problema! Tenho aqui, 6 cabos de aço que contam com 5 metros de comprimento e suportam, supostamente, 5 toneladas.

- Se você conseguir jogar a ponta pra cá, eu amarro ele naquele pilar ali – Apontou o rapaz.

- Amarrar seria perigoso, pois cabos de aço são [inflexíveis], mas pensei em emendar um no outro através dos ganchos e você passar pelo pilar e me jogar de volta, pode ser? Aí eu prendo os dois lados na caminhonete...

- Que ideia brilhante! – Gritou o rapaz, para satisfação da mulher.

- Então fechou. Mas antes de você me jogar a ponta de volta, vou prender as alças das duas mochilas que tenho aqui, e vou enchê-las com o máximo de suprimentos possível. Aí você vai puxando o cabo até as coisas chegarem aí, pode ser?

- Claro – Respondeu o menino.

Luiz Paulo foi até a caminhonete e espalhou todos os seus suprimentos pelo asfalto, tentando não deixar nada de importante para trás e levar o máximo possível de coisas.

Havia todo o tipo de enlatados: Milho, ervilha, doce de leite, goiabada... Bem como diversos salames e mortadelas.

Os sacos de arroz, feijão e farinha teriam que ficar para trás, assim como uma quantidade bastante grande de água.

Em uma mochila, colocou os remédios e utensílios de primeiros socorros que possuía, coisas simples como Dipirona, Enterogermina, gazes e micropore.

Como a mochila ainda estava pela metade, foi ali que colocou sua garrafa da Stone Water, que lhes possibilitaram beber água pura retirada de qualquer lugar. Também colocou ali, 200 munições de calibre 45, para sua Velha Senhora e fechou o zíper.

Na segunda mochila, essa bem maior do que a primeira, colocou uma caneca, uma colher, uma faca, uma pequena panela, uma lanterna, 3 cuecas, 3 meias, duas calças e uma camiseta. O resto do espaço foi completado com enlatados e embutidos, bolachas e 10 pacotes de miojo e um de café. Teve dificuldade para fechar o zíper, mais uma vez.

Quando tudo estava pronto, passou o cabo de aço pelas mochilas e se preparou para jogar a ponta ao outro lado.

- Lá vai!

Pluft... A ponta caiu na água.

Luiz a puxou de volta e tentou novamente.

- De novo!

Mais uma vez, insucesso.

- Tenta colocar um peso na ponta, senão nunca vai chegar aqui – Disse a mulher.

- Bem pensado!

Luiz foi até a caçamba e pegou um caldeirão, enganchou o arnês do cabo de aço na alça e tentou de novo.

- Na mosca! Agora vou prender a ponta que ficou deste lado na caminhonete e aí você pode puxar!

Luiz percebeu que, para o plano dar certo, deveria deixar a S10 o mais próximo possível da beirada, o que o desagradou. Porém, como nada mais poderia ser feito, assim procedeu.

No final das contas, a caminhonete ficou cerca de 1 metro da borda, e Luiz encontrou o local da argola, para afixar o cabo de aço.

O rapaz e a mulher não tiveram dificuldades para puxar as mochilas, pois havia um desnível de cerca de 1 metro de altura entre o lado de Luiz e o deles, de modo que as mochilas praticamente deslizaram quando o cabo foi esticado.

O mesmo não puderam dizer sobre jogar o cabo de volta, pois além de o lado de Luiz ser um pouco mais alto, nem o rapaz e nem a mulher eram tão fortes quanto ele. Mas, após 6 tentativas, a manobra deu certo e Luiz prendeu a ponta faltante na caminhonete.

Antes de arriscar sua vida tentando atravessar o rio pendurado num cabo de aço "made in China", recolheu os suprimentos que seriam abandonados enquanto pensava que sua vida dependia de um produto feito no mesmo país que fabricou o vírus destruidor de Mundo. Que beleza de ironia!

Luiz Paulo recolheu e armazenou tudo o que não levaria consigo o melhor que pode, pois pretendia voltar e, eventualmente, precisaria daquelas coisas novamente.

Subiu os vidros da caminhonete, travou as portas, calçou suas luvas, colocou seu boné e foi andando em direção ao destino.

Fazia exercícios regularmente, e sabia que suportava o peso do próprio corpo nos braços, algo que a maioria das pessoas não consegue, mas estava preocupado com a espessura do cabo. 10mm era bem fino e isso certamente não contribuía com a pega que suas mãos teriam.

Deitou-se no asfalto, cruzou as pernas entre o cabo, agarrou-o firmemente com as mãos e iniciou a travessia de sua vida.

Foi descendo devagar e, no meio do caminho, onde a tensão do cabo é de seus nervos era maior, chegou a temer por sua vida, pensando que o sistema não o aguentaria.

Mas deu tudo certo e, tão logo chegou do outro lado, foi abraçado ainda no chão, pelo menino e pela mulher.

- Pensei que o cabo estouraria... Mas, aparentemente os chinas são melhores com cabos de aço do que com manter um vírus em laboratório!

APRESENTAÇÕES

Assim que se levantou, bateu a poeira das calças, tirou as luvas e apertou as mãos da mulher.

- Prazer, Luiz Paulo Miller-Klein.

- Sou Letícia Vieira, e ele é o meu filho, Miguel. O prazer é todo nosso – disse a mulher.

- Sim, todo nosso – respondeu Miguel enquanto recebia um aperto de mão de Luiz.

Após as apresentações formais, Letícia perguntou a Luiz mais detalhes sobre a situação de seu filho.

- Meu filho, Sérgio Piccoli Miller-Klein, tem 9 anos. Ele sofre de tuberculose pulmonar, que é causada pela bactéria Mycobacterium tuberculosis, pelo que pude ler num livro de medicina que consegui pegar num consultório lá da minha cidade... A propósito, eu sou de Gramado.

- Nós estivemos lá dois anos atrás, quando meu pai ainda era vivo - Disse Miguel.

- Lamento muito por sua perda... Então, como eu dizia, a evolução da doença sem tratamento pode até ser lenta, podendo levar meses ou até anos, mas sempre termina em morte.

- Meu Deus! Disse Letícia.

- Pois é. Mas pelo que eu pude apurar, existe uma cura total, e ela depende de um tratamento feito com antibióticos específicos, como rifampicina, isoniazida, pirazinamida e etambutol, por um período de 6 a 9 meses.

- E onde você pretende conseguir esses remédios? – Perguntou Letícia.

- Em Campos do Jordão. Li na Internet, quando ela ainda existia, que é lá que mora... Ou morava, um tal de Dr. Louis Peter Steiner.

- Mas você não sabe se o cara está vivo, ou se ainda tem os remédios e onde encontrá-lo exatamente, não? – Apontou Miguel.

- Exatamente... Mas tenho que tentar. Meu filho já estava doente desde o início da Pandemia, e sinto que ele não terá muitos meses mais, se eu não fizer algo a respeito.

- Eu te entendo, faço qualquer coisa pelo meu filho – Disse Letícia.

Após algum tempo, o trio decidiu fazer a primeira refeição do dia, pois já passava das 14h. Toda aquela movimentação com os cabos de aço fez com que perdessem a noção do tempo.

Luiz Paulo tirou um rolo de salame da mochila, sacou seu canivete e ofereceu um grande pedaço para cada um.

- É dos bons. Peguei num armazém lá da minha cidade... Não me orgulho disso, mas seria burrice deixar coisas que podem ser úteis estragarem, sendo que agora, tudo é "de ninguém".

- Não precisa se explicar, nós também estamos pegando o que não era nosso para sobreviver – Disse Letícia.

Quando percebeu que Miguel tinha os olhos marejados, Luiz parou de conversar e esperou que o rapaz se recompusesse.

- Se quiser me contar como chegaram até aqui, eu gostaria de ouvir.

- A minha mãe era Advogada antes... Meu pai tinha um Sebo. A gente era feliz, sabe? Mas quando as coisas começaram a fechar com aquilo de "fica em casa, que a economia a gente vê depois", a Loja faliu. E o Escritório da minha mãe também.

- Entendo.

- As coisas estavam ruins, mas conforme as pessoas iam morrendo, as leis foram sendo ignoradas e um dia invadiram a nossa casa. Eles bateram em mim e no meu pai... E abusaram de minha mãe por dois dias.

- Meu Deus – Disse Luiz enquanto via Letícia chorar.

- Meu pai não suportou a humilhação de ter sido incapaz de nos defender e se matou... Ele acreditava que não precisávamos de uma arma, porque se considerava um pacifista. – Completou o menino.

- A verdade é que ele era fraco de corpo e alma – Terminou Letícia, aos soluços.

- Realmente, é complicado isso aí – Disse Luiz, sem saber ao certo o que dizer.

- Quando Pedro, meu marido se enforcou, tirei Miguel daquela casa e começamos a caminhar de Pesca Brava, Santa Catarina, parando de tempos em tempos, para consumir o que conseguíssemos pegar nas redondezas. Quando você chegou, estávamos pensando nos próximos passos.

-Acho que nossos caminhos podem se cruzar, mas acredito que vocês queiram conhecer minha história antes.

-Sim – Disseram Letícia e Miguel.

-Então vamos nos sentar, porque vai demorar. Aliás, o que acham de pernoitarmos aqui, hoje?

Como houve concordância tácita, Luiz começou a estender sua lona de barraca sob o asfalto e retirou o saco de dormir da mochila. Apesar de estarem cerca de 20 metros da caminhonete, que serviria de abrigo perfeitamente, o trio preferiu não arriscar a travessia pelo cabo de aço. Ainda mais porque a noite estava quente e não parecia que ia chover.

Enquanto organizavam tudo e começaram a busca por galhos e gravetos para uma fogueira, que serviria tanto para afastar os bichos quanto para cozinhar, Luiz começou sua história.

MINHA VIDA ANTERIOR

- Antes da Pandemia, eu era um Psicólogo bastante conceituado em Gramado. Eu já estava com a agenda cheia, mas minha esposa começou a divulgar meu trabalho na Internet, e a coisa rolou bastante, porque eu comecei a atender gente de todos os cantos do Brasil, cobrando mais caro do que antes. Pena que não durou muito.

Minha esposa era uma Arquiteta em início de carreira, que tinha acabado de inaugurar seu escritório. Não chegamos a ganhar dinheiro com ele, mas tenho certeza de que daria certo com o tempo.

Um fato que "atrapalhou" a carreira dela, foi a maternidade. Quando nosso filho, Sérgio, nasceu ela tinha acabado de se formar. Aí ela decidiu esperar ele completar 5 anos, pois sempre foi muito boa mãe.

Aí ela começou a trabalhar de casa. Quando as coisas começaram a melhorar porque os trabalhos apareciam com certa frequência, aconteceu a descoberta da doença do Sérgio, que tem tuberculose pulmonar, como falei mais cedo.

Estávamos pesquisando em como realizar o tratamento, aquela coisa toda, quando a Pandemia começou. Vocês sabem como foi, então vou pular essa parte.

Mas aí, a nossa cidade, que sempre foi muito cheia por ser turística, começou num primeiro momento, a ficar só com os locais, o que representa cerca de 1/3 da população. Por si só, isso já foi bem estranho.

Com a disseminação do vírus, a situação foi se deteriorando cada vez mais, aí decidimos nos mudar para o sítio que herdei do meu Pai. Essa foi a nossa sorte, porque eles não são imunes ao vírus, como eu.

Aliás, convém dizer que descobri a minha condição "especial" com um exame que tive que fazer para conseguir renovar o meu Passaporte, quando ainda eram necessários. Nós não pretendíamos deixar o Brasil, mas eu gostava da ideia de "manter todas as opções na mesa", como dizem.

Bom, mas eu divaguei. Quando as pessoas foram morrendo pela doença em si, a população já se reduziu drasticamente. Logo depois disso, quem ficou foi morrendo de fome por terem acabado as comidas, e eles não sabiam plantar, caçar e tal.

Teve também as pessoas que morreram por causa de ausência de remédios, e o pior, de doenças que antes eram facilmente curadas. Foi aí que me deu um estalo... Se eu não fizesse nada, meu filho morreria logo.

Conversei com minha esposa e ela concordou que, assim que fosse minimamente possível, eu iria. Ela quis vir junto com meu filho, por causa do risco de eles ficarem sozinhos no sítio, mas ponderamos que era mais fácil a gente fazer uma segurança residencial bem boa, do que colocar eles em risco de serem contaminados por eventuais pessoas que estivessem contaminadas.

Durante os próximos 6 meses após a decisão, comecei a estocar suprimentos essenciais em casa como comida durável, velas, remédios, água potável e muito armamento.

Por cerca de um mês, procurei instalar fechaduras, alarme mecânico etc., apesar de ser altamente provável que ninguém chegue a mais do que 20 km do sítio.

Mesmo assim, durante essas situações, sempre convém não chamar atenção para casa, então coloquei três cachorros para ajudar.

Com essa parte resolvida, passei a me manter informado sobre os eventos em andamento, o que foi bem difícil tendo em vista a ausência das Redes Sociais, mas procurei em bibliotecas, bancas de jornais e afins.

Considerando que eu vinha de caminhonete - pela maior parte do tempo pelo menos – peguei a ideia da Mochila de Evasão e apliquei num nível maior, e preparei a caçamba com itens essenciais, incluindo alimentos não perecíveis, água, suprimentos de primeiros socorros, ferramentas e armamento, tudo para o que pudesse atender às minhas necessidades de sobrevivência.

Como eu presumi que, em algum momento a caminhonete teria que ser deixada para trás, trouxe essas duas mochilas também.

Dois dias antes de sair, estudei os mapas e optei por realizar a viagem evitando os grandes centros urbanos e sempre passando o mais perto possível do Atlântico, para evitar grandes oscilações de terreno.

No Estado do Rio Grande do Sul, saí de carro de Gramado e passei por Canela. Adentrando em Santa Catarina, cheguei até Laguna e me deparei com vocês.

- Foi uma história e tanto, hein? – Disse Miguel.

- Nem senti o tempo passar! Olha, o sol está baixo já! – Disse Letícia.

- Me perdoem por falar tanto, mas como diria minha avó: “No Reino da memória, o tempo é sempre o presente”.

SEGUINDO VIAGEM

Após as longas conversas, o trio ainda não havia decidido se permaneceria junto, mas não tocaram no assunto antes de acender o fogo e arrumarem suas camas.

Miguel aceitou a sugestão de Luiz e também quis comer mortadela assada, então Luiz dividiu um rolinho ao meio, enfiando cada metade em um graveto.

Letícia achou que aquilo era gorduroso, "uma verdadeira bomba de sódio", e optou por comer miojo com queijo parmesão ralado.

De toda forma, todos ficaram em volta da fogueira conversando até 21 horas, quando decidiram dormir, pois o dia seguinte seria de muita caminhada, independente de que caminho tomassem.

Quando se deitaram e Luiz já estava encaminhando sua alma para o Reino dos Sonhos, ouviu Letícia chorando baixinho... Num primeiro momento, pensou em ignorar. Mas como a coisa não parava, estava mudando de ideia. Foi nessa hora que ela disse:

- Não quero que a gente se separe. Tenho medo que alguém ataque meu filho e eu não consiga fazer nada.

- Também quero ir com você – disse Miguel.

- Bom, nesse caso, acho que convém vocês conhecerem os meus planos... Como disse mais cedo, estudei os mapas e optei por realizar a viagem evitando os grandes centros urbanos e sempre passando o mais perto possível do Atlântico, para evitar grandes oscilações de terreno. Minha ideia é ir de algo motorizado o máximo possível, porém, não será fácil como minha caminhonete ali nos mostrou. Acredito que a maior

parte do trajeto será a pé. Como não podemos carregar muita coisa e a comida não vai durar para sempre, a ideia é que peguemos coisas pelo caminho. Eu não tenho muito mais para dizer... Só quero evitar os grandes centros, ir buscar o remédio e voltar vivo para minha família. Com vocês juntos, agora.

O OUTRO DIA

O dia seguinte, em termos de clima, foi basicamente igual ao anterior: Calor, sol e muitas nuvens.

Mas o espírito de equipe havia melhorado o humor de todos. Assim que se levantaram, Miguel já se voluntariou a levar uma das duas mochilas que Luiz atravessara do lado de lá. Decidiram que nada mais justo do que ele, por ser menor, ficasse com a bagagem mais leve. Porém, isso não foi coisa pouca, e o menino teve alguma dificuldade antes de se acostumar.

Letícia achou que seria prudente que, antes de seguirem viagem, desviasse o caminho em cerca de 8 quilômetros. Ela queria pegar as coisas que haviam deixado no abrigo que havia passado às últimas semanas com Miguel, com o que Luiz concordou.

O caminho, como constatou Luiz, não era bem um desvio de sua rota principal, pois a bússola deu apenas uma leve oscilada para a direita.

Fazendo isso, encontraram uma rua bastante ampla e cheia de árvores dos dois lados, o que a colocava na categoria de "alameda", pelo que Luiz conseguia se lembrar. Mas sobretudo, havia areia de praia ali.

- Eu amo a praia e o mar, mas odeio essa areia toda, que entra até nas roupas da gente! – Reclamou Letícia.

- Isso é ruim. Mas o pior é a sensação de insegurança. Porque de noite sempre ouvimos a passagem dos Ratos de Praia. Eu não gosto deles. Isso sim, que é a pior parte de morar aqui – Falou Miguel.

- Ratos de Praia? Esses eu não conheço – Indagou Luiz.

- São uns 3 caras que seguem a liderança de um sujeito estranho, com ar de roqueiro famoso e falido, sabe? Chamam ele de Jimmy, acho que é por causa do Jimmy Page, o que era guitarrista da banda Led Zeppelin, lembra? – Disse Letícia.

- Se eu lembro? Eu tinha todos os álbuns do Led em Vinil, CD e no computador! – Respondeu enfaticamente Luiz.

- Eu não sabia que você gostava de rock... Não parece ser o seu estilo... – Comentou Letícia.

- O Demônio tem muitas faces – Respondeu Luiz.

- Não entendi – Miguel afirmou.

- É um ditado. Ele quis dizer que nem tudo é o que parece, e que não devemos julgar as coisas somente pela aparência – Respondeu Letícia.

- Ah, entendi.

- Mas, voltando ao assunto, disse Letícia, esse tal de Jimmy e os caras deles escravizaram umas 8 mulheres aqui da cidade pelo que me disseram. E elas servem aos seus propósitos tanto para serviços domésticos como para sexo.

- É por isso que eu não gosto daqui – completou Miguel.

A conversa serviu para que Boa parte do caminho fosse percorrido sem que o trio sequer se desse conta. Quando Letícia apontou a casa que deveriam entrar, no próximo quarteirão, Luiz avaliava se deveria procurar e confrontar

o tal Jimmy, ou se a função de ser o “Policial do Mundo” ainda era algo acima de suas capacidades.

Quando chegaram na frente da casa, que tinha uma grande árvore na frente, talvez fosse uma sibipiruna, Luiz pensou, Miguel logo disse:

- O portão está aberto. E eu tenho certeza que tranquei!

Embora achasse difícil que alguém tivesse escolhido justo aquela casa para pilhar, em meio a tantas outras maiores, que eram localizadas em bairros mais ricos, Luiz preferiu não arriscar e tomou a frente, sacando sua 1911 do coldre.

- Fiquem sempre atrás de mim.

Quando abriram o portão, se depararam com um quintal amplo, todo gramado. Havia uma casinha de cachorros de alvenaria no canto frontal direito. Ela estava vazia.

No lado esquerdo, havia um flamboyant frondoso e com um balanço pendurado nele. Provavelmente, crianças moravam ali antes da Pandemia.

Foram vagarosamente ganhando terreno, e, quando Luiz tensionou ir pela direita, visando dar a volta na casa, Miguel tocou seu obro e disse baixinho:

- Tem uma parede aí. É o fundo da área de lazer. Temos que ir pelo outro lado.

E assim fizeram, para a agonia de Luiz, que tinha a clara sensação de que estavam sendo observados, apesar de não ter razão para achar isso, até aquele momento.

Quando atravessaram o terreno e chegaram do outro lado, se depararam com uma ampla varanda, que Sérvia de garagem para um Toyota Bandeirante em perfeito estado de conservação.

- Meu avô tinha um igualzinho, mesma cor e tudo – Disse Letícia.

O fundo da casa contava com uma piscina pequena, uma área de churrasqueira, geladeira de bebidas e uma mesa de cimento queimado absurdamente grande. Nas pontas, cabiam duas pessoas confortavelmente cada, e nas laterais, dez pessoas com folga. Era uma mesa para 24 pessoas, tranquilamente.

Outro aspecto interessante daquele quintal, é que havia um portãozinho de acesso ao quintal dos fundos. Como não havia tempo, Luiz decidiu ignorar e seguiu para a porta dos fundos, que dava para a cozinha.

O cômodo era um retângulo, com aproximadamente 5x3. Do lado esquerdo, havia um fogão, a pia e a geladeira. Do direito, um armário, o utensílios domésticos e uma pequena mesa para duas pessoas. À frente, havia uma porta de ferro, não essas vagabundos de hoje em dia, mas uma daquelas boas, que ficariam para os netos e, talvez para os netos deles.

Quando abriu aquela porta, Luiz foi imediatamente rendido por um capanga de Jimmy. Não era esperto fazer um tiroteio ali, em qualquer situação, em especial com duas pessoas desarmadas logo atrás de você.

Aquele ambiente era um corredor e, logo perceberam que estavam encurralados. Letícia e Miguel foram rendidos por trás. Aparentemente era uma boa ideia Luiz ter investigado melhor o tal do “portãozinho pitoresco” que dava para os fundos.

Luiz Paulo foi desarmado e, os três, revistados. Não foi sem uma sensação de ódio crescente, que constatou que um dos capangas – o que chegou pira trás – demorou bastante ao vistoriar os seios de Letícia. Sua bunda também não passou despercebida da volúpia daquele canalha. Foi naquele momento que Luiz prometeu a si mesmo que haveria sangue naquela casa. Poderia até ser o dele, mas haveria.

Foram conduzidos em fila indiana para a sala e ali tiveram seus punhos amarrados com fita hellerman.

- Seus peitos ficam ainda melhores quando seus braços ficam pra trás – Zombou o Capanga da frente.

- Seus dentes não vão estar na sua boca quando você estiver num caixão, ainda hoje – Grunhiu Miguel.

- Corajoso o Moleque, não Malaquias? – Conversou o Capanga de trás com o da frente.

- Vamos ver se, depois de ter uma reunião com o Chefe, essa empáfia toda ainda vai estar aí – Respondeu Malaquias.

E subiram as escadas que davam para o segundo andar. Não era uma casa muito grande, mas realmente bem funcional. Lá haviam dois quartos e um banheiro, no final do corredor. Mas o trio foi conduzido para o da frente.

Assim que entraram, Luiz percebeu que dali, a vista para o mar era realmente boa, e entendeu o motivo de Jimmy ter escolhido aquela ambiente para estar com seu harém de escravas.

Sentado, bem no meio da cama, se encontrava Jimmy, um roqueiro de meia idade, cabelo comprido, barba por fazer e jaqueta de couro. Havia – é claro – suas indispensáveis

tatuagens mal feitas e anéis de aço inox em formato de caveira. Talvez, refletiu Letícia, a única joia que haveria naquele “look”, era um cordão grosso de prata.

Em cima da cama, estavam duas loiras e duas morenas, todas muito bonitas. E, em pé, ao lado, se encontravam mais duas mulheres morenas, de beleza mediana. Acompanhando-as, havia mais um Capanga, esse era caolho.

Luiz logo percebeu uma característica comum entre todo o sexteto de escravas sexuais: Elas usavam lingerie e tinham o olhar triste, submisso.

- Ora, ora! Senão vejamos que a minha Preta chegou com seu Fedelho e um amigo! – Bradou Jimmy em som de gozação.

Como não houve resposta por nenhum dos três, continuou:

- Apesar de estarmos na praia, é realmente difícil encontrar uma preta gostosa por aqui. Mas quem procura sempre alcança, não é o que dizia aquela música?

Como o silêncio ainda se fez presente, Jimmy ordenou ao seu Capanga caolho:

- Pirata, engatilha esse 38 e deixa ele no jeito. Se houver um passo em falso ou um movimento brusco que seja, não hesite em apertar o gatilho!

- Já tô no jeito, Chefe!

- Muito bom. Larissa, toma esse canivete. Vai lá na Preta estúpida e corta a blusa dela. Quero ver se as tetas dessa puta são tudo isso mesmo, ou é só enganação.

A tal da Larissa cumpriu a ordem, mas era nítido que estava fazendo aquilo coagida. Fez a coisa com cuidado para não cortar Letícia e tentou preservar seu sutiã, pelo que, foi repreendida.

- O sutiã também, estúpida! Como é que vou ver os bicos, idiota? – Gritou Jimmy.

Não restando alternativa, Larissa foi atrás de Letícia e colocou o canivete em cima da cômoda para soltar a trava do sutiã.

- Hum... Belas tetas pretas! Como é o peito dela, Larissa? Tem silicone ou é natural? Apalpe direto antes de responder!

- São naturais, e os bicos, duros – Disse Larissa, com a voz trêmula e baixa.

Apesar de claramente estar desconfortável e ter deixado escorrer uma única lágrima, Letícia nada disse. O que claramente irritou Jimmy muito mais do que o esperado.

- Malaquias, vamos fazer esses putos falarem. Ninguém deixa o Grande Jimmy no vácuo! Pegue uma cadeira para cada um dos nossos hóspedes e os amarre firmemente, com cordas. Cada mão deve estar amarrada em um braço da cadeira.

Enquanto Malaquias soltava Miguel, o Capanga-Sem-Nome rompeu a fita hellerman de Luiz. No breve instante de mãos livres que o Menino teve, agarrou o canivete deixado por Larissa e pulou no pescoço do Pirata, que reagiu ao feroz ataque, com dois tiros. Miguel estava mortalmente ferido no abdômen, mas o Capanga havia sido atingido na jugular.

Durante a confusão, Luiz agarrou o pescoço de Malaquias e lhe tomou a arma, a qual usou para estourar-lhe os miolos, que espirraram em partes do teto e em toda a parede norte do quarto.

Letícia, sabendo que se Miguel não fosse socorrido logo, morreria, se jogou contra o corpo do Capanga-Sem-Nome, fazendo com que caísse. Luiz não perdeu a oportunidade e também lhe estourou os miolos.

Vendo que Jimmy já não representava mais perigo, suas agora ex-escravas o mobilizaram com as cordas que seriam usadas em Luiz, Letícia e Miguel.

- Meninas, muito obrigado, mas agora vão ser livres. Já não há mais perigo algum pra vocês aqui nesta cidade, porque esse aí – disse apontando para Jimmy – não vai ver o pôr do sol de hoje!

Quando ficaram sozinhos no quarto, Luiz correu para salvar Miguel, mas percebeu que a vida do Rapaz estava por um fio. Naquelas condições de fim do mundo, era impossível salvá-lo.

Foi então que Luiz soltou os braços de Letícia e deixou que passasse os últimos minutos da vida do Menino, com dignidade.

- Vamos dar um pouco mais de privacidade para os dois, Jimmy! – Gritou Luiz, ao erguer a cadeira em que o Velho roqueiro estava.

Luiz Paulo arrastou-o até a beira da escada e o chutou de frente. Foi uma queda e tanto, pois Jimmy terminou o primeiro lance com o ombro esquerdo claramente fora do lugar.

Outro chute e o corpo de Jimmy terminou de rolar o que faltava da escadaria. Lá em baixo, Luiz percebeu que seu pé

direito havia se quebrado, e disse para o ofegante e suado Jimmy:

- Mas não tem problema, porque você jamais vai andar novamente!

Ergueu Jimmy, que já não estava mais preso na cadeira, que se despedaçou na queda, e o sentou no sofá. Foi quando ouviu um urro inumano de Letícia, e soube que jamais veria Miguel novamente.

Enforcou Jimmy com sua mão e, quando viu o brilho sumindo de seus olhos, perguntou-lhe:

- Um minuto no futuro ou uma hora no passado? O que você escolheria, hein Jimmy?

Mas não houve resposta. Quando Luiz soltou o pescoço de Jimmy, já não havia mais vida naquele corpo. Luiz escarrou no rosto do cadáver e subiu acudir Letícia, que chorava copiosamente.

ENTERRO NO QUINTAL

Como era de se esperar, Luiz encontrou Letícia no chão, agarrada com o corpo do filho. Enquanto ela chorava, ele procurou uma blusa para Letícia. A encontrou no outro quarto, que aparentemente era de uma moça chamada Mayara, pois haviam aquelas letras na estante, que formavam esse nome.

Encontrou uma blusa branca e sem mangas, que achou que serviria. Trouxe também, o maior sutiã de bojo que encontrou.

Passado o estágio inicial do choque, Letícia se vestiu e foi como se a roupa fosse dela, pois serviu perfeitamente.

Enquanto ela se vestia, Luiz foi procurar a 1911 de seu pai, mas não a encontrou. Já estava desistindo quando Letícia disse que a arma estava junto ao corpo de Pirata.

Não se pode dizer que Luiz chegou a ficar feliz, mas seu coração se abrandou quando a colocou de volta no coldre.

Inicialmente, Letícia não quis carregar consigo a arma com que Pirata tirou a vida de seu filho, mas logo foi convencida por Luiz, de que a situação não lhes permitia esse tipo de atitude. Assim, ele pegou todas as balas que encontrou para o 38, e colocou na mochila, depois de recarregar o tambor com os dois tiros faltante.

Tirou o cinto e coldre de Pirata, o reajustou para o tamanho de Letícia e a ajudou a colocá-lo:

- Armas não matam pessoas. Pessoas matam pessoas... Faça com que dessa arma, nunca mais saia uma bala que tire a vida de quem não mereça morrer.

Não havia a possibilidade de enterrar todos os corpos que encontrassem pelo caminho, mas Miguel não era qualquer um e merecia um enterro digno.

- Miguel adorou aquele flamboyant desde que chegamos – Disse Letícia – Eu gostaria de enterrar ele debaixo dele.

Luiz achou que a ideia era bastante adequada e foi até o que parecia ser o quartinho da bagunça da casa e encontrou uma pá. Enquanto Letícia limpou o corpo de Miguel da melhor forma possível, e o envolveu em um lençol branco, Luiz cavou uma cova bem razoável para o Menino, considerando o pouco tempo de que dispunha.

Já passava das 18h quando a última pá de terra foi colocada, e Luiz abraçou Letícia, que só chorava:

- Ele era meu único filho e era maravilhoso. Teria sido um grande homem!

- Teria, não – disse Luiz – foi! Ele é um herói que morreu para manter a honra da mãe. Os sábios dizem que há tempo de viver e há tempo de morrer. Uns duram muito, e outros não tem a mesma sorte. Mas Miguel descansa nos braços do Senhor porque foi honrado e justo, sabendo respeitar "pai e mãe".

Antes de irmos, precisamos rezar por sua alma, para que Deus o conserve sempre ao seu lado, e para isso, nada melhor do que evocarmos Santo Agostinho – Disse Luiz, que segurando as mãos de Letícia sob o mais lindo pôr do sol que jamais viu ou tornou a ver, declamou:

A morte não é nada.

Eu somente passei

Para o outro lado do Caminho.

Eu sou eu, vocês são vocês.
O que eu era para vocês,
Eu continuarei sendo.

Me deem o nome
Que vocês sempre me deram,
Falem comigo como vocês sempre fizeram.

Vocês continuam vivendo
No mundo das criaturas,
Eu estou vivendo
No mundo do Criador.

Não utilizem um tom solene
Ou triste, continuem a rir
Daquilo que nos fazia rir juntos.

Rezem, sorriam, pensem em mim.
Rezem por mim.

Que meu nome seja pronunciado
Como sempre foi,
Sem ênfase de nenhum tipo.
Sem nenhum traço de sombra
Ou tristeza.

A vida significa tudo
O que ela sempre significou,

O fio não foi cortado.
Porque eu estaria fora
De seus pensamentos,
Agora que estou apenas fora
De suas vistas?

Eu não estou longe,
Apenas estou
Do outro lado do Caminho…

Você que aí ficou, siga em frente,
A vida continua, linda e bela
Como sempre foi.

SEGUINDO O CAMINHO:

Assim que terminaram as orações pela alma de Miguel, os dois saíram da casa e seguiram viagem.

Durante mais de três horas, caminharam sem nada dizer, até que Letícia disse:

- Não aguento mais caminhar. O dia hoje foi infernal e só quero dormir.

Luiz Paulo, que também não estava mais em condições de seguir muito adiante, concordou em parar e disse que andariam somente até a próxima casa, que se encontrava cerca de 400 metros adiante.

Conforme se aproximaram, perceberam que se tratava de uma cabana bem simples, porém equipada com tudo o que precisavam. Havia comida enlatada, fogão a gás e até mesmo algumas bebidas. Porém, nada comeram. Letícia deitou-se na única cama de solteiro disponível e Luiz se ajeitou no sofá. Ambos dormiram um sono cheio de sobressaltos, mas sem acordar.

No outro dia, Letícia levantou 9 horas e preparou um café da manhã completo, com virado de ovo com farinha, ovos mexidos com bacon, orelha de padre e café, que exalou um cheiro tão bom, que acabou acordando Luiz.

- Achei que você nunca mais acordaria – Disse ela.

- Tem sido dias difíceis – Respondeu Luiz, enquanto ia para o banheiro.

Após se fartarem, Letícia perguntou se poderiam ficar mais umas três horas na cabana, para que ela pudesse fazer comida para viagem, com o que Luiz concordou.

Eles partiram pouco depois do meio dia e o sol era inclemente. A próxima parada, se tudo desse certo, seria em Balneário Camboriú.

TIROS E RATOS

O caminho até Camboriú não foi fácil, porém tudo transcorreu sem surpresas. Caminharam sempre nos momentos em que o sol não estava no ápice, e descansavam por volta das 10h até às 14h. Era nessas horas que mais conversavam. Luiz relatava como amava a esposa e filho, e Letícia contava histórias sobre Miguel, quase sempre com os olhos marejados.

A distância entre Laguna e Camboriú é de 183km. Eles precisaram de 6 dias para percorrer o trajeto, pois perceberam que caminhar mais do que 30km em um único dia prejudicava o desempenho no outro.

As noites sempre foram passadas dentro de casas que encontravam pelo caminho. Em duas delas, havia suprimentos e estavam intocadas, parecendo que os antigos donos tinham acabado de sair e poderiam voltar a qualquer momento. Nas outras três, por outro lado, encontraram tudo revirado e, nitidamente, os objetos de valor haviam sido pilhados

- Passam-se os meses e as pessoas não percebem que a maioria das coisas que antes eram caras hoje não tem mais valor – Disse Letícia.

- Velhos hábitos não mudam – Respondeu Luiz, ironicamente.

As coisas começaram a mudar no último dia da viagem a Camboriú, tanto porque o tempo fechou, quanto porque logo no portal de entrada da cidade, eles ouviram estampidos muito parecidos com tiros.

Bum

Bum

Bum

Bum

Bum

Bum

Bum

Eram sete disparos sequenciais e, após uma pausa de uns 30 segundos, a coisa recomeçava.

Conforme foram se aproximando cada vez mais do som, os dois sacaram suas armas e se prepararam para participar – sem querer – de um tiroteio.

Mas logo ficaram aliviados ao constatarem que não se tratava de uma guerra de gangues ou algo parecido.

Na verdade, os tiros partiram de um 357 que estava nas mãos de um homem gordo, de barba branca e chapéu Panamá. Ele estava vestido em um terno branco completo (o que era impressionante, naquele calor) e seus sapatos eram pretos e brilhantemente impecáveis.

Ele direcionava sua cadeira para lá e para cá, atirando em ratazanas enormes, que se fartaram de comer lixo e se reproduziram sem controle ante a ausência de predadores animais ou humanos.

Bem de longe, Luiz e Letícia se aproveitaram do intervalo de tempo que o homem levou para tirar as cápsulas deflagradas do tambor e inseria outras, para gritarem:

- Olá! Viemos em paz!

Não obtiveram resposta, mas pelo menos os tiros pararam por um tempo. Como viram que o homem colocou seu revólver no coldre, também fizeram o mesmo.

Ao se aproximarem, disseram:

- Sou o Luiz.

- E eu, a Letícia. Qual seu nome?

- Antes, eu costumava ser conhecido como Dr. Carlos, coisa de fórum, aquela liturgia idiota toda, vocês sabem. Mas hoje me chamam de O Gordo da Cadeira de Rodas – Respondeu Carlos, com um charuto entre os dentes – Ao seu dispor.

- Vejo que o senhor anda bastante ocupado – Disse Letícia, enquanto apontava para as centenas de corpos de ratazanas que Carlos havia dizimado.

- Essas pragas saíram do controle! Se ninguém fizer nada – Justificou Carlos – logo serei devorado! Fora que eu me divirto um pouco assim. Não posso descer lá pra baixo...

- Realmente, deve ser difícil com essa cadeira – Disse Luiz.

- A cadeira não me incomoda, já estou habituado, afinal, é ela que me leva e traz desde que eu me conheço por gente. O problema é a verdadeira guerra de gangues que tomou conta dessa cidade! Tudo era tão bonito antes da Pandemia, e tranquilo depois dela... Mas de uns 40 dias pra cá, esses degenerados chegaram e tomaram a orla toda, que agora tem tanto tiroteio que parece uma favela do Rio de Janeiro.

- Como assim, tiroteio? – Quis saber mais, Luiz.

- Eu não sei ao certo, mas me parece uma guerra de gangues por território. Hoje em dia, as notícias já não correm como antes, não é mesmo?

- Certamente – Concordou Letícia.

Como perceberam que aquele papo não os levaria a lugar algum, começaram a querer encerrá-lo, mas Carlos os convidou para pernoitarem em sua casa.

- Já é fim de tarde e não passa muita gente por aqui. Tenho um quarto de hóspedes e gostaria de conversar. Lhes faço um feijão super cremoso, eu prometo! Minha casa fica três quadras daqui!

Como, de fato iriam ter que procurar abrigo em breve, decidiram aceitar a oferta.

FEIJÃO CREMOSO

Enquanto caminham lentamente ao lado da cadeira de rodas de Carlos, Luiz e Letícia estão genuinamente interessados e curiosos com o novo amigo e sua história. Mas antes que possam questioná-lo sobre como um deficiente físico consegue sobreviver naquele ambiente hostil, eles chegam e são recebidos pelo Golden Retriver de Carlos, que já é idoso e se recusa a oferecer qualquer tipo de resistência aos estranhos, afinal, estão acompanhando seu dono.

Elton é seu nome. Ele o ganhou em homenagem ao cantor britânico, que era o ídolo de Matilde, falecida esposa de Carlos. "Ele é loiro como o Sir Elton, e esse será o seu nome", disse 11 anos antes.

A única coisa que Elton queria era cafuné, e exigiu de todos os presentes, que brincasse com ele, o que os visitantes fizeram com gosto.

- Agora é moda tratar cachorro como gente. Ou era, antes da Pandemia. Mas eu sou pioneiro nisso. Matilde e eu nos conhecemos numa feira de adoção de cães e gatos abandonados – Contou Carlos.

- Que fofo – Disse Letícia.

- Super fofo... O que não é fofo é esse calor escaldante. Vamos entrando. Sintam-se em casa – Respondeu Carlos.

A casa não era tão grande, mas bem maior que as existentes na região. O portão de entrada era alto e os muros o acompanhavam. Uma vez que se estava dentro do terreno, não era possível ver a rua.

A casa em si, ficava bem no meio do terreno, que era praticamente todo gramado. Sua construção, nitidamente tinha

se inspirado no estilo “casa de praia”, e havia uma varanda que a circundava.

A sala era desproporcionalmente grande em relação aos outros cômodos. Tendo, talvez o triplo de tamanho. O que não quer dizer que os demais ambientes fossem pequenos.

- Vão se lavar, trocar de roupas, sei lá... Tem uma bacia no banheiro e a água está limpa – Disse Carlos – Enquanto isso, vou preparar um lanche pra gente.

Os dois foram, e de bom grado. Letícia usou o banheiro primeiro, e quando saiu, estava envolta num roupão que Carlos havia entregado a Luiz, juntamente com um par de pantufas, disse:

- Não seja bronco e use o sabonete de rico que ele tem. É da L’Occitane, coisa fina. Provavelmente sua esposa usa.

Sim, Laura usava L’Occitane quando o Mundo ainda era o Mundo. Luiz não usou o produto, mas abriu a tampa para sentir o cheiro da esposa.

Quando saiu do banho, também ganhou um roupão e pantufas. De acordo com Carlos, que também já estava com os mesmos trajes, aquele era o seu kit de boas vindas.

Tomaram café na cozinha, que era bastante arejada e tinha uma mesa rústica. Havia café, suco de laranja industrializado, pão caseiro, salame, torresmo e champanhe Mumm.

- Desculpe por não poder servi-los melhor, mas é que são tempos difíceis – Queixou Carlos.

- Se esse são os seus “tempos difíceis”, fico imaginando como as coisas eram quando estava tudo bem – brincou Letícia.

- É, eu nunca tomei champanhe no café da tarde – Respondeu Luiz.

- Matilde jamais recebeu alguém para um café, sem fazer dois ou três bolos, bolachinhas, pães, tortas, café, chás, sucos e afins. Sempre achei exagerado, mas era o jeito dela ser e eu a amei mais do que a mim mesmo – Contou Carlos – Ela era linda e tinha um coração puro. Ela conseguia ser unanimidade por onde passava.

A conversa se estendeu por esse caminho durante cerca de 2 horas, e os três, sempre sob o olhar atento de Elton, falaram sobre as suas vidas e planos. Carlos lhes contou sobre a sua poliomielite e como isso pouco atrapalhou sua vida de Advogado.

- Como você consegue manter tantos suprimentos? É impressionante de qualquer modo, mais ainda sendo você um deficiente físico! – Pontuou Luiz.

- Se você tiver inteligência e um pouco de dinheiro, aliado a alguma influência, você acaba conseguindo o que quer... – Desconversou Carlos, que os convidou a descansarem em sua biblioteca enquanto ele cozinhava o seu “mundialmente famoso na vizinhança pré-pandêmica”, feijão cremoso.

A biblioteca de Carlos ficava em uma sala charmosa, com piso de madeira. Havia duas cadeiras Charles Eames, cada qual ladeada com uma mesinha contendo um cinzeiro para charutos e um abajur. Letícia apenas sentou e dormiu imediatamente, mas Luiz vasculhou as obras expostas ali. Não havia livros raros, mas somente boas edições, de autores consagrados como Camões, Jack London, Bukowski, Winston Churchill, Shakespeare, Saramago, Monteiro Lobato, Tolkien, Rosamunde Pilcher e Hemingway.

Devido ao seu momento de vida atual, optou por ler trechos de "O Senhor dos Anéis", de Tolkien. Aquele livro foi o primeiro que o fisgou de verdade, ainda na infância.

Luiz Paulo sentou-se para ler mais confortavelmente, e logo começou a sentir o cheiro do feijão, mas acabou dormindo mesmo assim.

Ambos foram gentilmente acordados por Carlos cerca de 90 minutos depois, e foram jantar, que transcorreu de maneira bastante harmoniosa. Havia, além do feijão cremoso, arroz branco, ovos fritos e salada de tomate.

Enquanto tomavam uma dose de Vinho do Porto, Carlos disse:

- É claro que eu lamento pelas pessoas que morreram. Eu daria a minha vida, o pouco que resta dela, para ter um minuto com Matilde, só para lhe dizer mais uma vez que eu a amo e sempre amarei... Mas o que mais me entristece é que nós falhamos enquanto civilização. Os exemplos são vastos e inumeráveis, mas vamos focar nessa taça de Vinho do Porto... Nós levamos gerações para aperfeiçoar o conhecimento que nos possibilitou produzi-lo tal como conhecemos. Centenas de anos foram necessários para construirmos tudo o que envolve a produção em larga escala, a distribuição, a venda... Enfim, tudo o que possibilitou que aquela uva virasse essa bebida que hoje estamos bebendo nessa taça chique de cristal que a minha mulher comprou pelo preço de um rim... Tudo isso foi perdido. Todo esse conhecimento foi desperdiçado. Logo as pessoas, gente como nós, irão morrer e os que eventualmente ficarem, se é que ficarão, jamais conseguirão reproduzir isso tudo novamente. Foi uma sequência de fatores e fatos que nos permitiu chegar onde chegamos e ser quem somos. É como diz o ditado africano: Quando um velho morre, uma biblioteca pega fogo.

Após razoável período de tempo, que usou para raciocinar, Letícia disse:

- Eu realmente concordo com você. De verdade, mas tenho um lado mais otimista que tende a acreditar que a raça humana irá se reerguer. Nós chegamos até aqui "do zero". Dessa vez, o conhecimento já existe e está registrado nos livros e servidores de computador, que poderão ser religados com um pouco de esforço para fazer a energia fluir novamente. Nós só temos que repensar nossas prioridades e unir esforços para trabalhar em equipe!

- Esse é o problema – Responde Carlos.

- Falando em problema – interrompe Luiz – nós precisamos de suprimentos para seguir o nosso caminho. As armas que temos não servirão para enfrentarmos os perigos que essa cidade oferece. Talvez nem para as próximas.

- Eu conheço um lugar promissor – Diz Carlos – não fui lá ainda porque tem escada e o elevador parou de funcionar sem energia. É a Delegacia de Polícia de Balneário Camboriú. Acho que o local já deve ter sido todo depredado, mas é possível que a Sala-Cofre ainda esteja intacta.

- E como você pretende abri-la? – pergunta Luiz.

- O Delegado era meu irmão. Conheço a senha.

- Qual a distância dessa Delegacia, daqui? – questiona Letícia.

- Pouca... Uns 15 quarteirões – responde Carlos.

- Nós vamos lá amanhã. Cedo. – Diz Luiz.

- Iremos – brada Carlos - Vão dormir, a cama é de casal, mas como são um, não há problema diria Matilde.

- Não somos um casal – Responde Letícia.

- Não? Bom, ainda não – Retruca Carlos. Os anos de advocacia contenciosa praticamente lhe impediam de "perder" uma discussão, por mais frívola que seja.

E, como de fato não eram um casal e Luiz não tinha a menor intenção de trair sua esposa, Letícia dorme na cama e ele, no chão com seu saco de dormir.

A CAMINHADA

O dia seguinte amanheceu chuvoso e com trovoadas ocasionais. Luiz, ainda deitado, foi acordado por Letícia, que lhe chacoalhava com os pés.

- Bom dia, trator! – Disse rindo

- Bom dia... Eu estava esperando pelo dia que você começaria a reclamar do meu ronco – Respondeu Luiz.

- Não estou reclamando.

- Ainda...

Enquanto Luiz se levantava e escovava os dentes no banheiro, Letícia aproveitou para tirar o pijama que Carlos lhe emprestou e vestiu suas próprias roupas, que agora estavam lavadas, assim como as de Luiz.

Luiz, saindo do banheiro, parou para olhar a paisagem na janela e disse:

- Será que ele vai querer sair nessa chuva?

- Acho que sim – respondeu Letícia – Você, no lugar dele, perderia a oportunidade? Eu não.

- Nem eu.

A resposta veio à galope, teria dito a avó de Letícia, pois assim que saíram do quarto, os dois viram Carlos completamente paramentado para a "expedição delegacia", como disse. Inclusive com uma capa de chuva da Invictus.

- Matilde disse que eu jamais usaria essas tranqueiras todas. Por muito tempo ela esteve certa, mas não hoje – cantarolou Carlos.

Foram para a cozinha e encontraram a mesa posta, com café, leite e pães caseiros frescos.

- Eu nunca vou te entender – diz Letícia, estupefata – Que hora você dorme? Como consegue essas coisas?

Luiz concorda e ri, mas Carlos apenas sorri e responde que não é nada demais.

Após um café da manhã tranquilo e de conversas amenas, o trio se junta ao cão Elton (que também tinha uma capa de chuva) e começa a caminhada.

No início, tudo transcorre sem grandes esforços, porém logo a descida acaba e Carlos começa a fazer força para mover sua cadeira.

- Posso te empurrar? – Pergunta Luiz.

- Por favor! Isso já foi mais fácil antes...

Para ajudar com o progresso, Letícia se alterna com Luiz a cada quarteirão e o trio consegue manter um bom ritmo, sempre ladeados por Elton, que ocasionalmente diminui a marcha para marcar território.

- Imaginem só, virar proprietário te uma coisa só por ter mijado nela? – Diz Carlos, gargalhando.

- Não deixa de ser uma ideia atraente – zomba a ofegante Letícia, que estava na sua vez de empurrar a cadeira.

EXPEDIÇÃO DELEGACIA

Aos pés da escada da Delegacia Geral de Balneário Camboriú, os quatro param para descansar. Letícia e Luiz sentam-se no primeiro degrau da escada e Carlos fica de frente para eles, com Elton deitado ao seu lado. Parou de chover, mas certamente não por muito tempo. E o mormaço se fez, cercando-os opressivamente.

Ali, eles rememoram que precisam de armas, carro, e suprimentos para seguir viagem. Ficam alguns instantes em silêncio, mas pensando a mesma coisa: Logo estarão separados pelo destino. Carlos não pode (e não quer) acompanhá-los, apesar de gostar muito dos seus novos amigos. E é um sentimento recíproco.

- Então vamos buscar – Diz Carlos.

Assim que se levantam e começam a bolar estratégias de como subir a cadeira de Carlos, Elton fica alerta, como se também pudesse ajudar.

- A melhor forma de vencermos essa escada com esse tipo de cadeira é eu encostar as rodas traseiras no primeiro degrau e o Luiz me puxar pra cima, um degrau por vez, enquanto a Letícia fica na minha frente frente, garantindo que, se o Luiz se desequilibrar, eu caia pra trás, e não pra frente, o que seria bem pior – Explica Carlos.

- Ninguém melhor do que você, para nós dizer a técnica certa – Concorda Luiz – Então vamos fazer.

Para facilitar um pouco as coisas, eles deixam suas mochilas aos pés da escada, e Elton faz a guarda delas. Não que houvesse real chance de alguém furtá-las em tão pouco tempo. As coisas mudaram bastante desde que o vírus SARS-CoV-2 entrou em ação. Mas foi bom, porque assim até mesmo Elton pôde se sentir útil.

O trio levou cerca de 5 minutos para vencer os 12 degraus daquela escada que os separavam do objetivo.

Quando puseram Carlos no hall de entrada, Letícia desceu pegar as coisas que haviam ficado para trás e fez carinho em Elton, agradecendo-o por ter feito um bom trabalho. Ele, todo garboso e feliz, a acompanhou na subida, ao encontro dos demais.

Por um breve período, acharam que encontrariam a Delegacia intocada, pois a porta estava fechada. Mas logo perderam essa esperança, pois a recepção havia sido revirada.

Ou os baderneiros eram educados o suficiente para fechar a porta, ou ela tinha sido batida pelo vento. Essa era a opção mais provável, na opinião de Letícia.

A recepção tinha uma janela grande, que dava para a rua, uma porta que dava para o alojamento e banheiro, outra porta que levava até a cozinha e uma terceira (além daquela de entrada), que terminava na parte dos escritórios. Era ali que aquele imóvel se diferenciava de uma residência comum, pois havia uma grande sala de operações, com um mapa de Balneário Camboriú numa parede, uma planilha bem longa de telefones e e-mails dos mais diversos órgãos do Governo na outra e vários computadores, que agora faziam companhia para as mesas e materiais de escritório revirados no chão.

Ali, tiveram que abrir caminho para que a cadeira de Carlos pudesse passar, mas isso não impediu que a roda traseira direita da cadeira atropelasse um teclado Microsoft muito bom e objeto de desejo de 9 entre 10 escriturários num tempo não muito distante.

Quando chegaram na sala do Delegado, que também estava revirada e tinha todas as suas gavetas e armários arrombados,

Carlos apontou para um quadro grande (e quebrado) no chão e disse: Aquele era o meu irmão. Seu nome era Eupídio.

De fato, pensou Luiz ao ler a inscrição no rodapé da foto: Dr. Eupídio Hoffmann – Delegado Seccional. O homem era branco, magro, sem barba, nariz fino e comprido, com cabelos somente nas laterais da cabeça. Parecia confiável, simpático e inteligente.

Carlos estacionou sua cadeira de lado, rente à porta da Sala-Cofre e girou seletor de números, cantarolando baixinho:

- Partindo do 0, dê três voltas no sentido horário e pare no número 56. Volte para o sentido anti-horário, uma volta completa, e pare no número 18. Gire novamente no sentido horário, até o número 4.

Carlos colocou as duas mãos na alavanca central e, quando achou que precisava de ajuda para movê-la, às engrenagens começaram a ceder.

Por razões óbvias, foi Luiz quem abriu a porta, que era bem mais pesada do que ele esperava e, até mesmo que julgava necessário, afinal de contas ali não era o Banco Central do Brasil.

A sala, que tinha um ar seco e parado – bastante desagradável aos pulmões – era de bom tamanho. Letícia estimou uns 20 metros quadrados. Haviam prateleiras de concreto de cima abaixo e todas as paredes e, no centro, uma mesa de cimento queimado bem grande e robusta. Havia uma lâmpada no teto, bem em cima dela, que agora já não funcionava mais.

Os três usavam suas lanternas para ver tudo, pois como não havia janelas para proporcionar luminosidade natural, o ambiente era basicamente o de uma caverna.

- Meu irmão foi quem mandou construir isso aqui – Contou Carlos - As paredes, assim como o teto e o chão, são revestidas com uma chapa de aço de 50,80mm. Quando elas chegaram, foi um acontecimento, pois vieram dois caminhões e um guindaste. Ele não deixava ninguém entrar aqui, sem que estivesse junto. E, mesmo com ele, só umas 10 ou 12 pessoas eram bem-vindas. Eu era o único civil que tinha esse privilégio. E o único, fora ele, que sabia a senha. Ele era tão paranoico com isso, que aprendeu pessoalmente a criar a senha da porta, só para não ter que depender do chaveiro. Até a lâmpada, quando queimava, era ele quem subia na mesa e trocava.

Luiz estava impressionado com a organização do lugar. A parede norte era a que abrigava o armamento da policia. Haviam dezenas de fuzis, pistolas e até mesmo um revólver e algumas granadas que, se eram de gás lacrimogêneo, ele não sabia.

A parede sul, por sua vez, era uma verdadeira farmácia ilegal de drogas ilícitas. Todas catalogadas por tipo, peso, responsável pela apreensão e número do processo a que se referia.

A parede leste era a que abrigava os objetos de valor. Joias, metais preciosos, relógios, obras de arte e até mesmo um tapete persa estavam arquivados minuciosamente.

Por fim, a parede oeste era a que guardava as munições que a polícia usava. Letícia achou que, seguramente haviam mais de 100 mil cartuchos ali, dos mais variados tipos.

Em cima da mesa estavam documentos valiosos como títulos do tesouro, documentos confidenciais, provas fotográficas e etc. Elas estavam acompanhadas de uma máquina de escrever Hermes, um calhamaço de folhas de fita PIMACO e uma caneta Mont Blanc Classique vinho.

- O cara era organizado, hein? – Disse Luiz, com clara admiração.

- Era – Respondeu Carlos – Eu vou ficar com o revólver e com a Mont Blanc, que eram do meu irmão. O resto, peguem o que quiserem e puderem carregar.

Letícia, que estava carregando somente o revólver 38 que era do Pirata, deixou a arma com gosto em cima da mesa e a substituiu por duas Glock. Além dos pentes que cada uma delas trazia consigo, ela pegou mais 8 sobressalentes, que começou a carregar ali mesmo, na mesma mesa onde Dr. Eupídio tantas vezes fez o mesmo.

Luiz escolheu apenas mais uma arma, já que não queria se desfazer da 1911 do pai. Também escolheu a boa confiável Glock, mas pegou somente 4 carregadores, os quais Letícia também encheu.

- Acho que vocês deveriam levar cinturões com dois coldres, para facilitar o transporte – Disse Carlos. Além de uma Calibre 12 e aquela AR-15 ali... Ponham o máximo de munição que conseguirem carregar, na mochila. É o que farei com esses 5 milheiros de 357 aqui. O meu estoque já está pela metade.

Luiz e Letícia aceitaram o conselho de Carlos, e o trio ainda discutiu se era interessante levarem colete a prova de balas, escudo balístico, spray de pimenta, tonfa e as granadas de gás lacrimogêneo. Concluíram que só as granadas poderiam ser úteis a ponto de valer serem carregadas.

Não houve debate sobre se a porta da Sala-Cofre deveria ser fechada. Ninguém dos três queria desrespeitar o santuário do Dr. Eupídio, e muito menos que aquele arsenal caísse em mãos erradas.

Quando estavam de volta na sala do Delegado, Carlos anotou a senha do cofre num bloquinho de papel e entregou para Luiz, dizendo:

- Provavelmente seja útil dar uma passada aqui, na volta. E talvez eu já não esteja mais aqui.

Antes que houvesse perguntas, Carlos pediu para Letícia lhe dar uma plaquinha em formato de triângulo, com os dizeres: Dr. Eupídio Hoffmann – Delegado Seccional, o que ela fez, perguntando se ele também não queria o quadro com a foto do irmão. Carlos disse que não, pois tinha um quadro igual em casa.

No momento em que saíam da sala e voltavam para o escritório dos policiais, Luiz percebeu que havia um rádio da polícia daqueles bem grandes, ladeados por 12 walkie-talkies. Não sem pesar, pensou em tudo o que poderiam fazer com aquele equipamento, se tivesse energia! Também não lhe passou despercebido, a alegria de Elton, ao deixar aquele ambiente de ar pesado para trás.

Antes de deixarem a Delegacia, julgaram que seria bom dar uma olhada nos outros ambientes, ainda que só de passagem. Apesar de estar tudo revirado, as vezes o lixo de um é o tesouro de outro, e eles poderiam encontrar algo de valor para eles.

Na cozinha, onde Letícia nutria uma pequena esperança de encontrar comida, nada encontram senão tudo revirado. No alojamento, não chegaram a entrar, pois os armários e as camas estavam revirados de tal modo que seria muito difícil conseguirem passar. Para Carlos, seria impossível com sua cadeira de rodas.

Mas como milagres acontecem, na garagem eles encontram uma viatura em perfeito estado e com combustível. A bateria estava arriada, o que não era exatamente um grande problema, pois a Delegacia ficava numa esquina, e a rua da garagem era uma descida.

Enquanto Luiz e Letícia conversam sobre como empurrar o veículo para o portão, Carlos presta mais atenção aos detalhes. O veículo era um Hyundai Creta preto, com faixa branca nas portas e com a inscrição "Polícia Civil" nas portas e capô. A sirene, de LED bem fininho, ficava no teto e no para-choque reforçado. Esse era o único ponto positivo do carro.

- Meu irmão odiava esses carros. Dizia que eram frágeis como uma caixa de leite – Comentou Carlos.

- Não posso discordar – Responde Luiz.

- Eles compram carros assim, porque são baratos. E a corrupção rola solta em licitações. Daqui três anos iriam trocar tudo de novo. Eles nunca pensavam no futuro... foi isso que deu – Completou Letícia.

Foi decidido que Letícia ficaria ao volante, enquanto Luiz empurraria a viatura. Na descida, Letícia deu tranco e fez o motor funcionar. Para recarregar a bateria, deu uma volta no quarteirão e estacionou na porta de entrada. Luiz, Carlos e Elton a esperavam ali.

- Porque não entramos com o Carlos por aqui? Teria evitado aquele esforço todo! – Reclamou Letícia.

- Presumimos, erroneamente, que o portão estava fechado – Respondeu Luiz, claramente envergonhado.

Elton subiu no banco traseiro e Luiz carregou Carlos para o banco, colocando sua cadeira no chiqueirinho da viatura. Luiz sentou-se no passageiro e Letícia dirigiu de volta para a casa de Carlos. Não sem pesar, pensou que em minutos o quarteto seria desfeito.

A DESPEDIDA

Ao chegarem na casa de Carlos, Letícia decide estacionar na garagem, para facilitar o desembarque da cadeira de rodas.

Luiz desce para abrir o portão, quando se depara com um vagabundo saindo pela porta da cozinha. Ele carregava o porta-joias de Matilde.

Luiz manda que o Meliante – um homem baixo e magro, moreno de cabelo liso e mandíbula claramente torta, ponha a caixa no chão, o que ele faz.

Assim que deixou a caixa, se pôs a correr e foi alvejado por Carlos com um único tiro, na cabeça.

Luiz assustou com o disparo, pois não o estava esperando, já que se encontrava de costas para a viatura.

Mas o susto de Letícia foi maior, apesar de ter visto Carlos sacar a arma, porque o para-brisas estourou.

O único que, aparentemente não assustou foi Elton, que já estava acostumado com os tiros "aleatórios" do dono.

Assim que o primeiro susto passou, Luiz correu até o corpo e, mesmo de longe, percebeu que o Bandido estava morto.

Quando voltou para contar a novidade, Letícia estava ajudando Carlos a sentar na cadeira.

- Você atira bem – disse Luiz para Carlos – de dentro do carro, a uns 20 metros... Na cabeça!

- Servimos bem, para servir sempre. E fazemos o possível para não passar vergonha – respondeu Carlos, com um sorriso discreto, mas perceptível.

Letícia buscou a caixa de joias e entregou à Carlos, que agradeceu e disse:

- Tem uns R$ 100 mil aqui, mas isso não vale mais nada agora. A questão é que eram da Matilde... E eu também não podia deixar aquele Cara entrar aqui de novo – justificou-se.

- Fique tranquilo. A invasão do lar de um homem é o equivalente ao estupro de uma mulher – afirmou Letícia, com concordância de Luiz.

- É isso - respondeu Carlos, com os olhos marejados.

Letícia e Luiz decidiram que era o certo retirarem o corpo do Mandíbula do quintal de Carlos, porque aquilo logo começaria a feder.

Arrastaram o corpo até o quarteirão de baixo e voltaram dizendo que os urubus se encarregar iam do restante do trabalho.

Quando iam se despedir, Carlos os convidou para tomar uma Eisenbahn geladinha. Cada um deles ganhou uma long neck e agradeceu.

No momento do brinde, Carlos lhes disse que não esperava ser tão feliz depois da morte de Matilde e agradeceu por tudo o que fizeram por ele.

- Na volta, passem aqui. Talvez eu ainda esteja vivo – disse Carlos.

E eles prometeram. Desde que Carlos lhes contasse como tinha cervejas geladas, sem energia elétrica.

Carlos riu e disse que não poderia contar, parafraseando Winston Churchill:

- Já matei por menos!

CONTINUANDO A VIAGEM

Luiz e Letícia seguiram viagem com a viatura, que estava de tanque cheio. Passaram por Itajaí, São Francisco do Sul, onde encontraram uma balsa que estava inoperante e os obrigou a realizar um desvio de cerca de 50 km para chegarem em Itapoá.

No estado do Paraná, pararam para pegar gasolina de alguns carros abandonados e logo descobriram que era impossível puxar o combustível pela boca do tanque dos veículos mais novos. Nesse caso, era preciso furar os tanques por baixo, e simplesmente não valia a pena.

Já com os automóveis datados de 2000 para trás, as coisas eram mais fáceis e o velho truque da mangueira funcionou perfeitamente.

Em cerca de 3 km, eles conseguiram encher o tanque da viatura e um galão de 20 litros que Carlos havia lhes dado, juntamente com a mangueira usada para pegar a gasolina dos carros abandonados.

Passaram por Paranaguá e decidiram, em Morretes, que já era hora de pernoitar, até mesmo porque eles estavam cansados e, definitivamente, o motor da viatura não estava gostando nem um pouco da gasolina velha que eles estavam usando. Fora que a inclinação da Estrada da Graciosa, um caminho de 28,5 quilômetros que atravessa o trecho mais preservado de Mata Atlântica do Brasil, também não colaborou.

Antes do vírus SARS-CoV-2, era possível passar pela floresta tropical e pelos belos riachos que nascem na Serra do Mar, de trem.

Luiz Paulo desligou o carro na praça central, e ambos desceram para esticar as pernas.

Fazia tanto calor, que chegava a ser sufocante.

- Como é possível fazer tanto calor aqui? – Reclamou Luiz.

- Essa aprazível cidade do litoral paranaense fica numa espécie de vale, ventos não são comuns por aqui – Respondeu Letícia – Perceba que o rio aí da frente, o Nhundiaquara, que corta a cidade e nasce a partir da confluência dos rios São João e Ipiranga, flui a uma velocidade quase imperceptível aos olhos...

- Realmente. Só percebi a correnteza graças a uma folha de árvore que passava graciosamente diante de nossos olhos.

- Pois é. Será que tem alguém aqui? – Indagou Letícia.

- Não sei... Que tal se a gente andasse por aí, só para descobrir se tem alguma coisa interessante? Fora que ainda temos umas 2 horas de sol e eu realmente não gosto da ideia de passar a noite dentro do carro...

Morretes era considerada uma cidade histórica e turística, fundada pelos jesuítas pelos idos de 1733.

Apesar dos casarões outrora preservados, das ruas que eram extremamente limpas e do seu povo, que era muito acolhedor, a cidade ficou conhecida nacionalmente mesmo, pelos restaurantes que serviam o tradicional barreado, prato típico paranaense preparado com carnes de vaca tais como paleta, acém e músculo, que são ricas em colágeno.

Após serem cozidas por bastante tempo num buraco debaixo da terra, a carne gera um caldo grosso e saborosíssimo, que é misturado com farinha de mandioca crua para fazer pirão.

Antes de montar o prato com acompanhamentos como banana-da-terra e arroz branco, os garçons faziam questão de virar o prato na cabeça dos turistas e mostrar que a mistura – que tem a mesma consistência da argamassa usada para fixação de azulejos – não caia.

Foi justamente num restaurante desses, "O Barreado", que a dupla decidiu entrar. A esperança era que eles pudessem encontrar alguma comida, ou ao menos um fogão em que pudessem esquentar as marmitas que Carlos havia lhes dado.

Entretanto, a sorte não lhes favoreceu e, a única coisa comestível que existia no restaurante era sal.

Pelo menos havia um pouco de lenha e Letícia conseguiu fazer fogo com a pederneira de Luiz.

Quando comeram, Luiz percebeu que sua marmita tinha um "cheiro levemente azedo", mas preferiu não incomodar Letícia com aquilo que, talvez, fosse coisa da sua cabeça.

Mas não era e, cerca de 4 horas depois, Luiz começou a ter dores de barriga que não pararam a noite toda.

De manhã, quando soube o que estava acontecendo, Letícia logo disse:

- Nós não vamos conseguir viajar hoje. Vou pegar a sua garrafa que tem o filtro, e vou armazenar um bom tanto aqui. Nesse meio tempo, você vai comendo só as bolachas que temos e tomando esses tubinhos de enterogermina que tem na sua mochila. Eles são ótimos, mas você já deve saber disso.

Levou três dias para que Luiz se sentisse confiante novamente, para seguir viagem. O período no acampamento,

entretanto, foi suficiente para que eles percebessem que a cidade, apesar de parada, não estava deserta.

Já na manhã do primeiro dia, eles ouviram uma voz que certamente pertencia a uma mulher velha, pregando na praça central, muito provavelmente, ao lado da viatura:

- Veja, Dolores! Eu te disse... O Demônio tem muitas faces! E esse carro da Polícia é só uma delas! Agora você acredita que só a conversão fará sua almas pútrida ser aceita no Paraíso?

- Eu me converto, Cida! Quero que o Senhor Todo Poderoso, do Céu e da Terra, me receba para a ceia sagrada e eterna!

- Ó Glória!

Tanto Letícia quanto Luiz não quiseram sequer ver como eram a dupla de senhoras, e permaneceram deitados no que fora o salão principal do "O Barreado", em dias melhores. Mas ambos, instintivamente, levaram suas mãos para a coronha de suas pistolas.

No restante do dia, "As Fanáticas", como Letícia passou a se referir às velhas, não deram mais o ar da graça.

Porém, na manhã do segundo dia, a pregação recomeçou.

- Dolores, o problema é que você é burra!

- Eu não sou burra, Cida! Você é que não sabe interpretar as Escrituras! Está em Apocalipse 21:8: "Mas os covardes, os incrédulos, os depravados, os assassinos, os que cometem imoralidade sexual, os que praticam feitiçaria, os idólatras

e todos os mentirosos – o lugar deles será no lago de fogo que arde com enxofre. Esta é a segunda morte”.”

- Eu conheço as Escrituras, Dolores! O que estou te perguntando, sua velha burra, é o que essa viatura tem a ver com o Demônio!

- Tem tudo a ver, sua imbecil! Em Apocalipse 13:16-18, Deus disse: “Também obrigou todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos, a receberem certa marca na mão direita ou na testa, para que ninguém pudesse comprar nem vender, a não ser quem tivesse a marca, que é o nome da besta ou o número do seu nome. Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, pois é número de homem. Seu número é seiscentos e sessenta e seis.”

A discussão ainda seguiu por bastante tempo, mas Letícia simplesmente disse para Luiz:

- Eu não preciso me encontrar com essa dupla. De repente a gente vai ter que acabar atirando nelas, e não estou à fim...

Luiz não respondeu, mas a famosa lei do “quem cala consente” se fez valer, mais uma vez e, na manhã do terceiro dia, eles acordaram bem cedo e pegaram a viatura e seguiram viagem, deixando As Fanáticas para trás.

A PONTE PÊNSIL

Apesar de alguns carros estarem parados na estrada e o mato já ter começado a tomar conta de tudo, a viagem seguiu razoavelmente rápida e constante.

Em Antonina, entretanto, a dupla encontrou um obstáculo intransponível: A ponte pênsil, que infelizmente não estava baixada, mas sim levantada.

– Como fazer ela funcionar? – Perguntou Letícia.

- Podemos olhar a sala de máquinas, mas aposto o que você quiser que ela funcionava por eletricidade ou combustível... E como não temos nem um, é nem outro, teremos que dar a volta.

Letícia concordou com a análise de Luiz, porém ambos acharam que realmente valia a pena dar uma olhada mais de perto. Será mesmo, que não havia um "modo manual" de baixar a ponte?

Manual, não. Mas havia um jeito alternativo, que envolvia o uso de motores à combustão. O "jeito tradicional" era a eletricidade.

Não ficaram quebrando muito a cabeça, porque a operação da ponte era bem mais complexa do que apertar um botão de "subir" e outro de "descer".

- É como conversávamos com o Carlos esses dias atrás – lembrou Luiz. Não existem mais pilotos de aviões e ninguém treinado para dirigir veículos específicos, tipo trem ou metrô... E nem para operar pontes móveis. Esse será o grande gargalo da civilização de agora em diante.

- Esse não é um problema nosso - respondeu Letícia, enquanto buscava num Guia Quatro Rodas, estrada que os tirasse dali.

- Não mesmo. Só preciso chegar até Campos do Jordão, para pegar o remédio e voltar pra casa e salvar meu filho.

Já no carro, Letícia mostrou para Luiz, o saquinho de pilhas que vinha carregando desde muito tempo atrás. Seu filho fez questão, pois queria muito poder ouvir suas músicas favoritas mais uma vez... Ele tinha arrumado umas fitas K7 de rock e um Walkman.

- Temos Led Zeppelin, Queen, Pink Floyd, Satriani, Stones, Van Halen, Metallica, AC/DC... Black Sabbath, U2, Iron Maiden, Rush, Elton John, Guns, Clapton, Nirvana, Foo Fighters, Coldplay, New Radicals e, claro, Elvis. O que você quer ouvir?

- Seu moleque tinha excelente gosto! Vamos ouvindo até as pilhas acabarem!

Pouco foi dito, mas eles realmente aproveitaram bastante. Aquela seria, provavelmente, a última vez que ouviram as músicas que mudaram suas vidas.

Quando "Jump", de Van Hallen tocou, Luiz disse que a música o transportou para a época do colégio, quando beijou sua esposa pela primeira vez.

Na vez de "Your Song", de Elton John, Letícia chorou dizendo que um dos momentos mais felizes da sua vida tinha sido quando ela é o filho foram ver o astro britânico na Hípica em São Paulo.

Cerca de 8 horas depois, o walkman parou, silenciando a guitarra de Clapton para sempre.

Depois de um certo momento de silêncio, Luiz agradeceu Letícia pela experiência e contou que leu todos os livros de viagem de Neil Peart, o lendário baterista do Rush, que havia falecido uns anos atrás.

- Num certo trecho de "Músicas Para Viagem", ele diz que não conhecer a música "de cor" é bom porque proporciona uma sensação diferente toda vez que a escuta.

- Concordo com isso. Muito. Mas o contrário também é importante. Conhecer a música significa dizer que, de alguma forma, ela agora se tornou imortal e etérea.

- Também é verdade...

Enquanto ouvia as canções que marcaram época, a vida de Miguel e as suas próprias, a dupla entrou no Estado de São Paulo e passou por Cananéia (onde o Brasil "começou") e por Peruíbe, onde encostaram a viatura no acostamento para acampar.

Não que fosse necessário, já que não viram um único carro rodando ou sequer uma pessoa. Mas simplesmente porque parecia o certo a se fazer.

Letícia entregou para Luiz uma panela com dois miojos e um grande pedaço de pão caseiro, que já estava ficando duro, mas ainda era saboroso.

Assim que se sentaram para comer, sob o céu estrelado do fim do verão, e sentiam uma leve brisa, que era maravilhosa para refrescar-lhes do calor intenso que fazia, Luiz perguntou:

– Como você consegue ficar calma numa situação dessas? Digo... Seu filho foi assassinado... Sei e sinto que você está arrasada, mas ainda assim, você se mantém no controle das coisas...

- A maioria das pessoas não realmente entendem como a vida funciona. Quando Miguel se foi, levou junto uma grande parte do meu coração. Uma parte que jamais vai se recuperar plenamente. Vou ter que me virar e aprender a conviver com isso. É só você ter em mente que esses dias são uma pequena fração da nossa existência, literalmente um suspiro na eternidade. Precisamos ter um senso maior de eternidade... Sei que um dia, vou reencontrá-lo do outro lado do caminho.

O CONSTRUTOR DE MUNDOS

Amanheceu e Luiz logo percebeu que o dia estava nublado. Não se podia dizer que fazia frio, mas as noites claramente já estavam ficando mais frias. Logo o verão daria lugar para o outono e as noites seriam mais longas.

Itanhaém não estava longe, e Luiz pretendia apenas passar por lá, sem maiores paradas.

Como Letícia estava demorando a acordar, Luiz decidiu brincar e despertá-la com o som da sirene da viatura, passando pelos seus mais diversos modos:

- whhoooooooooOOOOoooooooooo
- ee-oo-ee-oo-ee-oo-ee-ooee-oo
- truuuuutruuuuutruuuuutruuuuu

Letícia deu um sobressalto no banco de trás, e um belo de um safanão nas costas de Luiz, que rindo disse:

- Bom dia!
- Só se for pra você!
- Desculpa...
- Só um homem para achar que acordar alguém com um barulho desses seria boa ideia!

Percebendo que havia passado do ponto, Luiz parou com a sirene e deixou Letícia acordar em paz.

Só por brincadeira, ligou o rádio da PM e começou a vasculhar as frequências. O sinal, como esperado, era sempre estático.

- Você pode, por favor, parar com isso? Esse som é irritante – Reclamou Letícia.
- Vou parar, juro! Só preciso conferir uma coisa, por desencargo de consciência...

Quando chegou na frequência 80, que é conhecida como "Faixa do Cidadão", e era destinada aos usuários do Rádio PX antes do vírus SARS-CoV-2 mudar tudo, Luiz capta uma gravação que diz:

- Se você estiver ouvindo isso e tiver interesse em me ajudar a reestabelecer a sociedade como era antes, me encontre na coordenada 24° 10′ 17.67″ S 46° 45′ 42.574″ W...

Quando ouviram isso, ambos se empertigaram. Será que era verdade? Era uma armadilha? Se tratava de um lobo solitário ou era um grupo?

- Precisamos mesmo responder a esse chamado – Perguntou Letícia.

- Nós estamos quase sem comida... e temos só 50 litros de água. Há um risco alto sim, mas acho que o cara realmente está a fim de ver gente, senão não teria feito essa mensagem.

- Concordo com você. Mas e se ele for louco? Como vamos fazer?

- Eu não sei...

Como o silêncio se fez entre os dois, Letícia usou o Guia Quatro Rodas para buscar as coordenadas geográficas da mensagem e descobriu que o endereço era próximo: Avenida São Leopoldo Mandic, 81 – Nova Itanhaém – Praia, Itanhaém – SP, 11740-000, num Clube da Associação dos Cabos e Soldados da Polícia Militar do Estado de São Paulo.

Após alguma consideração, decidem que era mais interessante "atender ao chamado" e ir até o cara.

No trajeto, Luiz disse que não acreditava no fato de que haveria mais de um responsável por aquela mensagem enigmática.

Primeiro que mais de 98% da população morreu. Isso, por si só, já limita bastante as coisas. Depois que, como pudemos perceber nos últimos meses, as pessoas estão evitando contato umas com as outras. Em terceiro lugar, eu acredito que ninguém concordaria em colocar um alvo na própria cabeça...

Letícia concordou com os apontamentos de Luiz, e destacou:

- Eu só não entendo o motivo de ele ter colocado coordenadas geográficas ao invés do endereço...

- Nem eu.

O PREPPER

Quando estavam cerca de 200 metros do outrora conhecido 'Clube da PM', a dupla desceu da viatura e sacou suas pistolas. Nada aconteceu até que apertasse a campainha.

- Porque você apertou a campainha, se não temos mais energia elétrica? – perguntou Letícia.

- Eu não sei... Força do hábito!

Enquanto discutiam essas e outras pequenas implicâncias que Letícia tinha com Luiz, o sujeito que eles convencionaram chamar de 'Prepper', apareceu e disse:

- Eu não realmente achei que fosse dizer isso um dia, mas que saudade de ouvir um casal discutindo intensamente por nada!

- Não somos um casal e não estávamos discutindo – Protestou Letícia.

- Vocês são um casal sim. Só não sabem disso ainda! – Retrucou o Prepper.

- Já nos disseram isso antes – Respondeu um Luiz bastante injuriado.

Após um claro momento de pausa, onde os dois lados estavam se conhecendo e fazendo reconhecimento visual da área, todos baixaram a guarda. Letícia e Luiz repousar a suas pistolas no coldre, e o Prepper deixou que seu AR-15 ficasse pendurado pela bandoleira.

O recomeço da conversa se deu através do Prepper, que era um homem velho, com aproximadamente 75 anos, alto, magro, com careca estilo São Francisco e pele branca. Ele vestia camisa sem manga, calça jeans e um sapato social que parecia ser bem confortável:

- Sou o Alberto e venho em paz. E vocês, quem são?

- Sou o Luiz, e ela, a Letícia. Também viemos em paz.

- Isso é bom. Significa que ninguém vai se machucar! – Disse Alberto, rindo.

- Nós desviamos nosso caminho para atender ao seu chamado – Completou Letícia.

- Muito bom... Não tiveram medo de ser uma armadilha ou coisa assim? – Perguntou Alberto.

- Tivemos. Mas a história é escrita pelos corajosos, não é mesmo? – Redarguiu Luiz.

Sim, sim... – Concordou Alberto, olhando para o mar – Faz 5 meses que estou morando aqui no Clube... Eu nunca me canso de contemplar o mar.

- Porque o senhor colocou uma geolocalização na mensagem, ao invés do endereço? – Questionou Letícia.

- Para evitar curiosos e pessoas que em nada poderiam agregar ao meu objetivo de reestabelecer a sociedade, por meio da Internet. Já tenho eletricidade solar e a rede com dois dispositivos, que pode ser facilmente expandida. Só me falta a água e uma forma de produzir alimentos... Me desculpe, eu divaguei. Ocorre que para encontrar esse lugar por meio de coordenação geográfica sem um GPPS, é realmente difícil. Isso peneira as pessoas que chegam aqui. Na verdade, vocês são os primeiros...

- Então ele é um prepper mesmo! – Disse Letícia para Luiz.

- Prefiro ser chamado de Sobrevivencialista... Mas Prepper, no sentido de estar preparado para qualquer tipo de desastre também não é ruim. – Disse Alberto, que falava mais para si mesmo, do que para a dupla.

Após mais alguns instantes de conversa, Alberto disse que estava ficando escuro e que eles deveriam passar a noite com ele.

- Vamos entrar! Como aqui era um Clube de Policiais que traziam a família para férias, o que mais temos são camas.

O CLUBE DOS MIKE

Realmente, o lugar era um Clube de Verão para policiais e familiares, com quartos e tudo o mais. A única diferença entre aquele é qualquer outro clube, era que ali havia uma guarita em cada ponta do terreno. Foi de uma delas que Alberto os viu antes de ser visto.

A recepção era bastante pequena e não demonstrava a dimensão do Clube, que contava com 50 quartos, salão de jogos, academia, 5 áreas de churrasqueiras, 3 piscinas, sauna, salão de festas e entrada privativa para a praia.

Apesar da ampla gama de quartos disponíveis, a dupla preferiu se alojar na unidade 38 (simbólico, pensou Luiz), já que esta ficava no terceiro e último andar, de frente para o mar. O quarto em que Alberto estava morando era o 45 (não menos simbólico!), que ficava no mesmo corredor, mas na outra extremidade.

- Esse é o quarto que fica mais longe da porta – Disse Alberto – Não que isso signifique muita coisa nos dias de hoje, mas nunca se sabe.

- Sim, entendemos! Força do hábito! Foi por isso que eu quis trazer a viatura para dentro. Apenas para garantir!

O quarto 38 tinha uma cama de casal e duas de solteiro, e foi nessas que cada um se alojou. Na cama de casal, eles colocaram suas mochilas.

O quarto contava com comodidades como tv, ar-condicionado, frigobar e chuveiro elétrico, mas nada disso funcionava sem a boa e velha eletricidade.

- A energia solar ainda não é suficiente para fazer muita coisa funcionar, porque minhas placas são insuficientes – Justificou Alberto – Boa parte dela é usada para manter a transmissão de rádio ligada.

Letícia achou estranho o cara preferir manter o rádio ligado, a ter água quente, mas pensou melhor e constatou que, com o calor que fazia, não seria necessário um banho quente.

Alberto fez uma volta completa no lugar, apresentando-o aos novos amigos.

- Tive que esvaziar as piscinas, porque a água estava verde e tinha perigo de dengue. Mas fora isso, o lugar está como sempre foi. As únicas modificações que fiz foram no box 03 de churrasqueiras, onde instalei o rádio PX e no jardim, onde coloquei as placas de energia.

- E como você faz para comer? – Indagou Luiz.

- Na despensa havia uma quantidade significativa de comida. Tanto que estou aqui tem meio ano e ainda não consegui consumir metade do que tinha... Só tive que gerenciar umas coisas...

- Entendo. Comer o que estraga mais rápido, e preservar o que dura bastante tempo. – Completou Letícia.

- Isso...

Após o "tour pela 'casa' de Alberto, a dupla foi tomar banho e descansar um pouco, enquanto o jantar seria realizado.

Chegando no quarto, Luiz não deixou de perceber que Letícia estava mais tranquila:

- Você acha que ele está do nosso lado?

- Acho que ele não vai fazer mau pra gente. Mas 'estar do nosso lado' são outros 500 – Respondeu Letícia.

- Porque?

- O negócio dele é reestabelecer as coisas como eram antes. O nosso é sobreviver. Ele está no fim da vida. É normal que queira deixar um legado. Nós ainda temos o tempo ao nosso favor, supostamente.

Mais tarde, durante o jantar, que consistia em uma saborosa macarronada com molho de salsichas tipo Viena, Alberto contou que sempre morou em Itanhaém, e que era casado "há mais de 55 anos com a mesma mulher". Disse, não sem pesar, que ela é suas duas filhas, bem como os genros, netos e todo mundo o mais, haviam morrido.

Quando Luiz perguntou como ele havia chegado ali no Clube, a resposta foi bastante simples e lógica:

- Porque era mais fácil. Logo imaginei que aqui teria comida em abundância, e acertei. Levar tudo para minha casa, três quadras para trás, seria cansativo e perigoso. Aqui tenho tudo o que preciso, o prédio tem segurança reforçada e a vista é um espetáculo!

- Realmente – Respondeu Letícia.

- Mas agora eu quero saber de vocês, pois vocês já sabem de mim. O que leva vocês a viajarem?

E Luiz passou os próximos 15 minutos contando sobre a doença de seu filho, do objetivo que tinham e das dificuldades que passaram pelo caminho, com pontuais esclarecimentos de Letícia.

- O motivo é nobre, a história é empolgante e vocês sabem contá-la. Deveriam escrever um livro sobre – Disse Alberto.

Após mais alguns instantes, Alberto finalmente perguntou sobre o que realmente gostaria de saber, desde que encontrou a dupla, naquela tarde:

- Como o mundo está?

- Letícia respondeu sem rodeios, apesar de claramente tirar o brilho dos olhos de Alberto a cada nova informação: Após 6 meses sem manutenção, as estradas estão parcialmente destruídas, as pontes caíram e os túneis foram bloqueados. As principais rodovias estão repletas de carros abandonados durante a fuga em massa das cidades, e a gasolina comum, que tem vida útil de aproximadamente 6 meses, está acabando. Em suma, acredito que em 10 anos Boa parte dos vestígios da civilização humana terão sido encobertos pela natureza.

- Apesar de ser triste e desanimador ouvir isso, meio que eu já esperava. Na verdade, a minha maior preocupação são as áreas industriais abandonadas, que podem ter liberado produtos químicos tóxicos... Isso sem falar nas usinas nucleares, que sem manutenção, logo irão criar zonas de radiação – disse Alberto.

- É, tem isso também – concluiu Luiz – A natureza vai reconquistando espaços, pois a vegetação densa cresce sem oposição no asfalto, os animais selvagens vão reocupando as áreas urbanas e tudo volta a ser como era antes da gente...

Após essa conversa melancólica, o trio se separou e todos foram dormir. Carlos na unidade 45, e Luiz e Letícia, na 38. Apesar das muitas novidades para ambos os lados, a noite foi tranquila e as horas de sono, revitalizantes.

No outro dia, quando informaram a Alberto que pretendiam seguir viajem após o café da manhã, foram convencidos a ficar mais um dia para prepararem uma caixa de "suprimentos especiais", de acordo com Alberto.

O dia passou rápido e eles conseguiram suprimentos realmente muito bons e necessários para seguirem viajando. “a caixa” de Alberto, na verdade, era a caçamba de sua Hilux 2018, que estava bastante carregada.

- Tem água, comida, remédios básicos e muito diesel ali na caçamba. Deve ser mais difícil de conseguir, do que gasolina. Mas trocar de carro já não costuma ser tão difícil quanto antes – disse um irônico Alberto.

A dupla realmente se sentiu grata e foi dormir satisfeita naquela noite.

MAIS UM DIA

O Sol ainda não havia despontado no céu, quando o trio se despediu na porta do Clube.

Diferente da emoção que tiveram com a despedida de Carlos, deixaram Alberto para trás com os corações gratos, sim, mas sem cerimonial de qualquer tipo.

- Espero que faça bom uso da viatura, toque a sirene e tal – brincou Luiz.

- Provavelmente ela jamais sairá do lugar novamente – respondeu Alberto – e prosseguiu: desejo que, mais do que obter êxito no seu intento, "eu espero que, quando a Morte te encontrar, ela te encontre vivo", como dizem os africanos.

Cerca de 20 minutos depois, a dupla já estava novamente na estrada.

O dia foi bastante tranquilo e sem maiores obstáculos. Quando estacionaram para montar mais um acampamento de beira de estrada naquela noite, eles já haviam passado por Mongaguá, Praia Grade, São Vicente, Santos e estavam entre Guarujá e Biritiba Miriam.

- A parte que eu mais gostei da viagem de hoje, foi a vista que tivemos de Itanhaém, no topo da subida – disse uma sonolenta Letícia, que estava deitada em seu saco de dormir, na carroceria da caminhonete.

Luiz Paulo, que também se encontrava deitado no saco de dormir, ao lado de Letícia, respondeu:

- A vista realmente era boa, mas eu não pude aproveitar muito, pois a subida era muito íngreme e os freios estavam quase pedindo arrego!

- Boa noite! Obrigada por estar comigo...

- Eu que agradeço... Bons sonhos.

A TENSÃO ESTÁ NO AR

Assim que os primeiros raios de sol resvalaram no topo das árvores que margeavam a estrada, Luiz se levantou. Ele não sabia explicar os motivos, porém, estava bastante tenso e agitado.

Quando Letícia acordou, também não se sentia tranquila e logo foi agilizar o café da manhã dos dois, que consistiria em bolacha Maria, salame, café preto, e suco engarrafado de laranja.

Ambos comeram sentados na borda da carroceria, quase sem falar. Não porque estavam emburrados um com o outro, com medo ou até mesmo pensativos. É que realmente não havia o que ser dito.

Mas ambos concordaram que havia uma "eletricidade no ar, uma energia ruim", como descreveria Letícia meses mais tarde.

Quando terminaram de comer, os dois recolheram os pertences e retomaram a viagem. Foi só aí que Letícia falou:

- Até quando será, que conseguiremos fazer essa caminhonete andar?

- Pelo combustível, dá para ir até onde precisamos e voltar para casa. Em relação às estradas, a cada curva eu penso que pode ser a última. Quando comecei a viajem e vocês me encontraram na ponte, eu achava que seria um bate-volta. Mas olha só, quanta coisa aconteceu!

Cerca de uma hora e meia depois, eles viram o pórtico de entrada de São José dos Campos, que antes do vírus SARS-CoV-2, era uma cidade com cerca de 700 mil habitantes, e tinha um IDH considerado "muito alto" pelo Governo.

Agora, no entanto, no máximo 14 mil pessoas moravam ali e parecia que todas estavam em uma guerra fraticida pelo seu controle, o que era algo bastante estúpido tendo em vista que – mais do que nunca – terras não eram um problema.

A cidade, que está situada no Vale do Paraíba Paulista, fica a menos de 90 km a leste, da capital do Estado de São Paulo.

Essa era a razão para que a cidade tivesse sido escolhida para abrigar a sede brasileira de grandes empresas estrangeiras, como Panasonic, Johnson & Johnson, Philips, General Motors, e Monsanto, além de contar com uma subsidiária da Petrobras e com a sede mundial da Embraer.

Mas nada disso, em verdade, significava alguma coisa agora. O principal motivo que levou à Guerra Civil que se instalou na cidade, é que ela era um importante polo industrial de material bélico, metalúrgico e sede do maior complexo aeroespacial da América Latina, sendo a única cidade do mundo com centros de pesquisas das três maiores fabricantes mundiais de aeronaves, a Embraer, a Boeing e a Airbus.

Quando a dupla chegou a São José, como os locais diriam antigamente, em clara desconsideração ao fato de que existiam várias outras "São José" no Brasil, eles viveram as cenas de maior perigo em suas vidas.

Assim que adentraram na cidade através da SP 066, que se transformava na Avenida Leonor de Almeida Ribeiro Souto, em seu perímetro urbano, eles encontraram uma barreira bastante grande de ônibus incendiados.

Luiz tentou dar ré e retornar, mas logo um tanque de guerra de modelo que ele não conhecia, os impediu. A dupla havia caído em uma emboscada pelo Comando do Centro, uma gangue composta por caras da pior espécie e que eram liderados por Orozimbo da Silva, cuja alcunha era "Oro do Morro".

Oro do Morro era um homem de aproximadamente 60 anos, com uma barriga de chopp e pele clara. Sua descendência era claramente a italiana, mas ele pouco ou nada se importava com isso. Muito menos nos últimos meses, quando ele desceu do morro com os seus cerca de 150 comandados e, numa clara sacada digna de grandes empresários, juntou-se com outras gangues menores para fundar o Comando do Centro, com cerca de 300 homens.

Seu objetivo final, claro, era se tornar Rei de São José e, quem sabe, das adjacências, mas havia um impeditivo chamado Manoel Dias, o popular "Mané Preto", um ex-líder sindical corrupto que, com cerca de 45 anos e tipo físico que remetia aos mais fortes soldados africanos de outrora, comandava 180 homens. Eles compunham o Movimento Armado de Libertação (MOARLI) Apesar de estarem em menor número, eles detinham as melhores armas, pois haviam tomado o Centro Bélico antes de sequer Oro do Morro ter tido a ideia de opor-se.

A Guerra Civil de São José já durava cerca de 4 meses entre uma batalha e outra. Aproximadamente 135 pessoas já haviam morrido, a maioria criminosos, quanto a eles, nenhuma grande perda. Mas cidadãos inocentes também tiveram suas vidas ceifadas, o que é lamentável.

Agora, ambas as gangues comandavam grandes porções de terra da cidade, e a trincheira principal estava na Avenida João Marson, defronte ao antigo prédio das Lojas Havan, que agora servia de Centro de Comando para o MOARLI.

Antes que pudessem ser completamente cercados e ficassem sem opções, Luiz gritou para que Letícia deixasse a caminhonete e o seguisse. Eles iriam correr o máximo que pudessem, mas a primeira parada seria atrás do prédio da escola COC.

- No três a gente abre a porta e sai correndo até atrás do COC, beleza? – Disse Luiz.

- Ok.

A dupla saiu correndo e, logo no primeiro terço do trajeto, já percebeu que era alvo de munições traçantes de fuzil.

Como os integrantes do MOARLI não eram bons atiradores, para a sorte de Letícia, que era o alvo principal, alguém decidiu usar TNT e, na metade do caminho entre a caminhonete e a Escola, houve uma grande explosão, que os desorientou, Letícia tropeçou e caiu. Luiz, que levou cerca de 5 segundos para perceber que não era mais seguido por sua companheira de jornada, virou-se para ir ao seu encontro, mas foi logo rendido.

O CATIVEIRO

Luiz acorda, mas não abre os olhos. Seu corpo dói em cada pedacinho que há para doer, muito pela pancada que levou na cabeça, mas também certamente porque está no chão.

Não sabe por quanto tempo permaneceu desacordado. Minutos? Horas? Dias? Provavelmente horas, pois em minutos eles não teriam conseguido levar ele e Letícia da rua até ali... Ou teriam?

Enquanto tenta se recompor e lembrar dos instantes antes de tudo sumir, Luiz é assombrado com um grito quase inumano de Letícia está na sala (ou seria cela?) ao lado. Ela está sendo torturada.

Luiz abre os olhos e percebe que está num porão úmido e sem luz, exceto por uma nesga de sol que conseguiu vencer as janelas imundas que ficavam rente ao teto do ambiente em que estava, mas rente ao chão, pelo lado de fora.

Ele se arrasta até a porta e ouve Letícia gritando aos prantos:

- Eu não sei o que você quer saber! Só estávamos...

E um som semelhante a afogamento foi ouvido.

Letícia toma ar (uuuuuuuuuuuuffffffff) e continua:

- Estamos buscando um remédio para uma criança, só isso!

Sons de passos são ouvidos e, de repente a porta da sala ao lado é aberta e depois trancada.

Cigarro é retirado do maço e aceso com um isqueiro Zippo. Luiz não fumava cigarros, mas cresceu vendo seu avô fumar e conhecia bem o som. Inclusive, ainda possuía o isqueiro que fora de seu avô e acendia charutos com ele.

Enquanto divagava sobre os hábitos de "macho raiz" de seu avô Elias, Luiz conseguiu se sentar e encostou na porta, e conseguiu ouvir o torturador conversando com um outro sujeito – provavelmente o guarda da porta de Luiz:

- Essa Piranha diz que não sabe de nada. Estou quase acreditando!

- Acho que a Negona está falando a verdade. Ela e o cara aqui estavam só de passagem, o Walter falou. Segundo ele, só foram parados porque o Mané Preto está com mania de perseguição desde que os caras do Oro se aproximaram daqui.

- Deve ser... Eu estou querendo passar a vara nessa gostosa e depois dizer pro chefe que ela não falou nada.

- Se for comer a Negona, me chama que eu também quero. Aquele rabo dela conversa comigo!

Aquela conversa enojou Luiz e lhe causou tamanho ódio, que o motivou a ficar em pé. Precisava salvar Letícia e também a si mesmo, pois se não agisse, sabia que logo seria a sua vez.

Luiz já havia acabado com toda a água que lhe haviam dado e sua sede aumentou gradativamente hora após hora, pois apesar de sua cela ser úmida, era quente também.

Já fazia umas três horas que ele não urinava, sequer. Esse era um claro sinal de que estava desidratado. Se as coisas não mudassem logo, nas próximas horas estaria bem fraco e com o raciocínio lento, o que não era bom para os seus planos. Ou para a sorte de Letícia.

Luiz Paulo sempre tinha o filho e a esposa em seu pensamento. Eles eram, inclusive, sempre o norte de suas decisões e escolhas, mas estranhamente naquele dia, ambos não saíram um minuto sequer, do primeiro plano de sua consciência, fato que estava atrapalhando sobremaneira sua situação atual, pois não conseguia planejar seus próximos passos.

Novas marmitas e duas garrafas Pet de dois litros de água foram entregues a Luiz pelo Carcereiro, que disse:

- Volto em três horas, para fazer a sua transferência. Coma e beba bastante, para estar bem a ponto de fazer uma caminhada curta, mas muito intensa e interessante. Talvez seja o passeio mais importante da sua vida, eu diria.

Assim que o Carcereiro fechou a porta, Luiz correu para as garrafas de água e bebeu uma delas com tanta volúpia e até o final, que acabou por vomitar tudo.

Passados os espasmos estomacais próprios da ânsia de vômito, Luiz deu dois golinhos na outra garrafa e abriu uma marmita. Ambas eram de polpetone à parmegiana, cujas bolinhas de carne se faziam acompanhar por salada de macarrão, batata doce frita, couve refogada, arroz e feijão gordo. Luiz não podia negar que, ao menos na parte da alimentação e da água, estava sendo muito bem tratado.

Passado interregno de tempo que Luiz julgou serem duas horas e meia, decidiu comer a outra marmita. Não porque estivesse com fome, mas por puro medo de não poder comer novamente por longo período de tempo.

No que diz respeito à meia garrafa de água que ainda lhe restava, Luiz achou que não seria incômodo algum, levá-la consigo. Até mesmo porque o recipiente poderia ser enchido sempre que possível.

Por fim, às tais três horas se passaram por muito, e o Carcereiro não apareceu para levar Luiz "dar o passeio mais interessante de sua vida"

Nos momentos em que não havia nada para fazer, Luiz até pensou em ficar atrás da porta e usar o cadarço da sua bota para enforcar o Carcereiro. Seu objetivo era roubar-lhe a arma. Mas logo vê que é ideia ruim e desiste do "plano", cujo único resultado prático seria ele ganhar um tiro na cara.

Com 4 horas de atraso, o Carcereiro chegou e, para ser sincero, não foi uma boa hora, pois Luiz havia terminado de cagar e ainda limpava a bunda com a cueca.

Ele realmente não gostava da ideia de ficar sem cueca por aí, mas as meias certamente lhe fariam mais falta.

O Carcereiro, a contragosto, fecha a porta novamente e diz:

- Anda logo, porque eu não quero perder o show da sua amiga puta por nada desse mundo!

Luiz Paulo ficou alarmado com o que ouviu, terminou de se limpar o mais rápido possível, pegou sua garrafa de água pela metade e disse:

- Pode abrir!

O Carcereiro abriu a porta e explicou como as coisas seriam:

- Eu não te odeio. Você também não deve me odiar, porque eu te trouxe comida boa e água fresca. Como prova da minha boa vontade, não vou te vendar ou amarrar. Você vai andar sempre cinco passos na minha frente, numa velocidade normal. Se

correr, eu atiro. Se tentar fugir, eu atiro. Se fizer movimentos bruscos, já sabe, eu atiro!

- Entendido.

- Faça as coisas do jeito certo e, em cerca de uma hora você estará livre para seguir o seu caminho. Os caras do Orosimbo estão cada vez mais próximos e nós teremos que evacuar.

- ok.

- Mas antes o Mané quer dar um show de despedida. E conta com a sua amiga para tornar o momento mais especial! Vamos...

O Carcereiro se afastou da porta e fez sinal para que Luiz passasse. Havia um corredor de cimento queimado, paredes brancas e luzes de Led a cada 10 metros, aproximadamente. Entremeio a essas luzes, a cada cinco metros, portas se intercalavam. Uma na esquerda, outra na direita.

Luiz não conseguiu ler todas as plaquinhas que havia nelas, mas percebeu que em todas havia o símbolo da Havan, a outrora toda poderosa rede de lojas de Luciano Hang, que Deus o tenha, pois ele não resistiu ao vírus SARS-CoV-2.

Apesar de não ter lido todas as placas, pelas que leu, “Contabilidade”, “Recursos Humanos”, “Jurídico” e afins, Luiz concluiu que aquele era o Escritório da Havan em São José.

No final do corredor, haviam dois caminhos a serem usados, mas antes que Luiz pudesse ter perguntado, o Carcereiro respondeu:

- Esquerda. No final do corredor, haverá uma daquelas portas azuis de saída de emergência. Você vai subir uma escada e abri-la. Aí estaremos no nível da rua, mas ainda dentro do prédio.

Feito isso, Luiz percebeu o tamanho do problema que encontraria para fugir dali com Letícia, pois era final de tarde e, pela vidraça infinita que era característica das Lojas Havan, era possível ver que os combatentes de Oro estavam muito perto. Talvez 800 metros. Não se tratava de "se" eles chegariam, mas sim de "quando".

O complexo tinha elevadores, mas eles não funcionavam mais, como era esperado no novo mundo em que viviam. Por isso, a dupla tomou o caminho da escadaria e subiu cinco lances, cada um, com 16 degraus. Luiz, que não estava em plena forma física depois do cativeiro, sofreu para chegar lá em cima.

Aliás, o "lá em cima" do prédio da Havan abrigava um anfiteatro, claramente usado em outros dias para reuniões entre os funcionários, mas que agora havia se transformado em um palco de striptease para que Letícia se apresentasse.

Assim que Luiz subiu o último degrau, parou e contemplou a visão, que era desoladora: A sala de reuniões tinha cadeiras estofadas na cor azul, e um palco na frente. Havia um bom telão, caixas de som, microfones, luzes para apresentações e tudo o mais, quando elas ainda existiam.

Ao lado esquerdo da sala, havia fotos contando a história da Havan, e na parede direita, que era totalmente de vidro, era possível ver a famosa Estátua da Liberdade da Havan... além de um pôr do sol maravilhoso, que já estava quase sumindo atrás do grande morro que havia, do outro lado da Avenida Juscelino Kubitschek. O que estragava a paisagem, na opinião de Luiz, era que os soldados de Oro estavam praticamente nos portões do complexo da loja, na Avenida João Marson.

Luiz foi tirado de seus pensamentos pelo Carcereiro, que o cutucou com o cano da metralhadora e gritou para que ele andasse até próximo do palco.

Lá, ele foi recebido por Mané Preto em pessoa.

Mané fazia o tipo de Martinho da Vila, ou seja, era magro, negro, com uns 65 anos, barba branca e bastante cabelo grisalho. Sua vestimenta consistia num sapato preto extremamente lustrado, calça social branca, camisa colorida, chapéu panamá, Rolex, correntes e pulseiras de ouro, além de anéis diversos.

- Baixa essa arma, Dirceu! Nosso visitante vai se comportar! Não é mesmo, Luiz?

- Com certeza - respondeu Luiz.

- Sendo assim, estou dispensado, Chefe? – Perguntou o Carcereiro

- Está, meu bom Dirceu! – respondeu Mané.

Apesar de a batalha estar mais próxima do que nunca, Mané disse para que Luiz se sentasse, e lhe oferece um copo de whisky, dizendo para ele relaxar e apreciar o show.

Tendo dito isso, Mané pousou seu copo e charuto no braço de sua poltrona – que era a única do salão – e foi ao palco para "abrir o evento".

- Boa tarde, pessoal!

- BOOOOOOOOOOOA TARRRRRRRRRDE, Mané!

- Nosso reinado durou mais do que eu esperava, mas muito menos do que vocês mereciam.

- Ahhhhhhhhhhhh

- Mas não é por isso que nós iremos sair por baixo... A Letícia aqui, essa negra maravilhosa, vai fazer umas danças sensuais e....

- UHUUUUUUUUUUUUUULLLLL

- ... Assim que ela terminar, vou comê-la. Depois, todos poderão fazer uma fila organizada para desfrutá-la também!

- AOOOOOOOOOOOW

- Sem mais demoras, deixem a moça entrar!

Assim que Mané deixou o palco, Letícia entrou vestida apenas com uma *lingerie* vermelha e claramente desesperada. Mas seu rosto se iluminou assim que conseguiu ver Luiz na "plateia". Numa rápida troca de olhares, daquelas que só as almas irmãs conseguem, eles combinaram de fugir.

Letícia começou a dançar timidamente, ensaiando algumas reboladas para disfarçar, mas sabia que não seguraria o "público" por muito tempo naquela lenga-lenga.

Quando pensou em tirar o sutiã para alegrar o pessoal e, ainda assim, manter a dignidade de estar com a calcinha, alguém gritou da plateia, que era para ela agilizar, porque os caras do Oro estavam chegando.

Antes mesmo que o burburinho tomasse forma, Mané teve um chilique, levantou e matou o autor dos gritos que interromperam a apresentação acanhada de Letícia.

- Quem estiver com pressa, pode sair! Quem quiser apreciar a arte, tem que esperar! A arte não pode ser apressada – bradou Mané, que se sentou novamente, como se nada tivesse acontecido.

Cerca de 10 segundos depois, os caras do Oro conseguiram invadir o prédio da Havan e, porque não havia o mínimo de resistência, chegaram rápido ao show de Letícia.

Logo, haviam tiros de AR-15 para todos os lados e muita gente morta. A vidraça que ornamentava a sala instantes antes, já não existia mais.

Em meio a todo esse furdunço, Luiz conseguiu perceber Mané fugindo, Letícia se jogando no chão e um fuzil esquecido em meio a tamanha confusão.

Aquele foi um momento decisivo na vida de Luiz Paulo, que sabia que não teria outra chance melhor, de tirar ele e Letícia daquele inferno: Pegou o fuzila e correu até Letícia, que apesar de chorar copiosamente, não se prostrou e os dois saíram correndo em direção às escadas.

Entre um lance e outro da escadaria havia um homem armado, que só não conseguiu matar a dupla, porque eles estavam um nível acima. Luiz o acertou com um tiro no pescoço, e comemorou. Tanto pelo alvo abatido, quanto pelo fato de a arma estar funcionando, o que ele não tinha certeza até então.

No Hall de entrada da loja, Letícia pediu para que eles parassem para que ela pudesse pegar roupas de academia, que não precisam muito de prova. Luiz concordou, pois seria um

problema para eles, fugirem com Letícia em vestes mínimas e descalça.

Em menos de 5 minutos, Letícia já estava com um top rosa, uma calça legging verde-limão, tênis e meias brancas.

Com certeza foi um recorde de menor tempo que um homem ficou esperando uma mulher fazer compras, mas foi o suficiente para que Luiz pudesse matar mais dois homens. Esses, ele achava, eram de Mané, pois acreditava que já os tinha visto antes.

Como não poderiam sair pela porta da frente, que estava tomada por uma impressionante batalha campal, Luiz optou por refazer o caminho de volta até a bifurcação do corredor, na esperança de lá ser os fundos do prédio.

Não era, mas acabam encontrando com Mané Preto na Sala da Situação. Foi um encontro fortuito, mas bastante oportuno:

- Ora, ora, mas que surpresa agradável – Diz Mané.

Luiz até gostaria de conversar um pouco mais, mas Letícia simplesmente não estava disposta a perder tempo e tomou a arma que estava pendurada nas costas de Luiz e disparou três tiros no peito de Mané, que foi arremessado contra a parede e encolheu aos poucos, como se demorasse a constatar que o seu "fim da linha" havia chegado.

- Você realmente não gostava do cara – Disse Luiz.

- Ele queria me estuprar! Foi merecido!

- Não disse o contrário – respondeu Luiz.

Naquela que eles passariam a chamar de "a sala da situação" nas conversas futuras, eles encontraram as suas pistolas e respectivos cintos com coldre. Letícia ficou feliz de sentir suas Glocks G25 na cintura novamente, mas Luiz realmente se emocionou ao tocar na 1911 Ronin.

- Eu realmente não achei que fosse vê-la novamente! Até da Glock eu estava com saudades – Disse.

Passados os momentos de emoção Letícia começou a estudar o mapa do complexo e percebeu que havia uma pequena floresta nos fundos da Loja, e que eles estavam muito perto dela.

Quando deixaram a Sala da Situação, caminharam por cerca de 15 metros e abriram uma porta que os levou diretamente ao estacionamento dos funcionários. Os últimos raios de sol resvalavam na tocha da Estátua da Liberdade da loja.

Caminharam perpendicularmente à cerca de proteção do terreno e, na primeira reentrância que encontraram, entram no Rio Cambuí, sentido sul.

Eles caminharam lentamente por cerca de 3 horas e, quando decidiram parar, já estava bem escuro.

- Está frio e eu preciso muito sair daqui – reclamou Letícia.

Ponderam se não seria perigoso de serem pegos e, após longa discussão, decidiram que era melhor sair da região de mata fechada no escuro, do que ao amanhecer.

Após uma leve escalada de morro, em que Luiz empurrou Letícia para cima e depois foi puxado por ela, a dupla percebeu que estava na Avenida dos Resedás, defronte a dois predinhos

residenciais. Num primeiro momento, tiveram medo de serem vistos e se agacharam, mas logo se deram conta de que aqueles eram outros tempos e que, provavelmente ninguém morava ali. E se morasse, não poderia reclamar para a Polícia sobre “duas pessoas que saíram de dentro do rio...”.

Mas, pelo sim e pelo não, com alguns metros de caminhada, a dupla já se encontrava em local ermo.

Ali, optaram por deitar um pouco e descansaram até o sol nascer, para seguir viagem.

DESCANSANDO E REVIVENDO TRAUMAS

A dupla combinou de fazer um fazer campana enquanto o outro dormia. O primeiro a ficar acordado seria Luiz, que deveria acordar Letícia em duas horas para dormir outras duas horas e aí seguirem viagem.

Como não tinham qualquer bagagem ou equipamento, simplesmente escolheram uma área gramada e Letícia apoiou a cabeça nos tênis, que tirou para descansar os pés.

As duas horas passaram, mas Luiz, como não se sentia sonolento, optou por deixar Letícia dormir mais um pouco. Foi ele quem acabou vendo o sol nascer.

Letícia acordou com os primeiros raios da manhã e disse:

- Você não dormiu!

- Sem problemas. Estou sem sono. E preocupado com a nossa sobrevivência. Não temos como transportar água – apesar de o rio estar ao nosso lado, não temos comida, não temos roupa de frio – apesar de ser verão, não temos como fazer fogo e nem nada. Fora os inimigos...

- Então vamos resolver isso.

Letícia se levantou, ambos espreguiçaram e foram se lavar no rio. Apesar dos riscos, a água parecia ser bem limpa, então beberam o quanto puderam e seguiram viagem.

O destino deles era Santo Antônio do Pinhal.

Na longa marcha que fizeram, conseguiram arrumar uma garrafa pet bastante judiada, mas que serviu para que pudessem levar água.

O caminho que escolheram não era o mais curto, mas bem mais seguro. Então caminharam por cerca de 80km para saírem do centro de São José, até chegarem em Santo Antônio.

Pretendiam dividir o percurso em três etapas e invadir algumas casas para pegar roupas de frio, comida e até mesmo se abrigarem por alguns dias, visando recuperarem-se dos maus tratos sofridos.

Não que houvesse qualquer veículo funcionando pelo caminho, mas optaram por irem a pé, para não ficarem expostos como quando foram abordados pelo tanque de guerra, na entrada de São José.

No final do primeiro dia, apesar de terem comido muitas mexericas num pomar que encontraram pelo caminho, estavam mortos de fome.

Como não havia nada que pudesse ser feito imediatamente para sanar o problema, se abrigaram dentro de uma Kombi bem velha que encontraram e dormiram, pelo menos protegidos das intempéries.

Como "deitaram cedo", por volta das 04:30 da manhã, os dois já estavam acordados.

- Sabe o que mais me incomoda? – Perguntou Luiz.

- O que?

- A falta do café, ao acordar.

- Não acho que essa seria a minha prioridade, mas uma caneca fumegante de café cairia muito bem...

Ainda não eram 06 horas quando reiniciaram a caminhada, mas logo Luiz percebeu que ambos não aguentariam andar o dia

todo, mais uma vez. Eles não eram atletas, estavam com fome e rumando a passos largos em direção à desidratação.

Algo precisava ser feito. E rápido.

Quando Luiz pensava no que fazer, caminhando cabisbaixo enquanto descascava mais uma mexerica, Letícia deu um grito de alegria e apontou:

- Olha! Uma cabana!

Enquanto saiam da estrada para pular a cerca do que já havia sido uma produtiva propriedade rural antes do vírus SARS-CoV-2 arrasar com tudo, Luiz rezava para que a casinha bem construída de madeira estivesse desocupada e, se possível, guarnecida.

A dupla, quando se encontrava a cerca de 50 metros da casa, começou a chamar. Não desejavam ser surpreendidos e tampouco surpreender. Tudo o que não precisavam era de uma troca de tiros.

Como ninguém respondeu aos seus chamados, foram se aproximando, até estarem no alpendre. Foi Letícia que sacou sua Glock e abriu a porta, que não estava trancada. Ela pensou que se tratava de sorte, mas na verdade, portas não eram trancadas naqueles lados, desde tempos imemoriais.

A cabana, que era composta de sala, quarto, cozinha e banheiro, estava intocada, como se o seu último morador tivesse saído para já voltar.

Apesar do pó e de algumas teias de aranha, as coisas estavam em ordem e Letícia facilmente deixou o ambiente habitável.

- O pó é um problema e uma benção ao mesmo tempo – Disse Letícia – Temos que limpar para usar. Mas demonstra claramente que ninguém vem aqui há muito tempo.

Luiz Paulo, que já estava procurando o que comer, concordou plenamente e logo revelou ter encontrado um saco de arroz lacrado, e outro aberto, de farinha temperada. A farinha tinha mofado, mas o arroz estava apto a ser consumido.

Letícia o cozinhou com sal e manjericão que o antigo proprietário tinha plantado num canteiro que devia ser usado como horta de temperos em tempos melhores.

Comeram somente isso, mas foi uma das melhores refeições que fizeram em suas vidas.

- Minha mãe falava que o melhor tempero é a fome – contou Letícia.

- Ela estava certa. Mas não podemos comer somente arroz, se quisermos ficar bem. Amanhã irei andar por aí e ver se consigo alguma coisa.

RECOBRANDO AS ENERGIAS

Assim que o sol raiou, Luiz levantou-se do sofá e foi até o quarto de Letícia. Bateu na porta, e ela abriu prontamente, pois já se preparava para sair.

- Bom dia!

- Bom dia! Vou me arrumar para caçar, e preciso usar o banheiro.

- Sem problemas. Vou ver se consigo fazer algo para comermos.

Enquanto Luiz usava o único banheiro da casa, que ficava dentro do quarto onde Letícia havia se alojado, as preocupações sobre caça começaram a lhe perturbar a mente. Como pegaria bichos grandes, com uma arma pequena? Como mataria um bicho pequeno, sem que a sua .45 não estragasse a caça?

Certamente que suas armas eram completamente inadequadas para a atividade a ser desempenhada. Fora que possuía apenas dois pentes carregados.

Ele havia sido escoteiro na infância e, justamente aí, residia a sua maior esperança.

Quando saiu do banheiro, foi surpreendido por Letícia, com um prato de arroz e uma caneca de chá de hortelã:

- Não combina, mas é o que temos para hoje...

Luiz comeu com gosto e tomou o chá como sendo um digestivo, enquanto olhava o sol subir no horizonte, transformando um pasto verde-escuro, em dourado. Ele se lembraria desse momento para sempre, como sendo um dos pontos altos de sua vida, o que era bastante estranho, tendo em vista que

certamente sua atual situação não poderia ser honestamente descrita com outra palavra, senão com “desesperadora”.

Quando terminou seu chá, que combinou muito mais do que parecia inicialmente com o arroz, Luiz saiu para caçar. Decidiu, ainda no alpendre enquanto tomava o chá, que iria se embrenhar em uma pequena mata que ficava à oeste da cabana, cerca de 1,5 km.

Sua intenção era caçar uns dois coelhos e, quem sabe, até um porco do mato.

Quando chegou ao destino, entretanto, percebeu que não seria nada fácil caçar o que quer que fosse, sem os instrumentos adequados. Porém, mesmo assim tentou.

As horas foram passando e, quando se deu conta, o sol já estava se encaminhando para oeste.

Luiz decidiu que não gostaria de estar naquele matagal quando estivesse escuro e se deu por contente, ao poder levar para a cabana, três chuchus R duas mangas. Pelo menos o arroz não seria comido puro e eles teriam sobremesa.

Quando voltou, Letícia estava claramente e estressada:

- Onde você estava?

- Caçando, ué?

- Todo esse tempo? – Disse, com os olhos marejados.

- É que essas coisas demoram... – contemporizou Luiz, que havia se irritado com a cobrança inicial, mas que se acalmou quando compreendeu que Letícia não estava tendo uma crise de “mulherzice”, mas sim síndrome do pânico.

Quando Letícia se acalmou, Luiz mostrou os chuchus e mangas que havia trazido, e ela se animou, dizendo que ia cozinhar enquanto ele se banhava numa bacia que ela já havia preparado no banheiro.

Após o jantar, os dois sentaram no alpendre para olhar as estrelas e apreciarem a noite, quando Luiz perguntou:

- Você acha que a humanidade irá sobreviver?

- Eu não sei. Mas estou com mais vontade do que nunca, de ficar viva. A morte do meu filho é uma dor constante e que não vai passar nunca. Mas eu não sei. Sinto que agora temos um propósito.

- Minha única meta é conseguir o remédio do meu filho. Depois, não sei...

O segundo dia raiou muito parecido com o anterior, mas trouxe novas esperanças a Luiz na hora da caça, pois ele conseguiu rastrear o que julgou ser um bezerro.

Passou o dia todo procurando pelo bicho e sonhando com fazer um belo churrasco, mas tudo o que conseguiu naquele dia (e nos próximos dois), foi levar algumas frutas, folhas e legumes para o jantar. Naqueles primeiros quatro dias, comeram arroz com mandioca, cenouras e até serralha. A sobremesa, além de manga, também foi mexerica.

No quinto dia, Luiz estava sentado debaixo de uma árvore quando, ao longe, viu um bezerro pastando calmante. Seu coração se acelerou, e suor escorreu por sua testa.

Luiz Paulo, que jamais caçou coisa alguma, não sabia muito bem como agir. Porém, havia feito diversos cursos de defesa residencial, combate veicular e sabia atirar muito bem. Certamente, daquela distância – cerca de 50 metros – jamais acertaria o animal com a precisão necessária. Talvez o

ferisse de maneira não letal e o coitado fugisse por aí, para morrer agonizando em vão.

As poucas coisas que sabia sobre caça, aprendeu nos livros de Hemingway. Sabia que o melhor lugar para atira era no pescoço, na altura da coluna. Se o projétil acertasse ali, o bezerro teria uma morte rápida e indolor, e o mínimo de carne seria desperdiçada.

Esperar o bezerro se aproximar não era uma opção plausível, então Luiz sacou a 1911, e foi rastejando lentamente em direção ao animal, que pastava tranquilo tomando o sol do final da manhã.

Quando estava cerca de 20 metros do bicho, Luiz percebeu que seu rastejar o estava alertando e parou. Não era o ideal, mas o tiro teria que ser dali.

Luiz empunhou a arma, alinhou alça e maça, inspirou o ar bem fundo e travou a respiração.

Quando puxou o gatilho, conseguiu ver as gotas de sangue espargindo no ar e teve pena do bezerro, que mugia em desespero.

Luiz era carnívoro desde sempre e o seria até o fim. Mas realmente lamentou por ter que caçar aquele animal, que foi somente o primeiro de muitos. Luiz jamais se acostumou com a sensação de ceifar uma vida inocente.

Quando se aproximou do corpo, cerca de dez minutos após o disparo, os olhos do bezerro já não brilhavam mais e estavam sem vida. Luiz os fechou e fez uma oração, pedindo a Deus que conservasse sua alma em um bom lugar e agradecendo por ter tido a oportunidade de consumir a sua carne.

Considerando que carregar o corpo do animal seria por demais penoso – se não impossível – Luiz voltou à cabana e pegou uma rede que estava pendurada na varanda, bem como as cordas que a prendiam.

Letícia perguntou o que ele faria com aquilo, e Luiz apenas contou que a usaria para trazer a carne do almoço.

Quando voltou, cerca de quarenta minutos depois, arrastando o bezerro atrás de si, Letícia comemorou tanto, que acabou, com sua alegria, contagiando Luiz.

- Você sabe limpar um bicho desses? – Perguntou Luiz.

- Nunca fiz, talvez eu fure o couro... Mas consigo me virar!

- Não precisamos do couro e nem sabemos como tratá-lo para vir a ser utilizado em outra função, então...

- Você pode fazer um buraco razoavelmente fundo, para que eu possa jogar os ossos, vísceras e demais partes inservíveis?

- Sim, claro. Vi que tem uma pá lá no fundo...

- O certo seria a gente guardar essa carne toda na banha ou conservá-la no sal. Mas não há nem um e nem outro em grande quantidade aqui na cabana – Lamentou Letícia.

- Pensei em assar tudo numa fogueira lá fora e comermos só isso até quando for possível. Também podemos ver se conseguimos secar uma parte da carne ao sol. Vi um vídeo do Sobrevivencialismo no YouTube uma vez.

- Não custa tentar, porque jamais vamos conseguir comer esse tanto de carne a tempo de ela estragar.

Dito isso, Luiz foi para o fundo da cabana providenciar o buraco, enquanto Letícia separou do corpo, a cabeça, rabo e as patas abaixo do joelho. Abriu sua barriga e estripou-o. Foi nessa hora também, que o couro do animal foi retirado.

Quando Luiz voltou, viu Letícia toda ensanguentada, mas feliz.

- Sei que na cabeça tem carne, sem falar na língua. E que o rabo tem um bom tanto de carne também. E que as patas serviriam para fazer mocotó. Mas a nossa atual situação não permite que elaboremos demais as receitas.

- Tranquilo – responde Luiz.

- Me ajuda a levar o tronco para dentro? Se colocarmos essa peça em cima da mesa, terei mais condições de trabalho. Fora a parte da higiene também, né?

Cada um pegou duas partes do que restou das pernas do bezerro e o levaram para dentro.

- Era bem melhor quando a carne de boi "nascia" no supermercado, né? – Brincou Luiz.

- Realmente!

Enquanto Letícia ficou limpando o que restou da carne e preparando as peças que iriam para o churrasco e as que seriam secadas ao sol, Luiz voltou para a frente da cabana e juntou todas as partes inservíveis do bezerro, inclusive a rede, que jamais poderia ser usada para o seu propósito original outra vez, eis que estava completamente tomada pelo sangue, e enterra tudo.

Quando voltou para a cozinha, Luiz ajudou Letícia a separar as partes que seriam utilizadas como carne de sol e cortou tudo em tiras. Passou sal e as esticou no varal, pois ainda haveria algumas horas de sol na tarde daquele quinto dia.

Enquanto isso, Letícia saiu recolher alguns gravetos destinados a iniciar o fogo. Os troncos maiores ficaram por conta de Luiz, que logo os organizou de modo a possibilitar

que o fogo durasse bastante tempo, mas não se espalhasse por todo o ambiente.

Era final da tarde quando Letícia preparou a bacia para que os dois se banhassem. Foi necessário que trocassem a água, cada um duas vezes, devido ao excesso de sangue que havia em seus corpos.

Assim que a noite se fez, Luiz acendeu o fogo e os dois puderam fazer o primeiro churrasco de ambos, em quase três anos.

A noite estava estrelada e com a temperatura agradável. Não fosse pelos seus traumas recentes, saudade dos familiares e pela falta de bebida alcoólica, ambos teriam concordado que aquela era uma noite festiva.

Lá pelas tantas e depois de estarem com a barriga cheia, a dupla decidiu se sentar perto do fogo e Letícia tomou coragem para contar a Luiz, o que lhe aconteceu enquanto estiveram no cativeiro.

Como não desmaiou, conseguiu saber com maior precisão, quantos dias ficaram presos: 9.

Durante o período todo, também recebeu comida boa e água fresca, assim como Luiz.

Sua cela era mais salubre que a dele, pois Sérvia como depósito de materiais de escritório e tinha uma janela, com grade. Para a sua sorte, a sala (cela) de Letícia tinha um banheiro e os seus carcereiros jogavam água na privada toda vez que havia dejetos ali.

- Meus problemas começaram quando um tal de Melquíades, um homem magro e negro mais ou menos no meu tom de pela, decidiu

que queria “me conquistar”. No início, tentei usar isso a meu favor e trazê-lo para o nosso lado. Eu sabia que você estava vivo, mas não se estava bem, pois conseguia ouvir seus movimentos e algumas falas na sala ao lado. Só que, com o tempo, talvez no quarto dia, o tal do Melquíades foi ganhando confiança e passou a quebrar algumas regras de segurança que os demais carcereiros seguiam à risca. No sétimo dia, ele me encoxou e começou a beijar meu pescoço enquanto apertava meus seios. Tenho nojo só de lembrar da cena. Na hora, não tive reação e fiquei petrificada, mas graças a Deus fui salva pelo Guarda da porta, que achou que Melquíades estava demorando demais lá dentro e decidiu perguntar se estava tudo bem. A partir daquele momento, eu não consegui mais dormir e passei a sofrer do que eu acho que deve ser síndrome do pânico. No outro dia, graças a Deus pelos pequenos milagres diários, Melquíades não apareceu. Mas no nosso último dia de cativeiro, eu só não fui estuprada, tenho certeza, porque havia o show de strep tease do Velho Tarado para fazer.

Luiz, que havia apenas ouvido até então, disse:

- Se eu soubesse disso antes, teria ido atrás do Melquíades para acertar as contas!

- Você o matou na escada, lembra?

- Lembro do cara da escada. Só não sabia que era ele...

- Pois é. O destino foi generoso comigo!

- E comigo! Eu não conseguiria viver sabendo que um cara que fez isso com você não pagou com a própria vida! – Bradou um Luiz que, de raivoso, acabou revelando mais do que desejava.

Letícia, que fingiu não perceber nada, mudou de assunto e os dois começaram a falar de seguir viagem.

Se tudo saísse como planejado, na manhã do terceiro dia depois daquele churrasco, eles estariam na estrada novamente.

Aquela decisão acalmou o coração de Luiz, pois sua saga é busca do remédio do filho já estava durando 15 dias a mais do que o planejado. E ele sabia que, além de atrasar o tratamento de Sérgio, a cada dia que ele não retornava, o filho e a esposa tinham os corações ainda mais apertados.

Isso sem contar que, apesar de a propriedade dos Miller-Klein ser bastante segura e sua esposa Laura saber atirar, coisas ruins poderiam acontecer na sua ausência.

Nos dois últimos dias que ficaram na cabana, choveu. Se, por um lado isso estragou a tentativa de Luiz com a carne de sol, possibilitou que consumisse boa parte da carne assada.

A manhã do dia que partiram, amanheceu ensolarada. Letícia fez arroz o suficiente para que os dois pudessem comer durante três dias e acondicionou alguns pedaços pequenos de carne numa vasilha com banha de porco, a qual encontrou na despensa. Separou também, duas garrafas de vidro, onde poderiam guardar água.

Luiz, que tinha saído, voltou com diversas mexericas, três mangas (eram as últimas) e algumas pitangas.

Tudo isso teria que ser transportado em duas trouxas improvisadas, mas Luiz se superou ao fazer pequenas “mochilas” com cordas de varal e lençóis.

Quando finalmente conseguiram seguir viagem, já passava do meio-dia. O próximo destino seria...

CAMPOS DO JORDÃO

A caminhada até Campos do Jordão não foi difícil. Até a ladeira que antecede a cidade começar.

A cidade se localiza na divisa entre os estados de São Paulo e Minas Gerais, mais precisamente na Serra da Mantiqueira.

- O lugar é muito bonito mesmo - disse Letícia – mas realmente devia ser uma merda para os moradores, terem que encaram essa subida toda vez que saíssem da cidade!

- Aparente, o pessoal não ligava muito para isso. O Município, em sua Sede, fica a 1.628 metros do nível do mar, sendo o mais alto do Brasil. Antes do vírus SARS-CoV-2 destruir a sociedade como a conhecíamos, a cidade chegou a ter 50.541 habitantes.

- Interessante. Você já tinha vindo aqui antes?

- Já – contou Luiz – Minha Esposa acredita que engravidou do nosso Filho aqui.

- Enquanto encaramos essa subida infernal, me conta o que você sabe sobre a cidade.

- Não me lembro bem, pois já faz alguns anos que viemos, mas sei que a cidade surgiu em 1874, quando o Fundador adquiriu alguns lotes à beira do Rio Imbiri, mas foi só em 1934, que Campos do Jordão emancipou-se de São Bento do Sapucaí. A cidade "entrou no mapa" mesmo, com a inauguração da Estrada de Ferro Campos do Jordão, no ano de 1914, pelas mãos dos médicos sanitaristas Emilio Ribas e um outro cara, que não lembro o nome. Eles decidiram facilitar o acesso dos tuberculosos ao alto da Serra da Mantiqueira, para tratamento da doença, o que até então era feito somente a pé, a cavalo

ou a bordo das liteiras e banguês. Esse Dr. Emílio Ribas foi o sujeito que criou o Instituto Butantan.

- Do Butantan – disse a ofegante Letícia – eu já ouvi falar. Principalmente quando o Governador tentou usar a pandemia para se tornar politicamente relevante, e fazia coletivas de imprensa diárias de lá.

- Aquilo foi ridículo. Só serviu para retirarem nossa liberdade! Mas, voltando ao assunto anterior, com o desenvolvimento da penicilina, a partir dos anos 1960, o tratamento contra a tuberculose passou a ser facilitado, o que permitiu a Campos do Jordão investir em turismo para manter-se relevante, motivo pelo qual a inauguração do Palácio Boa Vista, residência de inverno do Governo do Estado, em 1964, e do Festival de Inverno de Música Clássica, em 1970, foram importantes para a cidade ser considerada referência no turismo de inverno no Brasil. O Congresso de Climatologia de Paris, no ano de 1957, classificou o clima de Campos do Jordão como sendo o melhor do mundo. Não para mim, ao menos. Muito frio e úmido para o meu gosto!

- Ah, eu já adoro um friozinho!

- Na viagem que fiz com a Esposa, tivemos o azar de pegar uma temporada absurda de chuvas, então os passeios ao ar livre ficaram prejudicados. Não pudemos conhecer o Horto, o Pico do Elefante e o Palácio de Inverno do Governo do Estado de São Paulo.

- Aí é frustrante mesmo! Igual essa subida desgraçada aqui! Não estou mais aguentando... Preciso parar para descansar as pernas.

Luiz Paulo e Letícia pararam para almoçar arroz e carne assada, enquanto contemplavam a paisagem.

- Você pode estar com bronca agora – disse Luiz – mas a Serra da Mantiqueira é muito impressionante. Ela é uma cadeia montanhosa que se estende por três estados do Brasil, São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Ela tem uma formação geológica datada da era arqueana, que compreende um maciço rochoso que possui grande área de terras altas, entre mil e quase três mil metros de altitude, ao longo de seus 500 km de extensão, tornando-se uma divisa natural entre os estados de Minas Gerais e São Paulo. "Mantiqueira" é um termo de origem tupi que significa "gota de chuva", e seu nome dá ideia da grande importância da serra como fonte de água potável, formação de rios que abasteciam um grande número de cidades da Região Sudeste antes do Vírus. Seus riachos formam o rio Jaguari, que antes era responsável pelo abastecimento da região norte da Grande São Paulo, o rio Paraíba do Sul, que corta uma região que era densamente habitada e altamente industrializada no eixo Rio-São Paulo, o rio Grande, que é parte integrante do que já foi o maior complexo hidroelétrico do país.

- Me fala mais da cidade em si – pediu Letícia, enquanto eles se ajeitava para retomar a caminhada na estrada que contava com muitas curvas e não tinha muitos acostamento, além de em alguns pontos set bem estreita, fazendo com que aquele fosse um caminho de qualidade duvidosa e potencialmente perigoso para os motoristas de outrora.

- Tá. Sobre a cidade, sei que a Árvore Símbolo é a Araucária, assim como no Estado do Paraná. Em termos de turismo, o pessoal gostava de visitar o Parque Capivari, que tinha acesso fácil e uma roda gigante, além de uma estação de trem. O passeio era um fiasco, porque o trem passava nos mesmos locais que você já tinha visto de carro para chegar lá! Tinha também o Museu do Trem, que também não era grande coisa, um parque infantil, pedalinho, centro de compras popular e um teleférico, que não estava ativo quando passamos por lá. O ponto alto de Campos do Jordão era o chamado "Centro Turístico", no bairro de Capivari, pois era lá que a cidade fazia por merecer o apelido de "A Suíça Brasileira". Tudo era bonito, organizado e limpo. Era lá que ficavam o Iceland, um bar completamente feito de gelo, onde as temperaturas chegavam a -20°, e o Baden-Baden, que era o bar da famosa

cerveja homônima, e que oferecia comida típica alemã. O joelho de porco deles era espetacular! Até encheu minha boca de saliva, só de lembrar! Tinha também o Libertango, onde era servida uma comida típica argentina. Tinha também o Aspen Mall e uma loja que vendia artigos esportivos automobilísticos originais. Fiz a festa lá!

Letícia riu, dizendo: Porque todo homem gosta tanto de carros?

- Sobre o hotel que ficamos, foi uma escolha da Laura. Era o Castelo Nacional Inn Campos do Jordão. Sua localização era boa, pois ficava a 7,5 km do Centro Turístico de Campos do Jordão, e era vizinho do Palácio de Inverno do Governo de São Paulo, mas o acesso era bem complicado, porque as ruas eram estreitas, muito íngremes e em mão dupla. Você não podia, em hipótese alguma, querer beber e dirigir ali! O hotel era, antes de ser transformado para a sua finalidade ultima, a residência de um casal de chineses, e por isso contava com diversas obras de arte, mobiliário, livros raros e até mesmo armaduras de guerra e bichos empalhados. Eles tinham uma adega fantástica, um salão egípcio, um cinema que era bem ruim, quadra de tênis e piscina aquecida, e outras coisas mais.

- Mas era um castelo mesmo? – perguntou Letícia.

- Mesmo! A parte velha... A nova, não.

Toda aquela conversa os fez passar o tempo e a "maldita subida", como Letícia passaria a dizer sempre que se referisse ao lugar, terminou.

Para o assombro de Luiz, a cidade que ele conheceu um dia, já não existia mais.

Cidade fantasma

A primeira reação da dupla foi de espanto, pois a cidade estava completamente destruída, o que contratava bastante com todas as outras cidades que haviam passado. Elas tinham claros sinais de deterioração, mas não estavam vandalizadas, de um modo geral.

Não era o caso de Campos do Jordão, que estava absolutamente destruída, principalmente na região do Capivari, que outrora havia sido o coração da cidade.

- Minhas esperanças, que já não eram muitas, diminuíram consideravelmente agora – Disse Luiz, quase sussurrando.

- Nós viemos aqui atrás do tal médico. E nós vamos procurá-lo! Talvez ele realmente não esteja mais aqui, mas o consultório pode ter sido poupado... – Respondeu Letícia, tentando disfarçar o seu real estado de espírito.

- Já que estamos aqui mesmo...

- Quem estamos procurando exatamente? Onde é o consultório dele? Qual o nome do remédio, exatamente? – Perguntou Letícia, enquanto os dois olhavam espantados para o Baden-Baden.

- O nome do cara é Dr. Louis Peter Steiner – respondeu Luiz – Seu consultório, deixa eu ver aqui no meu bloquinho de notas... Fica... Ou ficava na Rua André Kotchkoff, 297, aqui mesmo, no Capivari. Antes, no mesmo lugar, funcionava um restaurante maravilhoso, chamado L'Osteria Villa Casato. Eles se orgulhavam de serem o 6° melhor restaurante para jantares em casal do mundo. Mas antes ainda, o prédio pertencia à família Matarazzo. Foi por isso que a minha esposa, Laura, que é arquiteta, quis conhecer o lugar...

- Certo... E qual era o remédio mesmo? Você disse que era um antibiótico quando nos conhecemos – Lembrou Letícia.

- São antibióticos específicos, como rifampicina, isoniazida, pirazinamida e etambutol, que devem ser tomados por um período de 6 a 9 meses.

- Bom, agora que já sabemos tudo o que precisamos, vamos buscar – Disse Letícia.

A dupla caminhou cerca de 700 metros, entre os destroços queimados pelo que pareceu ser um grande incêndio havido no antigo Baden-Baden, até o consultório, que não estava em melhores condições.

A fachada, outrora orgulho de Campos do Jordão, agora estava pichada com dizeres anarquistas. As janelas, todas quebradas. A porta de entrada, arrombada.

- Como não poderia deixar de ser, só escombros – Reclamou Luiz.

Após tecerem algumas considerações enquanto comiam uma mexerica, Luiz sacou a arma e Letícia fez o mesmo. Se puseram em posição de combate e começaram a entrar no prédio.

Subiram três degraus e entraram na varanda, que era maior do que a casa de Letícia.

A porta da sala rangeu fortemente ao ser forçada para dentro, e o piso de madeira rangia a cada passo. Apesar da sujeira absurda e dos móveis revirados, estava claro que aquele ambiente, um dia, foi um lugar de luxo.

Da sala principal, pegaram um longo e largo corredor, que os levou para a copa e, depois, cozinha.

As depredações não foram capazes de estragar a estrutura do imóvel, que continuava firme como sempre foi. Mas seria necessária uma grandiosa reforma para devolver a casa aos seus melhores dias de glória.

Refizeram o caminho de volta até a sala de entrada e tomaram um caminho diferente. Ali ficavam os quartos, que posteriormente serviram como consultórios.

Enquanto Luiz tentava imaginar como seria aquele ambiente em seu auge, Letícia chamou sua atenção para uma plaqueta com a inscrição "Farmácia".

O coração de Luiz se acelerou consideravelmente, mas ele abriu a porta cheio de esperança. E o que viu o surpreendeu totalmente: A sala estava perfeitamente organizada, como se o Dr. Steiner tivesse acabado de sair.

Haviam armários com portas de vidro repletas de medicamentos, todos absolutamente vencidos há cerca de um ano.

- Estão todos vencidos! – Choramingou Letícia.

- Mas é o que está disponível e vai ter que servir – disse Luiz – Uma vez li em algum lugar que os medicamentos ainda funcionam por uns dois anos depois da data de validade. Só precisamos cuidar para que não estejam com aspecto diferente de quando foram fabricados.

Passaram cerca de 45 minutos olhando cada um dos frascos, e não encontraram o que procuravam.

O desespero é a frustração bateram forte em Luiz, que passou a xingar e maldizer o vírus SARS-CoV-2, a situação em que estavam e, sobretudo, o médico ausente.

Apesar de ser três da tarde e aquela sala servir muito bem como abrigo noturno, Letícia não queria ficar ali. A tentação de levar alguns dos principais remédios de que poderiam vir a precisar um dia era forte, mas não fazia sentido carregar tanto peso para até lá sabe-se onde.

Então, a dupla simplesmente virou as costas, fechou a porta e saiu do consultório.

Caminharam em silêncio até a frente do que havia sido o Aspen Mall um dia, e decidiram entrar. O lugar estava em péssimo estado, mas pelo menos serviria para lhes manter abrigados das intempéries.

Entraram e foram até o fim do primeiro andar, vasculhando tudo. Subiram as escadas e fizeram o mesmo no segundo andar. Como não havia ninguém, instalaram-se contra a última parede, assim teriam que cuidar somente de uma direção.

Quando estavam organizados e prontos para dormir, Letícia deu um prato de arroz com carne fria e dura para Luiz, e serviu-se também.

Após a refeição, Luiz rompeu o silêncio:

- Quero pedir desculpas pelo meu comportamento mais cedo. Você não merecia ouvir tudo aquilo, depois de percorrer meio mundo comigo, numa viagem fadada ao fracasso desde o início.

- Você não precisa se desculpar ou sentir-se mal por ter extravasado sua raiva. Sei que a vida do seu filho está em jogo e depende desse remédio. Eu não estou com você nessa

viagem pelo destino, e sim por causa do caminho. Aconteça o que acontecer, e terá valido à pena de qualquer forma. Eu cheguei muito perto da morte, como você sabe. E quando isso acontece, a sua percepção sobre a vida muda completamente. Principalmente no meu caso, que perdi o meu Miguel. A vida para mim, agora, é completamente diferente do que sempre foi. Algo muito sério precisa acontecer para me abalar. A sensação de que a foice da Morte está muito mais perto da minha cabeça do que costumava ser, muda tudo. Agora só o que é importante importa, se é que me entende...

Luiz Paulo entendia perfeitamente e abraçou sua companheira de jornada bem forte, e chorou copiosamente por algum tempo.

O ACUMULADOR

Passaram a noite toda dormindo, o que foi bastante revigorante e necessário para o término daquela viagem.

Quando Letícia acordou, Luiz já estava voltando para o local em que haviam montado acampamento, visivelmente feliz:

- Entrei em algumas lojas aqui, e consegui pó de café e açúcar numa antiga cafeteria!

- Vamos lá fora fazer fogo e preparar café então! – respondeu uma alegre e bem-humorada Letícia.

- Vi que tem um banco de madeira logo na entrada. Vamos usar ele para fazer fogo.

Recolheram suas coisas o mais rápido que conseguiram e foram fazer café.

Alguns minutos depois, ambos estavam sentindo o cheiro da provável bebida mais consumida do mundo depois da água.

- Você não sabe o quanto senti falta disso – Contou Letícia.

- Eu também. É nunca achei que fosse viciado em café...

- Tinha mais pó e açúcar na cafeteria?

- Pó, sim. Dois sacos fechados, que já estão na mochila. Açúcar, não. Só um vidro de adoçante, que trouxe para o caso de você gostar. Eu não gosto.

- No café, também não gosto. Mas pode ser útil no futuro, para fazer um bolo e tal.

- O pó é o açúcar que consumimos agora, eu tirei de dentro de uma máquina, ainda tinha um pouco nos reservatórios...

O sol já estava alto quando a dupla retomou a caminhada. Optaram por seguirem um caminho diferente, visando verificar uma área maior da cidade.

Cerca de 1 km morro abaixo, chegaram na Avenida Senador Roberto Cochrane Simonsen, na altura do número 1.350.

Ali, também encontraram terra arrasada.

Apesar do cenário de guerra, Luiz não conseguiu controlar seu lado nerd e comentou:

- Sabia que esse cara que deu nome para a Avenida era engenheiro, empresário, político e escritor?

- Não – respondeu Letícia, dando pouca importância ao assunto.

- Um fato curioso sobre a vida do cara é que ele ocupou a cadeira de número 3 da Academia Brasileira de Letras. Ele morreu no Salão Nobre da Instituição, enquanto discursava saudando o Primeiro-Ministro da Bélgica, Paul van Zeeland, que visitava o Brasil.

- Nossa!

Luiz Paulo até tinha a intenção de continuar com o assunto por mais alguns minutos, porém o fato de terem avistado uma

única loja intacta e sobrevivente daquela onda de vandalismo que tomou conta da cidade, desviou o assunto.

Não que tivessem concordado em ir até lá, mas foram mesmo assim. E foram recebidos por um homem branco, gordo, barba e cabelos grisalhos, que vestia calça jeans, camiseta de uma banda alternativa desconhecida e tênis All Star.

O fato relevante era que ele tinha uma calibre 12 nas mãos e parecia bem disposto a usá-la.

- Viemos em paz! – Disse Letícia.

- Todo mundo sempre vem – Respondeu o homem da 12.

- Mas nós viemos em paz mesmo. É precisamos de ajuda – retrucou Luiz.

- Do que precisam, forasteiros? – Indagou o homem.

- Procuramos um médico e um remédio específico para o filho dele – contou Letícia.

- O nome do cara é Dr. Louis Peter Steiner. Ele é... – Disse Luiz.

-... Pneumologista. Eu conhecia esse cera – respondeu o homem com a espingarda nada mãos.

- Conheceu? – Perguntou Letícia.

- Ele morreu? – Questionou Luiz.

- Sim e sim – Disse o cara da 12 – Eu sou o Plínio Bernold. E você?

- Somos Luiz e Letícia – Respondeu Luiz, visivelmente mais aliviado.

- Entrem. Venham comer uma fatia de bolo de laranja comigo!

A dupla se entreolhou brevemente e, sem trocar uma só palavra, concordou que entrar era a coisa certa a se fazer.

A loja se chamava "Antiquário Bernold", mas estava mais para um acumulado desorganizado de coisas que, em sua maioria, não pareciam ter muito valor.

A frente do imóvel era composta por amplo salão, o qual era destinado à exposição de mercadorias como livros, discos, facas, relógios e artigos religiosos, enquanto o fundo servia aparentemente como um refúgio masculino para "tempos imemoriais muito melhores que hoje", na opinião de Letícia.

Nos fundos da casa haviam quarto, banheiro e cozinha. Além de um grande acúmulo de tudo um pouco, coisas que jamais seriam utilizadas realmente. Mas em especial discos de rock e livros da Segunda Guerra Mundial. Nas prateleiras, se destacavam as sessões "The Beatles" e "Winston Churchill".

- É pequeno, mas suficiente para mim e as minhas quinquilharias. – Disse Plínio, enquanto Sérvia três fatias bem generosas de bolo, acompanhadas de uma caneca de chá para cada um deles.

Quem puxou o assunto mais evidente foi Luiz:

- Porque você ainda está aqui?

- Eu me recuso a abandonar tudo, cara. Construí esse lugar durante a minha vida toda! Prefiro viver de enlatados e comidas em conserva que peguei no supermercado aqui ao lado, do que deixar minhas coisas para aqueles caras!

- Que caras? – Perguntou Letícia.

- Os drogados que tomaram essa cidade! São como zumbis...

- Conte-nos mais – Pediu Luiz.

- A história é longa, cara. Mas vou tentar resumir... Depois que o vírus SARS-CoV-2 começou a matar muita gente e ficou absolutamente claro que o Governo não tinha mais controle sobre nada, a Polícia se foi. Durante seis meses, a bandidagem reinou aqui em Campos. Logo eu percebi que, se não defendesse pessoalmente o que era meu, perderia tudo. A partir daí, passei a dormir aqui na loja.

- Mas e sua família? – Perguntou Letícia.

- Eu não tenho ninguém. Meus pais morreram logo no início da gripe e minha gata fugiu.

- Lamento muito – Disse Luiz.

- Não há um só dia em que eu não pense nos três...

- Sei como é – disse Letícia, com os olhos marejados – perdi um filho recentemente.

- Eu não poderia cuidar da casa dos meus pais e da loja ao mesmo tempo. Então escolhi aqui. Peguei tudo o que tinha valor lá, e trouxe para cá. Tomei essa decisão após a loja de bicicletas do outro lado da rua ter sofrido três arrombamentos, além de ter havido dois tiroteios na rua de trás. No início, a Polícia tentava conter os marginais, mas aos poucos eles deixaram de aparecer. Desde então, estamos cada um por si. Quando entendi isso, peguei a calibre 12 do meu pai e montei acampamento aqui.

- E deu certo – Comentou Luiz.

- Cara, depende do que você considera por "deu certo". Quando você tem pessoas que estão simplesmente tirando vantagem do fato de que não há policiais, o tecido social se rompe e a verdadeira face das pessoas é revelada. Não foram só furtos e arrombamento. Atendentes de lojas foram atacados porque os viciados em drogas não eram impedidos. Amigos meus, pessoas de bem, foram mortas nesses ataques. É aí que você se pergunta se ainda vale a pena, se deu certo e tal.

- E o que você acha? – Indagou Letícia.

- Bom, eu ainda estou aqui, não? Tenho minha espingarda e minhas coisas intactas. Mas, sinceramente, não sei se aguento por muito mais tempo. Quando muitos comerciantes fecham seus comércios e vão embora, a economia quebra e tudo continua a piorar sem parar.

- Porque você disse que não sabe se vai aguentar? – Questionou Luiz.

- Cara, primeiro que tem o fator comida e água. Tenho realmente muita coisa estocada, mas isso tudo é perecível e um dia vai acabar. Mas, mais do que tudo, Campos do Jordão se transformou em um lugar triste, mesmo deixando de lado os tiroteios, roubos e arrombamentos à noite. As pessoas morreram, e a cidade foi com elas. Basta ver as lojas

fechadas com tábuas e os outrora belos passeios ao longo da cidade, tomados por acampamentos de desabrigados, sentir o cheiro de bebida barata ou ver os doentes mentais e drogados vagando por aí sem rumo.

- Realmente, tomei um choque quando cheguei aqui e vi a cidade assim. Estive aqui há uns cinco anos atrás com minha esposa, e tudo mudou. Andamos muito por aí já, mas nenhuma cidade está tão destruída quanto esta – Narrou Luiz.

- Realmente – completou Letícia – As outras cidades estão basicamente deterioradas por falta de intervenção humana. Aqui, foi tudo destruído sistematicamente.

- Eu fui criado aqui no Capivari, e eu sempre amarei muito o que esse lugar foi um dia, mas essa não é mais a cidade em que cresci. Campos se tornou uma cidade de sonhos adiados. Acredito que, nem que a humildade se recupere, o que duvido muito, Campos jamais voltará a ser o que sempre foi. A desordem cívica ocorrida aqui gerou um mal-estar espiritual. Nem que as pessoas voltem e comecem a trabalhar duro, seguir as regras e ainda pagar impostos, esse lugar não tornará a prosperar. Quem tentar será esmagado por forças superiores.

- Nós só temos a lamentar por você e sua dor – Disse Letícia.

- Infelizmente não podemos ajudar porque... – Concluiu Luiz.

-... Vocês estão mais fodidos do que eu. Essa é a verdade. Mas só de terem me dado um pouco de atenção, já ajudaram bastante. Muito mais do que podem imaginar.

- Ficamos felizes – Responderam Letícia e Luiz, ao mesmo tempo.

- Casal unido responde em coro, já dizia minha avó.

- Não somos um casal – Respondeu Letícia.

- Vocês podem até não transar, mas formam um casal sim. Já vivi tempo demais para saber que isso é muito verdade – Retrucou Plínio – Porém, o problema não é meu e só o tempo mostrará isso para vocês. Como posso ajudá-los?

Luiz, visivelmente contrariado com o rumo que aquela conversa havia tomado, ficou agradecido em ter a oportunidade de mudar de assunto. Contou a aventura que estavam vivendo até aquele momento e destacou a importância de localizar o remédio para seu filho.

- Agora já está escurecendo e eu realmente não aconselho vocês a saírem por aí. Certamente irão encontrar problemas – Disse Plínio – mas amanhã cedo posso levar vocês até a casa do Dr. Steiner. Ele era nosso vizinho. Sei que guardava algumas coisas no fundo da casa. Talvez esteja lá, o que vocês desejam. Por hoje, seria um prazer enorme para mim, se vocês aceitassem dormir aqui. Não tenho camas ou sofás, mas podemos dar um jeito.

Como a dupla não desejava sair sem rumo na noite, aceitaram o convite e montaram seus sacos de dormir na cozinha de Plínio, que serviu-lhes macarrão semipronto no jantar daquela noite.

A CASA DO DR. STEINER

O dia amanheceu nublado em Campos do Jordão, como se Deus estivesse tentando mandar um recado para os três, que se aventurariam ao atravessar a cidade em busca de um vidro de remédio que, muito provavelmente, não existia.

Luiz olhava distraidamente pela vidraça do antiquário, quando foi interrompido por Plínio, que lhe disse:

- Iremos até a Avenida Pedro Paulo, 2011, no bairro da Lagoinha. Isso quer dizer que teremos que andar uns 12km, ida e volta, sendo que a ida é praticamente só subida...

- Tudo bem. Já andamos muito mais do que isso para chegar até aqui. E, de mais a mais, sou inimigo do fim. Prolongar as coisas ao máximo, as boas e as máximas, é a minha especialidade.

Letícia logo chegou e mostrou que estava levando água e algumas barrinhas de cereais para supri-los no caminho. Luiz, de início refutou a ideia de deixar os demais suprimentos para trás, mas foi convencido de que não fazia sentido nenhum ficar carregando peso, além de suas armas, já que deveriam estar de volta ao meio dia.

Plínio pendurou sua 12 nas costas, trancou a loja e apontou-lhes o caminho, que já começava numa subida.

Durante o trajeto, que fizeram em ritmo bem mais lento do que o habitual, já que o novo amigo da dupla estava claramente fora de forma, conversaram sobre muitas coisas, em especial sobre o que esperavam do futuro.

Plínio disse que não via sentido em elaborar planos de longo prazo, ante a precariedade da vida que levava.

Letícia contou que antes da morte de seu filho Miguel, sonhava em viver com ele na praia, mas que não via mais sentido em seguir por esse caminho sem o filho. E que estava agora, apenas acompanhando Luiz, até que tudo se resolvesse em sua cabeça.

Luiz Paulo foi o último a falar e disse que pretendia voltar para a casa, curar o filho e viver bem com sua esposa, criando bichos e plantando o suficiente para comerem. Disse que esperava que Letícia fizesse parte dessa nova realidade, e contou que a sua pequena propriedade rural contava até com uma casinha atualmente desocupada, mas que poderia facilmente ser habitada por Letícia.

Cerca de duas horas de caminhada depois, o trio decidiu parar para descansar sob uma árvore. Enquanto descansavam do trajeto íngreme e se preparavam para a última subida, que tinha uns 500 metros de acordo com Plínio, comeram uma barrinha de cereal cada.

- Depois da subida, vamos andar uns 50 metros e aí já estaremos em casa... No que foi a minha casa, melhor dizendo.

Plínio ficou visivelmente emocionado ao rever a casa dos pais, local onde passou grande parte da sua vida. Chegou até a ter algumas namoradas, mas nada realmente sério, que o fizesse querer abandonar o ninho materno. Mas isso não fazia dele um aproveitador, pois trabalhava com afinco e ajudava com a maior parte das despesas da casa. Esse era, inclusive, um dos principais motivos que o impedia de sair de casa. Ele sabia que, sem a sua grana, “os velhos” passariam por dificuldades.

Plínio quase entrou na casa sem observar os devidos cuidados, por força do hábito. Mas foi impedido por Luiz, que colocou a mão no seu ombro e disse:

- Entendo que há um fator psicológico forte para você, mas faz meses que você não vem aqui e a Casa dos seus pais pode não ser tão segura quanto antes.

- Realmente...

- Como você conhece a casa – disse Letícia – Acho que deve liderar a varredura.

- Concordo, mas antes gostaria de uma descrição dos cômodos, só para garantir – Disse Luiz.

- É uma casa simples. Confortável, mas dentro daquilo que se espera de uma casa de classe média. Como vocês podem ver, há um corredor em casa lado com imóvel. Eles se unem no final, onde temos a lavanderia, churrasqueira, banheiro e quartinho da bagunça. Aqui na frente temos a garagem. Ela tem duas portas de entrada. Uma, direta para o escritório de advocacia dos meus pais. Do escritório, dá para entrar no restante da casa. A outra porta dá na copa. Estando com a porta da copa nas costas, tem a porta do escritório, atrás, mais para a direita. A porta da cozinha na frente. Tem uma porta para o corredor ali. Mas divaguei. Voltando para a copa, do lado esquerdo fica a sala, que também tem uma saída para o corredor. Do lado oposto, fica o corredor que leva aos quartos. Os dois primeiros ficam para o lado esquerdo. O meu era o segundo. Entre eles, mas do lado direito, fica o banheiro. No fundo do corredor, ficava a suíte dos meus pais.

- Certo. Então não faz sentido a gente se dividir para entrar, certo? – Perguntou Luiz.

- Certo – Responderam Letícia e Plínio.

O trio sacou suas armas e entrou. Mas muito antes de sequer terem tido a oportunidade de se aproximarem da primeira

porta, ela foi aberta por um homem negro, magro, cabeludo e barbudo, com as mãos erguidas.

- Não atirem, pelo amor de Deus! Não quero confusão com ninguém!

- Quem é você? – Perguntou Plínio – O que está fazendo na minha casa?

- Me chamo Raul e estou abrigado aqui, Plínio! Mas se você entrar e ver, perceberá que eu respeitei o seu lar. Não mudei nada de lugar e me alojei no quarto de hóspedes!

- Nós nos conhecemos? – Indagou Plínio.

- Você não me conhece, mas eu sei quem você é por causa das fotos e das suas coisas! Entrem, por favor, eu saio sem criar problemas!

- Não preciso que saia – Disse Plínio, baixando a arma. – Esse lugar não me pertence mais. Só quero entrar, pegar algumas poucas coisas e rever tudo uma última vez.

- Entre – Disse Raul – A casa é sua! Sempre rezo para você e seus pais, para que não se ofendam com a minha invasão.

- Podemos confiar mesmo, que não estamos sendo levados para uma emboscada? – Perguntou Letícia.

- Juro por Deus que não – Respondeu Raul.

- Vamos te dar um voto de confiança – Explicou Luiz – Se você pisar na bola, perde a vida, ok?

- Combinado! – Respondeu enfaticamente Raul – Vamos entrar!

Letícia reparou que Luiz guardou sua 1911 no coldre, mas não a travou ali. Entretanto, toda aquela preocupação, de fato, mostrou-se desnecessária. Além de Raul realmente ser uma boa pessoa, havia cuidado com esmero da casa de Plínio.

Para defesa, Raul tinha apenas um revólver 22, que estava em cima da mesa da copa.

- Eu o tirei da cintura para receber vocês. Sabia que não eram gente má e, ainda que fossem, sozinho eu não poderia com os três – Contou Raul.

- Como sabia que éramos gente de bem? – Questionou Plínio.

- Primeiro que eu te reconheci pelas fotos. E, depois que, desde quando ladrões fazem reunião tática na porta de uma casa, antes de entrarem? – Ponderou Raul.

O trio concordou com ele, rindo. No final das contas, almoçaram juntos, uma carne assada que Raul preparou na churrasqueira dos fundos.

- Matei esse coelho hoje cedo. O pobrezinho estava dando sopa bem aqui na garagem, acreditam?

Eles acreditavam, porque a natureza estava retomando o espaço que lhe havia sido roubado pelos homens nos últimos 300 mil anos.

Enquanto comiam, Luiz perguntou a Raul:

- Você sabe se a casa ao lado está preservada e, mais especificamente se tem remédios?

- Estava e tinha até a semana passada, quando foi atacada por 5 ou 6 drogados em busca de alguma coisa que nem eles mesmos sabiam o que era. A casa ficou arruinada. Porquê?

Luiz Paulo resumiu a história, mas explicou a Raul que precisava do remédio pães seu filho, Sérgio.

- Lamento saber disso, cara. Mas eu realmente não poderia ter impedido eles. Se viessem para cá, teria sido uma briga de vida ou morte – Justificou Raul.

- Sabemos disso – Tranquilizou-o Letícia – Você pode nos levar até lá? Vai que, por milagre, eles pouparam justamente o que precisamos!

- Com certeza – Respondeu Raul, já se levantando.

Cerca de 5 minutos depois, o quarteto já estava dentro da casa do Dr. Steiner. Ou melhor, o que restou dela. Não havia sequer um palito no lugar. E com a sua botica, o desastre não era menor. Ela estava cheia de remédios, mas todos os vidros estavam destruídos e revirado.

Ironicamente, como se o destino estivesse querendo lhe pregar uma peça, Luiz viu um cesto no chão, contendo 27 frascos com a inscrição "rifampicina 50mg, isoniazida 18mg, pirazinamida 250mg e etambutol 160mg".

Era exatamente o que Luiz procurava. Mas não havia uma só gota do remédio, pois o cesto havia sido jogado ao chão, e os frascos amarronzados na resistiram ao impacto.

A única coisa que consolou Luiz, foi a lembrança de Letícia, de que eles teriam conseguido não fosse o período de cativeiro que tiveram que enfrentar.

O quarteto voltou para a casa de Plínio arrasado e em silêncio por respeito à dor de Luiz.

Na mesa da copa, Raul perguntou:

- Não é possível que esse remédio exista só aqui. Será que em São Paulo não tem alguma farmácia ou laboratório que tenha um pouco?

- Essa ideia já tinha passado pela minha cabeça – Contou Letícia – Mas estamos evitando os grandes centros urbanos, porque acreditamos que eles são perigosos agora... Sempre foram, na verdade, mas muito mais agora.

- Mas não vai ter jeito. Ou vocês vão, ou o menino morre, não é isso? – Indagou Plínio.

- Isso – Concordou Luiz, que já tinha decidido ir à São Paulo mesmo antes de entrar na casa saqueada do médico – Não posso e não vou deixar meu filho morrer.

Cerca de 1 hora depois daquela conversa decisiva, o trio já estava na rua novamente, se despedindo de Raul. Letícia e Luiz agradeceram pela acolhida e desejaram sorte. Mas Plínio, que pegou apenas uma foto dele com os pais na praia, foi um pouco mais longe:

- Eu fico feliz em saber que você está aqui, Raul. Cuidando da casa e honrando a memória dos meus pais. Nunca mais se sinta um invasor, pois esses nossos dias agora são estranhos, e os conceitos antigos precisam ser mais maleáveis.

- Eu te agradeço muito – Disse Raul, com lágrimas nos olhos. Sempre que quiser, volte. Agora, somos amigos!

- Digo o mesmo! Passe lá na loja quando quiser. Eu virei aqui de vez em quando.

E, assim, eles começaram o caminho de volta. Nenhum deles tornaria a ver Raul novamente.

DE VOLTA AO ANTIQUÁRIO BERNOLD

A volta para o Antiquário foi mais fácil do que a ida, pois grande parte do trajeto consistia em descida.

O trio não conversou muito, pois sabia que em breve eles se separaria. Apesar do pouco tempo de convivência, eles tinham realmente se gostado.

Foi somente na frente da loja, que Plínio disse:

- Percebi que vocês não têm provisões suficientes para chegar até São Paulo sem passar necessidade, então eu gostaria de contribuir com alguns itens.

Enquanto Luiz e Letícia arrumavam suas mochilas, Plínio foi até os fundos e buscou 9 Cup Noodles de sabores sortidos, duas linguiças calabresa, um rolo de mortadela e um salame grande.

- Não é muito, mas acredito que deve ser o suficiente. Até porque vocês não devem carregar mais peso do que o necessário.

Letícia, com os olhos marejados, abraçou Plínio forte, que se assustou um pouco com tanto calor humano.

Luiz Paulo, claramente com a voz embargada, disse:

- Sempre me perguntam se a humanidade vai sobreviver. Tendo a acreditar que não, mas pessoas como você teimam em me mostrar que eu estou errado! Muito obrigado, de coração, meu amigo! Deus o abençoe sempre!

Com essas palavras finais, o trio de Campos do Jordão foi desfeito e a dupla seguiu viagem.

Nos arrabaldes da cidade, já no início da serra, Luiz avistou um Fusca 88 branco, e disse:

- Meu pai tinha um desses. Passei boa parte da minha infância dentro daquele carro.

- Que legal! Meu pai tinha uma Brasília verde-cana.

- O bacana desses carros é que, se você conseguir virar o contato, o freio continua funcionando, mesmo que o motor esteja desligado...

- Já entendi! Vamos tentar?

A dupla se aproximou do veículo e cada um tentou abrir uma porta, mas ambas estavam fechadas.

- Será necessário quebrarmos um vidro – lamentou Luiz – não queria ter que fazer isso, primeiramente por princípio, mas principalmente porque os cacos vão direto para cima do banco, e vai dar um trabalhão para limpar.

- E se fizermos com o vidro traseiro? Aí você me ajuda a entrar e eu abro a porta. Os bancos da frente estarão limpos e a aerodinâmica do carro não será tão prejudicada.

Luiz Paulo concordou com o plano de Letícia e pegou seu canivete da Invictus. Ele tinha um quebra-vidros na extremidade do cabo e parecia bastante promissor.

Antes de Luiz desferir golpes contra o vidro, Letícia fez questão que ele envolvesse sua mão em um saco de estopa grosso, e baixasse a aba de seu boné o máximo possível sobre os olhos, para evitar acidentes que, em última análise, seriam potencialmente fatais.

De fato, o canivete aguentou o tranco e mostrou à que veio, pois Luiz só precisou desferir um único golpe para que o para-brisa traseiro desmontasse.

Com o serviço feito, os dois discutiram sobre como seria o melhor jeito de Letícia entrar no carro sem se cortar, e concluíram que deveriam forrar a parte de baixo do para-brisas, evitando qualquer acidente com Letícia.

Luiz Paulo a carregou no colo, inserindo suas pernas dentro do carro. Feito isso, Letícia apoiou seus pés no banco enquanto Luiz lhe sustentava o tronco.

Depois de ter entrado no carro, foi fácil para Letícia abrir a porta do motorista, e deixar o banco traseiro.

Como era esperado, o carro não ligou. Essa foi a notícia ruim, apesar de esperada. A parte boa, foi que o contato do carro estava tão desgastado, que Luiz conseguiu girar o tanto necessário com a ponta de seu canivete.

A dupla demorou cerca de 45 minutos para fazer o Fusca andar, mas todo o esforço valeu a pena, pois conseguiram descer toda a serra de Campos do Jordão com ele.

A única precaução que Luiz tomou, foi a de nunca deixar o automóvel ganhar muita velocidade, pois não confiava nos freios já desgastados e há muito sem manutenção.

Quando chegaram aos pés da serra, já era início da noite, e Letícia pediu para que eles montassem acampamento ali mesmo, pois assim poderiam aproveitar o carro como abrigo, com o que Luiz concordou.

Enquanto Letícia montava tudo para preparar o jantar, Luiz fez o fogo. Apesar de terem comido somente Cup Noodles e linguiça calabresa, ambos se sentiram satisfeitos.

- Eu achei um pé de guaco logo ali – Disse Letícia – Colho umas folhas pensando que poderíamos fazer um chá para ajudar na digestão depois dessa bomba de gordura que comemos...

- Eu adoraria. Até porque ainda é meio cedo para dormir – Ponderou Luiz.

Passados alguns instantes de quietude enquanto tomavam chá, Luiz quebrou o silêncio dizendo:

- Como Psicólogo que sou, ou fui em dias antigos, evito reprimir pequenos sentimentos ruins, pois sei que eles se tornarão grandes um dia.

- Sei...

- Então eu confesso que fiquei um pouco magoado quando você deu a entender, durante a nossa conversa com o Plínio e com o Raul, que você não sabia se continuaríamos juntos por muito tempo.

- Se te magoei, eu peço desculpas. Não foi a intenção. Mas, já que tocamos nesse assunto, confesso que ele também está me incomodando.

- Porque?

- É que, apesar de eu querer muito estar com você, tem a sua esposa e filho. Eu não sei se eles... Principalmente ela, me aceitaria.

- Se for só isso, fica tranquila. A Laura é supertranquila, porque sabe que a nossa relação é baseada em respeito, confiança e, principalmente, fé. Quanto ao Sérgio, tenho certeza que ele será seu grande amigo! Ele é uma criança gentil e muito inteligente.

- Fico mais aliviada em saber disso - Disse Letícia – Mas confesso que temo que a sua esposa tenha ciúmes da nossa sinergia... E com razão! A gente se dá tão bem, que todo mundo acha que a gente é casado!

- Eu entendo. É claro que teremos que ter algum cuidado, como já estamos tendo para falar a verdade, mas Laura não é desse tipo de mulher. Se nos comportamos adequadamente como já estamos fazendo, ela não será problema.

- Então tá bom...

Como Luiz percebeu que Letícia estava com os olhos marejados, lhe deu um abraço forte e pediu para que ela nunca mais dizer ou duvidar que a sua presença seria sempre bem-vinda, como se ela fosse sua irmã.

- É claro que você é, e sempre será, livre para fazer o que quiser, mas eu gostaria muito que você ficasse – Disse Luiz.

- Eu escolhi ficar com você lá na ponte, quando nos conhecemos! Miguel amou você desde o primeiro instante.

Passado o momento de emoção, eles se recompuseram e decidiram que não faria sentido ir até São Paulo e não aproveitarem a oportunidade para se reequiparem e voltarem para casa melhores do que saíram em termos de suprimentos.

Decidiram que pegariam um caminhão, de alguma forma e que buscaria tudo o que fosse útil, em especial munições, remédios, sementes e mudas.

O INÍCIO DO FIM

O dia seguinte amanheceu nublado e chuvoso, de modo que preparar refeições não seria possível, então a dupla comeu apenas salame antes de vestirem as suas capas de chuva.

Seria uma caminhada de aproximadamente 150 km até São Paulo. O fato de o Fusca não funcionar foi realmente um problema, mas a verdade é que o carro ajudou demais nos primeiros 20km, que eram só descida.

Pretendiam cumprir todo o trajeto a pé em cerca de 5 dias, mas estariam sempre de olho na oportunidade de pegarem um carro.

- Se temos que ir, então vamos – Disse Letícia.

- O que me motiva – Contou Luiz – É o meu filho... Mas e você? O que te motiva a andar por aí, na chuva?

- O meu filho. Ou a memória dele. Sei que ele não gostaria de me ver sucumbindo em algum canto. E andar me faz esquecer um pouco, a dor da sua ausência.

- Entendi. Caminhar, para você, é uma fuga – Ponderou Luiz, claramente fazendo uma psicanálise.

- Sim. Só que, nesse caso, literalmente.

Eles não conversaram mais, até que fosse hora do almoço e a chuva tivesse amainado para se transformar em uma garoa.

- Se mantivermos o ritmo – Ponderou Luiz – Talvez consigamos chegar em São Paulo daqui três dias.

- Faremos o possível, mas confesso que andar na chuva me cansou – Disse Letícia.

- Vamos andar só mais umas três horas e aí a gente vai buscar um abrigo.

- Tá.

Quando terminaram o almoço, que consistiu em mortadelas e bolacha água e sal, a dupla retomou a caminhada.

Lá pelas tantas, Letícia disse:

- Quando eu era criança, a gente era bem pobre. Então eu não conseguia dar presentes para a Professora. O nome dela era Dolores. Um dia, depois de juntar moedas por um tempo razoável, consegui comprar uma maçã argentina para ela. Quando fui entregar, ela não foi grossa, mas também não foi agradecida o suficiente. Esse foi o primeiro trauma da minha vida.

- E trouxe uma bela lição, apesar de você ser muito pequena na época, para entender: Mas há uma clara diferença entre preço, custo e valor. No caso, a maçã tinha o preço de apenas alguns centavos, mas te custou semanas de economia, para ter pouco valor para a sua professora.

- Nunca tinha pensado nas coisas com esse nível de organização, mas é mais ou menos isso aí mesmo.

Naquela noite, não conseguiram abrigo e tiveram que dormir ao relento. Não foi uma noite fácil, pois choveu consideravelmente. Tanto que as suas capas de chuva saturaram e parte da água acabou entrando e molhando as suas roupas.

Os próximos três dias foram de moral baixa e bastante caminhada, mas ao menos não choveu mais.

Era a tarde do quarto dia, desde que deixaram Campos do Jordão. Eles finalmente haviam chegado na “capital mundial dos helicópteros”

TERRA DA GAROA

Chegar em São Paulo não foi como eles pensaram que seria. Para eles, sobretudo para Luiz, a cidade seria bem organizada entre facções rivais e o cais estaria instaurado em sua plenitude.

Mas, ao contrário, o que viram era bem diferente: A cidade estava caótica sim, o mato tomava conta de tudo, os carros estavam parados num eterno engarrafamento e, claramente, faltava manutenção em tudo.

A única coisa que eu parecia ter melhorado eram os rios Pinheiros e Tietê, que estavam revigorados sem receber litros e mais litros de esgoto por segundo.

Aquela ainda era uma cidade violenta e ruim de se estar, mas não ter grupos organizados certamente favorecia os planos da dupla.

Por diversas vezes, eles tentaram se aproximar de pessoas, mas sem sucesso. A última tentativa foi a mais emblemática, pois um homem negro é forte, com seus cerca de 40 anos e barba comprida, os repeliu jogando latinhas vazias de cerveja e refrigerante:

- Saiam, seus malditos! Filhotes de Demônio! Saiam, seus excomungados! Me deixem em paz! O Senhor é o meu Pastor, e nada me faltará! Pois seu cajado é a sua espada me consolam!

Diante de tamanha falta de reciprocidade, a dupla não viu outra alternativa senão passar a evitar as outras pessoas, fato que claramente contrária a tudo o que Luiz havia aprendido na faculdade e nos anos de trabalho como psicólogo. Sua experiência lhe havia mostrado, até aquele momento, que o ser humano era uma espécie gregária, diferente de muitos bichos.

- Eles já eram arreios antes da Pandemia. Não seria diferente agora – Ironizou Letícia.

Já passava do meio dia quando eles encontraram uma garagem de empresa de ônibus. Haviam diversos veículos lá dentro, todos com o logotipo "Gaivota" na lataria. Sem dúvidas seriam bons de se morar por um tempo, mas eram grandes demais para serem úteis em meio a todo aquele engarrafamento.

Por isso, antes mesmo de pularem o muro, optaram por uma Renault Cargo, que servia como carro de apoio para o administrativo da empresa, aparentemente.

- A boa notícia é que tem gasolina a dar com o pau aqui – disse Luiz, depois de alguns minutos vasculhando o pátio – A má é que o carro não está querendo ligar. A bateria arriou.

- Não é possível que, em meio a tantas ferramentas, não consigamos fazer uma chupeta num carro – Xingou Letícia – Não aguento mais andar!

- Eu tenho uma ideia...

- E qual seria?

- As baterias desses ônibus são muito maiores que a do carro. Se estivessem carregadas totalmente, fritariam toda a parte elétrica do carro, mas já estão paradas há alguns meses, então... Pode dar certo!

Letícia foi até o escritório da garagem, revirou algumas gavetas e encontrou as chaves do depósito. Lá, certamente haveria um cabo para fazerem a chupeta.

E havia. Cerca de 5 minutos depois, eles estavam com o carro em pleno funcionamento. A sorte, ao menos uma vez desde que eles tinham se encontrado, estava sorrindo para eles.

Como já era meio da tarde quando conseguiram fazer o Cargo funcionar, eles decidiram que seria melhor se passassem a noite ali.

O escritório tinha chuveiro e até uma pequena copa, que os possibilitaria fazer a primeira refeição quente em mais de uma semana. Seria Cup Noodles, os últimos, mas já era alguma coisa.

Apesar de estarem no melhor abrigo que tiveram em dias, a noite não foi tranquila para nenhum dos dois. É que, constantemente haviam estouros, tiros e gritaria nas redondezas, motivo que levou Luiz a armar uma barricada na porta do escritório, visando atrasar um eventual invasor.

Apesar de tensa, a noite transcorreram sem maiores problemas e, por volta das 5 da manhã, ambos já estavam de pé tomando café.

A primeira providência do dia seria armazenar o máximo de combustível possível na carroceria da Cargo, pois pretendiam voltar para casa com ela. Para tanto, usaram dez galões de 20 litros de água, além do combustível que estava colocado do tanque do veículo.

O objetivo da dupla naquele dia era muito claro: Passar no CEAGESP, num supermercado e no 2ª Divisão do Exército, para então irem na Freguesia do Ó, na fábrica de remédios Eurofarma.

Mas... Nem tudo foi como o planejado.

CEAGESP

A primeira parada da dupla seria na Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo, a nacionalmente famosa CEAGESP, conforme eles haviam combinado na noite anterior, quando Letícia fazia o trajeto que percorreriam.

A ideia era simples: Evitar ruas principais, mas fazer o caminho mais curto possível.

No trajeto, Luiz realmente parecia feliz em estar ao volante de um veículo que funcionava de verdade, ao invés de apenas descer na banguela.

Não demorou, inclusive, para que ele começasse com o que Letícia passou a chamar jocosamente de "Momento Nerd News", apesar de verdadeiramente curtir cada uma das informações inúteis que ele costumava contar:

- A CEAGESP surgiu lá por 1969, e desde o início já centralizava o abastecimento Brasil, em sua grande maioria. Então foi um pulo para que eles fossem os melhores em comercialização de hortícolas e armazenagem de grãos. Em 1977, eles ampliaram o Pavilhão denominado Mercado Livre do Produtor, e conseguiram vender mais de 6,2 mil toneladas de produtos em um único dia, superando o maior mercado do mundo, o Paris-Rungis, na França.

- Interessante!

- Por isso que eu tenho esperança de que ainda tenha alguma coisa lá, nem que sejam só sementes, que possa nos ser úteis – Completou Luiz.

- Sementes seriam perfeitas para a gente. Não ocuparam muito espaço na carroceria, e não precisariam de grandes cuidados no transporte...

O caminho não trouxe grandes dificuldades para os dois, pois sempre que a rua estava interditada por veículos, árvores caídas ou crateras que se formavam no asfalto, eles desviava algumas quadras e já retomavam o rumo do destino final.

Os problemas começaram mesmo, nos portões da CEAGESP, pois o local havia sido completamente tomado por moradores de rua. Claramente, diversos deles tinham problemas mentais graves e não estavam em seus melhores dias.

- Não me parece sensato nos arriscarmos a entrar aí – Disse Luiz – Até porque não deve ter sobrado nada que essa gente não tenha revirado.

- Concordo plenamente com você – Disse Letícia – E, sementes, podemos conseguir em outros lugares. Será muito mais difícil, mas não impossível.

A conversa dos dois, dentro do carro parado defronte ao portão principal durou não mais que alguns segundos, mas foi mais do que o suficiente para que eles chamassem a atenção de alguns caras, que correram em direção do carro, com paus e pedras nas mãos.

Se Luiz não conseguisse engatar a ré rapidamente e deixar o local, certamente vidas seriam perdidas. Podia ser a dos mendigos, mas também poderia ser a deles. Não era bom arriscar.

ATACADÃO

Algumas quadras depois, Luiz achou que era seguro estacionar, para que Letícia pudesse localizar onde estavam e reprogramar a rota até o Atacadão.

Na correria para fugir dos mendigos, Luiz simplesmente foi escolhendo as ruas que estavam desobstruídas, sem se preocupar com a direção em que estavam indo, desde que fosse para longe.

Assim que estacionou o veículo, Luiz sacou sua 1911 e ficou olhando os retrovisores constantemente, pois ser emboscado dentro do carro era morte certa.

Letícia levou cerca de 5 minutos para localizar onde estavam e mais 2 para reorganizar a rota.

- Podemos ir. Vai ser mais fácil do que pensamos – Disse Letícia.

Luiz pousou sua pistola entre as pernas, como faziam os Policiais Militares de São Paulo, num movimento claramente pouco seguro ou eficiente, e ligou a van.

O trajeto durou cerca de 25 minutos, pois muitos foram os desvios de rota necessários. Aparentemente, havia chovido forte na região, e diversas árvores tinham caído.

Quando chegaram no Atacadão, receavam encontrar o local repleto de nóias, mas não foi o que aconteceu. Os portões do supermercado estavam trancados, e o pátio, vazio. O vasto estacionamento de concreto já estava tomado pelo mato, mas fora isso, tudo parecia estar como devia ser antigamente.

A dupla desceu do carro, que estacionaram defronte ao portão, e discutiu maneiras de entrar. A mais óbvia era pular o muro, mas eles pretendiam carregar muitas mercadorias, e não seria nada prático fazer isso tendo que pular o muro. Fora que não seria inteligente deixar o carro desprotegido enquanto "faziam compras.

A ideia de dar uma carrada no portão parecia bastante atraente, principalmente aos olhos de Luiz, mas Letícia ponderou que aquilo poderia avariar o veículo além do esperado e causar problemas.

Visando contornar o problema, ambos concordaram que o melhor a ser feito era dar um tiro no cadeado. Faria barulho, certamente chamaria a atenção das pessoas nas redondezas, mas não tinha jeito.

Os dois se afastaram cerca de um metro e Letícia disparou. Em cheio.

Luiz abriu o portão, enquanto Letícia trouxe o carro para dentro. Luiz fechou o portão, pendurou a corrente para disfarçar a presença deles ali, e entrou no banco de passageiros.

Estacionaram a van de ré na entrada de carga e descarga de materiais e desceram. Tudo parecia bem e no lugar. E esse era justamente o problema: Não fazia sentido algum, que um supermercado gigantesco tivesse sido poupado da ira de drogados com fome, onde o "novo normal" era cada um por si.

Sacaram suas pistolas e entraram. Mas tudo o que encontraram foi um galpão vazio.

A frustração tomou conta, e Letícia acabou deixando escapar seu desânimo:

- Não tem como o Exército ter as armas que queremos, e o laboratório ter o remédio que seu filho precisa!

Quando disse isso, se ajoelhou e começou a chorar, com as mãos no rosto. Luiz agachou para consolá-la, mas imediatamente se arrependeu, pois ambos ouviram uma calibre 12 ser engatilhada logo atrás deles.

- Soltem as armas, ou eu atiro!

A dupla, sem alternativa melhor, obedeceu.

- Feito – Disse Luiz – Agora vamos nos acalmar e...

- Cala a boca, seu babaca! Você só vai falar quando eu mandar!

- Ok!

- Assim é melhor! O que você e essa gostosa aí, pretendem fazer no meu barraco?

- Queríamos comida e...

- Não tem comida aqui, como podem ver.

- A gente não sabia – Disse Letícia.

- Eu estou falando com ele, sua vadia intrometida! Só responda algo quando eu perguntar! Essa é uma conversa de homens!

Passados alguns segundos, a conversa foi retomada:

- Me chamo Euclides. Tenho 79 anos, câncer em provável estágio terminal pois estou sem tratamento desde que essa merda toda começou e tenho dúvidas sobre se devo ou não matar vocês. Por um lado, seria o certo. Por outro, sujaria o chão do barracão e não temos mais água encanada, o que dificulta bastante a limpeza, sabe?

- Posso falar? – Perguntou Luiz.

- Pode. Mas não garanto que a bunduda ali, não vai te interromper...

- Do jeito que a gente entrou, podemos sair. A gente vive, e você não tem o trabalho de limpar o chão. Todo mundo ganha.

- Mas como vou saber que vocês não vão mais voltar, quem sabe com reforços, até?

- Pra quê? Não tem nada aqui!

- A gente não é daqui – Completou Letícia.

- Te disse que a Vadia iriam se intrometer, não? É o seguinte... Vou sair. Vocês vão contar até 300 nessa mesma posição em que se encontram. Depois, vão entrar naquele carro e picar a mula, fui claro?

- Sim – Responderam Luiz e Letícia, ao mesmo tempo.

- Se eu cruzar o caminho de vocês mais uma vez aqui na minha quebrada, eu juro por Deus que vou atirar antes e perguntar depois, fui claro?

- Sim – Respondeu a dupla.

Quando terminaram a contagem, Luiz e Letícia levantaram, esticaram as pernas e deram o fora do Atacadão o mais rápido que puderam.

Mesmo anos depois do ocorrido, eles ainda não podiam descrever a aparência de Euclides, pois jamais o viram, e nunca conseguiram explicar como um quase octogenário havia conseguido se aproximar e se afastar deles, tão furtivamente.

SEGUNDA DIVISÃO DE EXÉRCITO

Luiz e Letícia correram para o carro tanto quanto suas pernas aguentaram, depois de ficarem praticamente 15 minutos ajoelhados.

Quando entraram no carro e se aproximaram do portão, Letícia fez menção de descer, mas Luiz a impediu, segurando seu braço:

- Deixa que eu vou. Aquele Velho pode ter armado uma emboscada. Assuma o volante e, se o tiroteio começar, avance três quadras para a frente e vire para a esquerda. Se eu não chegar em 10 minutos, siga para a minha casa e conte o acontecido para minha família. Diga que eu os amo e que foi tudo por eles... E que valeu a pena.

Como Luiz sabia que Letícia não concordaria com aquilo, saiu logo do carro.

Enquanto abria o portão, ouviu a voz de Euclides amplificada de alguma forma, mas não pelas caixas de som do estacionamento:

- Eu falei sério, forasteiros! Nunca mais pisem aqui! A menos que queiram ver a tripa de vocês se misturar com os miolos no asfalto!

Luiz abiu o portão, Letícia passou com a van e o portão foi fechado, tal como estava antes, só que sem o cadeado. Luiz sentou-se no banco do passageiro e Letícia seguiu viagem.

Por longo período de tempo, ninguém falou, até porque o caminho até o Exército estava praticamente desobstruído e, quando havia uma interrupção na pista, Letícia desviava um ou dois quarteirões e voltava ao traçado original.

Lá pelas tantas, Letícia rompeu o silêncio:

- Essa foi por muito pouco. Porque você acha que fomos poupados?

- Acredito que ele não queria sujar o chão mesmo...

- Não acredito nisso nem por um segundo! Alguém com tamanha destreza furtiva, não deve ter tanta dificuldade em limpar o chão... Um ou dois baldes de água, uma vassoura e um rodo bastariam!

- Então qual a sua teoria?

- Ele não matou a gente porque percebeu que éramos dois tontos perdidos!

- Pode ser...

Cerca de 45 minutos depois, Letícia estacionou defronte à portaria da 2ª Divisão de Exército. Não havia nenhum sinal de patrulha ou de impedimento para entrada.

Luiz orientou Letícia para que sacasse sua pistola, e fez o mesmo. Com o carro, percorreram toda a base, e encontraram diversas pichações pouco elogiosas ao pessoal do "Braço Forte, Mão Amiga".

Perceberam também, que os tanques de guerra estavam notoriamente avariados, para a tristeza de Luiz, que lembrava com profundo respeito e admiração, da sua época de Tiro de Guerra.

Como não tinham um mapa do lugar, optaram por se dirigirem até a administração, na esperança de encontrarem um mapa ou fotografia aérea que possibilitasse uma melhor localização.

Estacionaram debaixo de uma frondosa árvore da espécie sibipiruna e caminharam até o prédio identificado como "Oficialato".

Lá havia uma placa bem grande com os seguintes dizeres:

"A 2ª Divisão de Exército, Divisão Presidente Costa e Silva, é um dos cinco Grandes Comandos Operativos do Exército Brasileiro, com capacidade de mobilização nacional.

Sua atuação histórica inclui operações de paz no Haiti (MINUSTAH) e intervenções no Rio de Janeiro, como as operações Arcanjo, São Francisco e Furacão.

A Divisão possui duas peças de manobra: uma Brigada de Infantaria Aeromóvel, especializada em operações de retaguarda e áreas urbanizadas, e uma Brigada de Infantaria Mecanizada, com alta mobilidade e proteção blindada, ideal para combate urbano.

O 12° Grupo de Artilharia de Campanha, sediado em Jundiaí, apoia a Divisão com fogo de artilharia usando obuseiros de 155 mm.

O 2° Batalhão de Engenharia de Combate, em Pindamonhangaba, assegura mobilidade, contra-mobilidade e proteção, construindo infraestrutura e desativando explosivos.

A Companhia de Comando, sediada em São Paulo, coordena operações, comunicação e logística, garantindo eficiência em campanhas militares."

Letícia sabia que Luiz jamais iriam ficar em paz se não lesse a placa, entendesse e memorizasse as informações contidas na placa, então sequer fez menção de apressar o momento.

Uma vez dentro do prédio (as portas estavam abertas), constataram que tudo havia sido completamente revirado. Mas no chão do que parecia ser a recepção, havia realmente uma fotografia aérea da base. A "Armaria" ficava três prédios abaixo, na direita de quem está na posição deles.

Quando obteve a informação de que precisava, Luiz ficou exultante:

- Eu vou querer uma bazuca! – Disse rindo.

Deixaram a sede do Oficialato, apenas para descobrir que eles não eram os primeiros a terem a ideia de "fazer compras no Exército".

- Tenho que admitir... Seria bom demais para ser verdade – Bradou Luiz, já sem o brilho nos olhos de momentos atrás.

Naquela altura do campeonato, já era praticamente noite, então decidiram pernoitar na "Oficina de Máquinas" da base, pois era o único prédio que permitia abrigarem o carro, para que não chamasse tanto a atenção de curiosos.

Jantaram arroz com cenoura e lascas de carne seca que Letícia cozinhou num fogareiro que Luiz encontrou no que parecia ser uma pequena copa.

Quando já estavam deitados na caçamba da van, cada um no seu saco de dormir, Luiz disse:

- Eu gostaria de rezar, mas não sei por onde começar...

- Eu não fui criada em nenhuma religião específica, mas quando quero falar com Deus, digo assim: Deus, sou eu de novo. Tomara que as nossas vontades coincidam. Mas se não coincidirem, que seja feita a sua. Proteja todos aqueles que me amam, e todos aqueles que eu amo. Que assim seja!

- É um bom começo. Muito obrigado... Boa noite.

PARA A FÁBRICA DE REMÉDIOS

O dia seguinte amanheceu chuvoso e com uma brisa fria. Talvez aquele clima tivesse levado Luiz a ter sentimentos ruins. Isso era comum vindo dele e, inclusive, era algo de família, pois seu pai também era assim.

Enquanto bebia sua caneca de café, que fora trazida por Letícia, sentou-se na beirada da carroceria da van e ficou olhando para o nada.

A sensação era de fracasso. A viagem já estava no fim e o objetivo ainda não havia sido cumprido. Muita coisa aconteceu, muita gente foi morta... É verdade que fizeram amizades e que ele e Letícia criaram uma conexão tão forte que, provavelmente, seriam amigos até o fim da vida. Mas o remédio, a origem de tudo, ainda não tinha sido conquistado.

O último trecho da breve estadia deles em São Paulo seria decisivo.

Como estariam o filho e a esposa? Sentia saudades dos dois constantemente, mas naquela segunda de manhã, a coisa estava mais forte do que nunca e a sua vontade era voltar para casa imediatamente.

Não faria isso, entretanto, em hipótese alguma. Tanto porque significaria o fim da vida de Sérgio, quanto porque ele não conseguiria lidar com a vergonha de ter desistido. Ainda mais tão perto do objetivo.

Cerca de 50 minutos depois, já estavam no caminho da Eurofarma.

Luiz Paulo, apenas para quebrar o silêncio por um instante, disse que a unidade em questão era onde se dava a fabricação de antibióticos, orais e injetáveis antes da Pandemia.

- Foi lá que produziram, pela primeira vez, a penicilina no Brasil – Contou Luiz.

- Estou rezando para ter um estoque ou alguém que saiba fazer o remédio... Se não der certo aqui, não sei mais onde procurar – Disse Letícia, quase chorando.

O restante da viagem foi percorrido em absoluto silêncio.

Quando chegaram na portaria da Eurofarma, se animaram. Não havia sinal de quebradeira ou vandalismo. Apenas o Jardim crescia desordenadamente e a poeira tomava conta de tudo.

Como de hábito, antes de entrarem em locais fechados, sacaram suas pistolas e baixaram a trava.

Luiz foi na frente, seguido de perto por Letícia.

O prédio contava com cinco andares, sendo que o primeiro era destinado para as áreas de convivência, e o último, para o pessoal do administrativo, de acordo com uma placa que encontraram perto dos elevadores.

Assim, o objetivo deles estava entre o segundo e o quarto andares.

A escadaria do prédio era bem ampla e favorecia a circulação de pessoas, porém Letícia tinha a impressão de que eram pouco utilizadas na época em que os elevadores panorâmicos funcionavam.

Não havia absolutamente ninguém no segundo pavimento, mas tudo estava absolutamente impecável, assim como o restante

do prédio. Aparentemente o responsável por organizar as coisas para quando a “pandemia terminasse e as pessoas pudessem voltar ao trabalho” era muito eficiente.

O terceiro pavimento era idêntico ao segundo, mas com uma diferença considerável: Estava habitado.

Luiz fez sinal para que Letícia fizesse silêncio, tanto porque não queria ser descoberto, quanto porque não desejava criar um cenário onde – devido a uma eventual situação de perigo iminente – tivesse que matar a Cientista.

Ficaram no hall da escada cochichando e discutindo como abordar a Cientista por algum tempo, até concluírem que Letícia deveria entrar com a arma coldreada, para não assustá-la. Assim que sentisse ter ganho sua confiança, chamaria Luiz, que estaria preparado para agir caso as coisas não saíssem como planejado.

- Boa sorte – Disse Luiz.

Letícia entrou no salão sem respondê-lo, pois só tinha uma coisa em mente: Abordar a Cientista sem causar um tiroteio ou desagradá-la, pois nos dois casos o remédio de Sérgio não seria possível.

A Cientista estava do lado oposto do salão, de costas e com o rosto abaixado. Aparentemente, olhando um microscópio e fazendo anotações em seu Moleskine, com sua lapiseira Caran D’Ache vermelha.

Obviamente, seria um alvo fácil, mas para a sua sorte, às intenções de Letícia não eram ruins.

- Antes da gente começar a conversar – Disse a Cientista – Peça para o seu marido entrar também.

- Ele não é meu marido – Respondeu uma espantada Letícia, enquanto Luiz entrava pela porta.

- Não é o que parece... Não mesmo. E, para falar a verdade, se ele não for seu irmão, é eu sei que não é, deveria ser seu marido. Nessa altura do campeonato, te garanto que você vai ter muitas dificuldades em achar um melhor!

- Qual o seu nome? – Perguntou Luiz.

- Meu nome? Você quer saber o meu nome? – Disse a Cientista ainda de costas.

- Bom, é assim que eu costumava começar uma conversa antes da Pandemia!

A Cientista pousou sua caneta, ou melhor, seu "instrumento de escrita", como dizia seu pai, girou a cadeira e levantou, ajeitando o jaleco.

Enquanto caminhava em direção aos dois, a dupla percebeu que ela não representava perigo e que era de beleza mediana. Seios pequenos, mas firmes. Quadril largo, cintura fina, pele branca e cabelo comprido, liso e castanho. Era alta para os padrões femininos, mas um pouco mais baixa que Letícia.

A Cientista abriu os braços e abraçou os dois ao mesmo tempo. Quando terminou, deu dois passos para trás e disse:

- Me desculpem a empolgação, mas faz tempo que não tenho contato com gente. No máximo, de vez em quando eu vejo uns nóias na rua, mas não ouso chegar perto.

- Nós entendemos – Respondeu Letícia.

- Sim – Concordou Luiz.

- Você me perguntou meu nome... E a resposta é que depende de quem me chama! Ou chamava... Meus pais me chamavam de Bê. Meu marido me chamava de Bem. Meus alunos me chamavam de Professora. Meus pares me chamavam, aqui mesmo nesta sala, de Doutora... Mas fui batizada Beatriz Veríssimo. E, não, não sou parente do escritor, embora gostaria de ter sido!

- Prazer, sou Letícia. É ele é o Luiz!

- Prazer.

- Desculpe se falo demais... Mas agora que estão todos mortos, não resta mais ninguém para conversar.

- Sem problemas – Responde Letícia – Mas, conta uma coisa... Como você sabia que estávamos aqui?

- Ah, essa é muito fácil! Primeiramente que faz quase um ano que eu não ouço o motor de um carro funcionando! Segundo que vocês são muito barulhentos! Sem querer ofender, mas é verdade!

- Ou talvez o seu ouvido seja bastante aguçado – Redarguiu um contrariado Luiz, que na condição de caçador, considerava uma ofensa ser taxado de barulhento.

- Pode ser também! Mas, se não tiver problema, eu gostaria de saber o que vocês precisam de mim... É que estou um pouco ocupada com a minha pesquisa que visa descobrir a cura para a Pandemia, sabem?

Letícia e Luiz se entreolharam e, em fração de segundos decidiram que a Cientista não batia muito bem das ideias, mas que era melhor não contrariá-la.

- Sim, a gente entende – Respondeu Letícia.

- Então – continuou Luiz – Meu filho, Sérgio, de 9 anos sofre de tuberculose pulmonar, que é causada pela bactéria Mycobacterium tuberculosis, pelo que pude ler num livro de medicina que consegui pegar num consultório lá da minha cidade...

- De fato, essa bactéria existe e causa tuberculose pulmonar mesmo – Ponderou a Cientista.

- E a cura virá através de antibióticos específicos, como rifampicina, isoniazida, pirazinamida e etambutol, que devem ser tomados por um período de 6 a 9 meses, até onde eu pude apurar.

- Posso garantir que você apurou certo, Senhor Luiz.

- Viemos até aqui porque soubemos que esse laboratório era onde fabricavam antibióticos orais e injetáveis antes da Pandemia... E que foi aqui, também, que produziram, pela primeira vez, a penicilina no Brasil – Narrou Letícia.

- Souberam certo – Disse a Cientista – E deram sorte, porque eu tenho vários vidros dos remédios necessários.

A dupla se abraçou e Letícia começou a chorar de emoção, o que não impediu a cientista de continuar falando:

- O esquema básico para tratamento de tuberculose pulmonar em pessoas com mais de 10 anos é composto por quatro fármacos: Rifampicina, Isoniazida, Pirazinamida, e Etambutol. Seu filho tem 9 anos e quantos meses?

- E três meses – Respondeu Luiz.

- Ele é gordo ou magro?

- Mais para gordinho, mas não muito.

- Acho que é seguro arriscar um pouco e dar o remédio a ele. Até porque, nas atuais condições, não tem muito mais o que fazer. Esperem um pouco, que eu já volto.

Cerca de 20 minutos depois, a Cientista voltou com uma caixa de isopor reforçada, e disse:

Coloquei aí dentro, o suficiente para três tratamentos, porque a doença pode voltar... E também porque a tuberculose é transmissível, então é melhor garantir. Também coloquei num papel, o modo de uso. Se for seguido à risca, tudo deve ficar bem.

- Não sei nem como agradecer – Disse Luiz.

- Eu sei, se é que me permitem... Eu jamais condicionaria a entrega da medicação a isso, mas se puderem me ajudar, seria de grande ajuda!

- Do que você precisa? – Perguntou Letícia.

- De uma arma de fogo. Por uma ou duas vezes, já entrou gente em casa antes, e precisei me esconder.

Letícia, sem pensar duas vezes, sacou uma suas duas Glock e entregou para a Cientista, junto com quatro dos oito pentes que tinha pegado na sala-cofre do Dr. Eupídio, na Delegacia.

A Cientista agradeceu efusivamente e o trio se separou exatamente como se juntou: Rapidamente.

LÁ, E DE VOLTA OUTRA VEZ

Luiz estava exultante no caminho até a van.

- Não consigo acreditar que vou conseguir salvar meu filho! Graças a Deus pelos pequenos milagres diários... E a você, que não me deixou desistir!

- Eu só fiz o que uma boa amiga qualquer, faria...

- Você sabe que não é verdade. Você foi muito além disso! Comemos muito pó da estrada juntos, como diz a velha canção. É por isso que somos família.

Letícia não respondeu, mas seus olhos marejaram.

A saída da Eurofarma foi tranquila, e logo eles estavam na estrada. Aqui é ali, viam sinais de uma civilização que, apesar de grande e imponente, dava claros sinais de extinção.

Luiz Paulo passou vários minutos pensando nessa grande questão existencial e concluiu que, apesar de muito desejar que as coisas não se dessem dessa forma, em 40 ou 50 anos a raça humana já não caminharia mais pela Terra, e a vez dos animais chegaria novamente.

A maior prova disso era que, há apenas 80 km de São Paulo, já não havia mais nada além de natureza retomando os seus espaços.

De carro, a viagem, que levou 37 dias até aquele momento, seria concluída em cerca de 15 horas, sem contar com os eventuais obstáculos.

Percorreram cerca de 6 horas desse trajeto ainda naquele "dia de domingo", tal como dizia a música e pararam para pernoitar na cidade de Registro, ainda no Estado de São Paulo.

Naquela noite, se permitiram comemorar e abriram uma garrafa de espumante Garibaldi, que Letícia carregava desde algum tempo atrás, na esperança de encontrar algum rio caudaloso onde pudesse refrescar seu conteúdo. Apesar de estar quente, a bebida cumpriu com o seu propósito festivo.

Naquela noite, ambos dormiram na traseira da van, sendo que Luiz ficou com a cabeça voltada para a traseira, e Letícia, para a frente do veículo.

Por volta das três da manhã, foram acordados com o veículo sacolejando.

Assustados com a possibilidade de estarem sendo atacados, ambos sacaram suas pistolas e saíram, cada um para um lado do carro, objetivando render o atacante de surpresa.

Tudo para rirem, segundos depois, ao verificarem que um bezerro estava enfiando a cabeça pelo vidro do passageiro, tentando buscar comida.

Fora isso, a viagem de volta para Gramado foi bastante tranquila e rápida.

Assim que amanheceu o dia, a dupla recomeçou a rodar, parando apenas de quando em quando para esticar as pernas e fazer suas necessidades.

O FIM, NO COMEÇO

Luiz estacionou a van logo atrás de sua caminhonete, a qual teve que deixar para trás se quisesse seguir adiante, 37 dias atrás.

A dupla desceu, mas não conseguiu se aproximar do veículo num primeiro momento. Luiz teve uma torrente de emoções e só conseguia pensar no quanto aquilo tudo havia mudado sua vida. O Luiz que retornou não seria reconhecido pelo Luiz que iniciou a empreitada de sua vida. Era impossível. Coisa demais aconteceu naqueles dias.

Letícia, por outro lado, havia desabado e chorava enquanto tinha um ataque de pânico. Estar ali, naquela mesma ponte onde viu seu filho se transformando em um homem, feliz ao ver Luiz e em poder ajudá-lo, foi demais para ela.

Quando se deu conta do que estava acontecendo, Luiz Paulo deu a volta pela frente da caminhonete e abraçou Letícia, até que se acalmasse.

Passados alguns minutos, Luiz começou a dizer coisas sobre legado, imortalidade da alma e propósito, com o objetivo de acalmar a amiga. Aos poucos, foi funcionando. O pânico foi passando, o choro se transformou em fungadas e essas viraram conversas cheias de lembranças de tempos que não voltariam mais.

Cerca de meia hora depois, ambos já remexiam a caminhonete e Luiz constatava que a mesma se encontrava exatamente como havia deixado, o que era bom, ante ao fato de que estava completamente carregada de suprimentos que seriam úteis no longo prazo. Afora o apego emocional que ele nutria pelo veículo, é claro.

Como a bateria da caminhonete estava arriada, Letícia estacionou a van ao lado e Luiz fez a bateria da “Gloriosa” voltar aos seus melhores dias.

Luiz manobrou o veículo e disse para Letícia:

- Eu realmente não gosto da ideia de nós termos que ir separados nesses últimos km. Parece simplesmente errado, depois de tudo o que passamos!

- Não posso dizer que estou confortável com a situação, mas será necessário. Ambos os veículos contam com suprimentos essenciais para o nosso futuro. Eu te sigo de perto, fica tranquilo!

- Acho que estamos bem. Até já!

ESTAMOS INDO, DE VOLTA PRA CASA...

Os últimos 36 km da viagem se deram por estradas vicinais estreitas, mas retilíneas, o que permitiu que avançassem rapidamente, sobretudo nos primeiros 20 km, que eram asfaltados. Mas, até mesmo o trecho de terra era bastante plano e sem grandes valas, contando com cascalho onde necessário.

A dupla chegou na propriedade de Luiz levantando bastante poeira, como naqueles filmes de guerra, quando um Oficial vai informar a família que o filho tombou cumprindo o dever de alguma forma brava, mas inventada apenas para aplacar o sofrimento da família e dar algum sentido à matança.

Luiz buzina logo na porteira, mas ninguém aparece. Letícia pensa que realmente poderá ser feliz ali, se Sérgio e Laura puderem aceitá-la. Se não puderem, não sabia o que faria. Talvez voltasse para Campos do Jordão. Tinha gostado do lugar, e feito amizades lá.

O sítio, apesar de contar com boa estrutura, aparentemente, estava abandonado. Os bichos corriam soltos pelo pasto, as galinhas ciscavam distraidamente e os peixes se reproduziam sem controle.

Ao longe, Letícia conseguiu identificar uma grande plantação de cana e outra de eucalipto, além de algumas parreira de uva e uns poucos pés de oliva.

Os porcos foram os únicos que se deram mal, pois como não conseguiram fugir do cercado, estavam mortos por inanição.

Luiz estaciona a caminhonete em baixo de uma mangueira, e Letícia faz o mesmo.

Quando Letícia se aproxima de Luiz, ele diz, baixinho:

- Sinto que algo não está certo.

Eles sacam suas armas e, juntos, se dirigem à casa. Se trata de uma construção rústica e grande, de tijolos à vista, com um grande pátio central aberto, mas coberto. Ele claramente divide a casa em dois setores. À esquerda ficam sala de estar, quartos, banheiros e escritório. Do lado esquerdo, existe a cozinha, copa, área de serviço, churrasqueira e piscina, além do canil.

Ao fundo, cerca de 50 metros abaixo, é possível ver uma igreja dedicada à São Gabriel Possenti, o Santo Protetor dos atiradores e, ao lado, uma casa, aquela que Luiz disse que Letícia poderia morar.

Ao se aproximarem do pátio central, Luiz parou e pousou a mão no ombro esquerdo de Letícia.

- Isso definitivamente não está certo...

NADA SERÁ COMO JÁ FOI UM DIA

Luiz inicia a varredura da casa pela ala dos quartos. Letícia segue logo atrás, e sua sensação de que algo está muito errado cresce a cada instante, junto com o cheiro de carne em decomposição. Fora o fato de que a sala está revirada, e há um buraco de bala na cristaleira.

Ao entrar no quarto de Sergio, o cheiro está insuportável. Luiz hesita, mas com um empurrãozinho de Letícia, decide abrir a porta do closet, e encontra Alceu, o pastor alemão da família, morto com um tiro no pescoço. Não há sinal de Sérgio ali.

Eles terminam a varredura naquela ala, prometendo mentalmente darem um enterro digno ao cachorro, tão logo fosse possível.

A dupla deixa a ala dos quartos, atravessa o pátio, para entrar na cozinha. Os diversos quadros e mobiliário chique, faz Letícia perceber que seu amigo era de classe média alta, pelo menos. Isso, é claro, antes do Vírus. Agora, todos eram "iguais", exatamente como os esquerdistas pregavam: Todo mundo estava na merda.

Na cozinha, a grande maioria dos suprimentos que Luiz havia deixado para a família consumir durante sua ausência, estava como ele havia deixado, o que era péssimo sinal.

Na geladeira, havia uma carta afixada com imã, em que Sérgio dizia em letra claramente apressada:

- Pai, uns caras vieram aqui, e violentaram a mãe. Peguei a 12 e vou ao encalço deles. Se Sei que estão escondidos na Igreja Matriz de São Pedro Apóstolo.

Ao ler a carta, Luiz ficou atônito. Tanto por saber que falhou na promessa que havia feito aos pais de Laura, de que sempre cuidaria da única filha deles, quanto porquê sabia que não tinha como Sérgio ter saído vivo de um confronto desses.

Sentado na cadeira da cozinha, disse:

- Eu nunca mais terei paz na minha vida. Falhei enquanto marido...

- Você fez o que tinha que ser feito. Não podia deixar seu filho morrer. Laura, tenho certeza, se tivesse que escolher, teria dito para você ir.

- Eu sei que as coisas não acabaram bem para Sérgio. Mas preciso ter certeza. É também tem a Laura. Vou para a Igreja.

- Vou com você.

- Não vai. Preciso que cuide das coisas e estou indo ao encontro da morte. Isso não é problema seu...

- Nunca mais diga isso – disse Letícia – com os olhos marejados. Desde que eu decidi andar com você, tudo o que te diz respeito, me diz respeito! Se não somos uma família, então você vai sozinho, mas não me encontrará aqui se voltar.

NA IGREJA, O ENCONTRO COM A MORTE

Os dois entraram na caminhonete de Luiz, ainda enxugando as lágrimas.

O trajeto não era longo e seria percorrido em cerca de 15 minutos.

No caminho, como que para se acalmar, Luiz contou que antigamente, em 1917, a Igreja foi feita de madeira. Foi só em 1943, que a nova construção foi erguida em pedra basáltica e com um estilo arquitetônico da região da Baviera, na Alemanha.

- A torre da Matriz tem 46 metros de altura, sendo uma das estruturas mais altas do centro da Cidade – contou - Em seu interior, a Igreja é simples, mas impactante, com destaque para os vitrais que retratam a vida de Jesus Cristo. Foi por isso que Laura quis que a gente casasse lá.

- Deve ter sido lindo.

- Realmente foi.

O final do trajeto foi tranquilo, sendo que a dupla optou por meditar sobre os próximos passos.

Quando Luiz estacionou a caminhonete, três quadras antes, com receio de que o barulho do motor pudesse alertar os bandidos, disse para Letícia:

- Não há portas laterais. Então teremos que encarar a coisa de frente. Mas isso não quer dizer que tenhamos que chegar atirando. Minha família está lá dentro.

- Pensei que eu devia entrar sozinha e desarmada, como quem não quer nada. Tipo, só fui rezar. E você fica encostado na parede, ao lado da porta.

- Mas e se eles tiverem capangas vigiando os arredores?

- Não terão.

- Como você sabe?

- A Cidade está vazia. Eles estão confiantes.

- E se não estiverem?

- Aí vai ser um puta tiroteio. Aqui, guarde minhas armas com você – Disse Letícia retirando o cinturão que usava para carregar suas pistolas.

Letícia saiu da caminhonete com a confiança que só aqueles que não tem mais nada a perder, possuem. Fica mais fácil "fazer o certo pelo certo" assim.

Caminhou lentamente pelas ruas de Gramado, pensando em como aquele lugar devia ser bonito antigamente, quando o maldito Vírus Chinês ainda não havia causado tamanha destruição.

Conforme se aproximava da Igreja, a única construção que parecia não ter sofrido com a passagem do tempo, o Sol se abriu radiante, como se quisesse dar um sinal de que tudo ficaria bem. O contraste com o dia nublado aqueceu o coração de Letícia. Foi como se Deus tivesse falado diretamente com ela.

Conforme iniciou a subida dos 35 degraus que formavam a ampla escadaria da Igreja, Letícia ajoelhou-se é, chorando, rezou para que Deus tivesse levado a alma do Filho para seu lado.

- Não faz sentido que a vida acabe aqui – murmurou baixinho – Não pode ser que todo esse sofrimento seja em vão.

Letícia levantou-se, enxugou as lágrimas e retomou a subida, recitando a Oração de Santo Agostinho:

- "A morte não é nada.

Eu somente passei para o outro lado do Caminho.

Eu sou eu, vocês são vocês.

O que eu era para vocês, eu continuarei sendo.

Me deem o nome que vocês sempre me deram, falem comigo como vocês sempre fizeram.

Vocês continuam vivendo no mundo das criaturas, eu estou vivendo no mundo do Criador.

Não utilizem um tom solene ou triste, continuem a rir daquilo que nos fazia rir juntos.

Rezem, sorriam, pensem em mim. Rezem por mim.

Que meu nome seja pronunciado como sempre foi, sem ênfase de nenhum tipo.

Sem nenhum traço de sombra ou tristeza.

A vida significa tudo o que ela sempre significou, o fio não foi cortado.

Porque eu estaria fora de seus pensamentos, agora que estou apenas fora de suas vistas?

Eu não estou longe, apenas estou do outro lado do Caminho…

Você que aí ficou, siga em frente, a vida continua, linda e bela como sempre foi"

Quando pousou os pés diante da porta da Igreja, que estava entreaberta, Letícia olhou para a direita e viu que Luiz já se encontrava a postos.

Assim que entrou, não pôde deixar de reparar nos vitrais, cujas magníficas figuras eram tomadas pelos raios de Sol.

Aos pés do Altar, Letícia encontrou seis capangas mortos com tiros de calibre 12. Um pouco mais acima, estava o corpo de uma linda mulher. Letícia soube imediatamente que se tratava de Laura. Ela estava nua e com diversos sinais de violência, sendo que os principais eram as 28 facadas que recebeu na região do tronco. A faca usada para o crime estava logo ao lado do corpo, jogada.

Quando Letícia voltou a si, se deu conta de que Luiz estava ao seu lado.

- Depois que isso tudo acabar, daremos um enterro digno para minha Esposa. E limparemos esse lugar. Ele é belo demais, para ser profanado dessa maneira.

Letícia concordou e os dois se dirigiram para a Sacristia, onde encontraram Sérgio deitado num canto, com um tiro no peito. Ele ainda empunhava a 12 e recebia raios de sol bem onde o tiro havia lhe perfurado.

Do outro lado da sala, havia o corpo de um homem. Sua cabeça estava separada do tronco.

Não era preciso ser perito para entender o que havia acontecido ali.

Os 6 homens estavam abusando do corpo de sua esposa, quando Sérgio chegou atirando e os matou, sem que tivessem tido a chance de contra-ataque.

Por algum motivo, o “Descabeçado” não estava com o grupo principal ou conseguiu fugir durante o tiroteio.

Sérgio, então, entrou na Sacristia, e foi surpreendido com um tiro no peito, mas teve tempo de revidar.

- Foi assim que a minha família acabou – Disse Luiz – Claramente abalado.

Letícia o abraçou e não disse nada. Há momentos em que não se deve dizer nada, e aquele era um deles.

Enquanto o abraçava, Letícia soube que, pelo resto de suas vidas, seriam só os dois.

ENTERRO DIGNO

Alguns minutos depois, Luiz conseguiu se controlar, mas nunca mais seria o mesmo. Os momentos que viveu ali na Igreja lhe assombrar iam para sempre, retornando, nos primeiros meses, quase que de hora em hora, inclusive durante os sonhos. Com o passar dos anos, as lembranças dariam uma trégua, mas jamais seriam esquecidas por completo. Elas voltariam em momentos especiais, em datas comemorativas, e seriam lavadas com lágrimas. Como Psicólogo que era, Luiz sabia que sofreria com o Transtorno do Estresse Pós Traumático para sempre, assim como Letícia.

Mas naquele momento, era preciso dar um fim digno à passagem de sua família pela Terra. Os enterros tinham três funções principais. A primeira era evidentemente sanitária. A segunda era homenagear os mortos e a terceira, era encerrar um ciclo para os que ficaram.

Os corpos dos bandidos foram levados até o meio da Praça da Igreja, e incinerados. Luiz disse, é Letícia concordou, que seria mais fácil jogar o que restasse deles no rio, depois que ardessem nas chamas mais altas que pudesse fazer.

Já era final da tarde quando puseram os corpos de Laura e Sérgio na caçamba da caminhonete. Nenhum dos dois era perito ou médico, mas parecia que ainda não apresentavam estágio avançado de decomposição, de modo que, se tivessem chegado um ou dois dias antes, às coisas poderiam ter tido um final feliz.

Quando chegaram de volta à propriedade de Luiz, estacionaram a caminhonete na garagem e combinaram de providenciar o enterro assim que amanhecesse o dia.

Não dormiram naquela noite, pois o luto de Luiz o impedia, e fez com que Letícia finalmente pudesse sentir a dor de ter perdido Miguel.

A noite virou dia e, a dupla passou acordada, no sofá. Aos primeiros raios de sol, Letícia se levantou e foi fazer café. O primeiro de tantos que faria, naquela que agora era a "sua cozinha", apesar de não ter se dado conta disso naquele momento.

Cerca de 9 horas da manhã, Luiz já tinha cavado duas covas paralelas debaixo de uma macieira, que ficava no ponto mais alto da propriedade, cuja vista era esplendorosa e dava para o Rio dos Sinos. Antes, eles gostavam de fazer piquenique ali, e Luiz tinha planejado construir uma pequena cabana para Sérgio, ali, algo que jamais aconteceria.

Como não havia caixões disponíveis, Letícia trouxe dois edredons para que os corpos pudessem ser envolvidos antes de serem postos em suas respectivas covas e enterrados.

Tudo havia terminado ao meio dia, e ambos sentaram para comer os enlatados de feijoada que Luiz tinha trazido, enquanto contemplavam a paisagem.

- Daqui uns 5 anos, será seguro exumarmos os restos mortais de Miguel e trazermos ele para cá. Você gostaria disso? – Perguntou Luiz.

- Sim

- Então faremos isso. É o certo. Nosso lugar é aqui, agora.

AS SEMANAS SEGUINTES

Os dias foram passando lentamente, e a dupla foi criando uma nova rotina, agora a dois, onde cada um já sabia mais ou menos os limites do outro, dentro de uma certa normalidade.

- Certa vez - disse Letícia, enquanto os dois tomavam café da tarde na varanda – li uma psicóloga explicando que a rotina é importante para a maioria das pessoas, que não conseguem ser minimamente produtivas sem o seu ritual. Porque é exatamente isso que a rotina é: Um ritual próprio.

- Eu pertenço à maioria então – respondeu Luiz. Não consigo escrever, cuidar dos bichos ou relaxar, se não tiver tudo dentro de regras que eu criei somente porque sim. Antes eu tentava controlar isso, mas agora parei de tentar. Seguir com a rotina parece ser a única forma de fazer as coisas, que garante a minha sanidade.

- Eu te entendo. Também tenho me agarrado aos rituais para não ficar louca.

- Falando nisso de manter a sanidade, eu tenho percebido que você ainda não se sente em casa aqui, evita mudar as coisas de lugar e tal. Sei que ainda é tudo muito recente e que, com o tempo, você vai se habituar, mas quero que você saiba que agora, essa casa, bem como a propriedade toda, é tão sua quanto minha, e você deve agir de tal modo.

Letícia apenas ficou com os olhos marejados, mas nada disse. Entretanto, com o passar dos dias, foi deixando tudo com a sua cara, motivo pelo qual a Casa foi ganhando vida novamente.

No início, tentaram dormir em quartos separados, Luiz no que já era seu e de Laura, e Letícia no que era destinado aos hóspedes.

Porém, com o passar dos dias, perceberam que ambos estavam arrasados demais para ficarem sozinhos e passaram a dormir juntos, com Luiz cedendo a cama de casal para Letícia, e dormindo em um colchão no chão, que pegou do quarto de Sérgio.

Luiz tratou de construir a infraestrutura necessária para a sobrevivência dos dois. Plantou hortas, árvores frutíferas e cuidou dos bichos, facilitando a sua reprodução.

Todos os dias, além de visitar os túmulos de sua família, vasculhou inúmeras casas da cidade, em busca de itens que pudessem ser úteis de alguma forma.

Nessas incursões, encontrou armas, munições, remédios, ferramentas, comida em conserva e algumas joias bonitas, que apesar de não terem valor econômico algum naqueles dias, serviam de presente para Letícia.

Enquanto Luiz se ocupava de seus afazeres, Letícia cuidava da casa. Lavou as roupas de cama, organizou a despensa, mudou alguns móveis de lugar e deu início a um jardim que, com o passar dos anos foi crescendo até se transformar no lugar mais bonito da propriedade.

Letícia gostava tanto do seu jardim, que um de seus passatempos favoritos era justamente o de percorrer as redondezas atrás de mudas.

O que parecia impossível, aconteceu: Eles não estavam em paz consigo mesmos. Ainda carregavam – e para sempre carregariam – a dor de suas perdas. Mas já conseguiam ver alguma cor na vida, mais uma vez.

SEIS MESES DEPOIS

Desde o início da Amizade dos dois, houve uma conexão de almas. Ela era tão forte, que transparecia aos que os conheciam.

Plínio, Alberto e Carlos foram os que externaram essa visão. O principal motivo por Letícia temer que Laura e Sérgio a rejeitassem era justamente esse.

Letícia, inclusive, sabia, apesar de não ter falado com Miguel sobre isso, que ele adoraria se ela se casasse com Luiz.

Ela me a, via Luiz como um par ideal. Ele não fazia exatamente o seu tipo físico, porém já era madura o suficiente para saber que o sexo, embora muito importante, era apenas uma pequena parte de um relacionamento. E que fatores como parceria, caráter e proteção eram muito mais importantes.

Porém, durante todo o tempo em que Luiz permaneceu casado e até mesmo algum tempo depois da morte de Laura, Letícia procurou afastar esse pensamento de sua mente. Violar o sagrado matrimônio para ela era impensável, e ser a "destruidora de lares" consistia em papel que não lhe cabia.

Luiz Paulo, por outro lado, sempre achou Letícia atraente, física e mentalmente. Mas jamais deu qualquer mostra disso, pois amava Laura e seu filho. Por isso, fazer qualquer coisa que pusesse em risco a sua família, estava fora de questão.

Entretanto, as coisas haviam mudado e agora ele era um cara viúvo. Com o tempo, a sua conexão de almas com Letícia foi ficando tão forte, que eles já se entendiam através do olhar. E não fazia mais sentido que eles continuassem somente como uma dupla, ao invés de serem um casal.

Por diversas vezes, Luiz tentou se declarar, mas a coragem lhe faltou. E Letícia foi capaz de perceber isso. Sempre que podia, sentava-se perto dele, a ponto de encostar os braços ou as pernas, sutilmente dando um recado.

Suas vestimentas já não eram a de "respeitável colega de trabalho", e mudaram para "respeitável esposa", ou seja, eram leves, algo transparentes e um pouco curtas.

Um dia de domingo, por volta da hora do café da manhã, Luiz entrou na cozinha, onde Letícia coava o café, se ajoelhou com uma aliança numa das mãos e com um buquê de margaridas na outra:

- Você quer se casar comigo?

Letícia, virou-se, ainda com a frigideira quente nas mãos, e chorando copiosamente, disse que sim.

Luiz levantou-se e eles colocaram as alianças nos dedos. Depois, ele segurou seu rosto com as duas mãos e a beijou longamente.

No futuro, sempre que eles retornavam às lembranças daquele dia, Letícia ressalta a o fato de que eles nunca namoraram e que o primeiro beijo só foi dado depois que ficaram noivos.

Inclusive, o próprio noivado dos dois deve ter sido o mais curto da história, pois naquele mesmo dia, durante o pôr do sol, se dirigiram aos túmulos de Laura e Sérgio e fizeram votos, um para o outro.

Letícia começou dizendo que gostou dele desde o primeiro, instante, e que foi se apaixonando ao longo do tempo:

- Deus preparou os nossos corações para que nos tornássemos uma só carne, nesse quando e nesse onde, sob essas circunstâncias tão adversas. Casamentos eram sinônimo de festa e reunião familiar antes, mas nem por isso seremos menos fiéis, felizes ou abençoados. Eu recebo a ti, como meu legítimo marido. Prometo ser fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, por todos os dias da nossa vida, até que a morte nos separe.

E Luiz, com os olhos marejados, respondeu:

- A nossa união é extremamente improvável, e justamente por isso, única. Bendita seja aquela ponte caída, pois não fosse ela, hoje não estaríamos aqui, um pelo outro! Eu recebo a ti, como minha legítima esposa. Prometo ser fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, por todos os dias da nossa vida, até que a morte nos separe.

Cinco anos depois, quando trouxeram os restos mortais de Miguel e abriram uma nova cova para a família, eles renovaram seus votos, por ocasião de suas Bodas de Madeira.

Naquela noite, dormiram na mesma cama pela primeira vez. E Letícia veio ao quarto, diretamente do banheiro, enrolada somente em uma toalha. Sem nada dizer, soltou a toalha e subiu em Luiz.

Eles se amaram a noite toda.

Apesar de transarem frequentemente, nunca engravidaram, algo que ao mesmo tempo entristecida o casal, os tranquilizava.

Certamente que uma casa cheia de crianças seria mais alegre e feliz, porém, e se complicações ocorressem durante o parto? E se uma das crianças ficasse doente ou se machucasse?

Fora que ambos acreditavam que aquele mundo já não era mais seguro e acolhedor para uma criança. Como eles poderiam se defender se os pais morressem com eles ainda pequenos? Quem estaria por eles?

Era justamente isso que fazia com que acreditassem que a passagem dos seres humanos pela Terra estavam com os dias contados.

"Para todas as realizações há um momento certo; existe sempre um tempo apropriado para todo o propósito debaixo do céu.

Há o tempo de nascer e a época de morrer, tempo de plantar e o tempo de arrancar o que se plantou.

Tempo de matar e tempo de curar, tempo de derrubar e tempo de edificar.

Tempo de chorar e tempo de rir, tempo de lamentar e tempo de dançar.

Tempo de atirar pedras e tempo de guardar as pedras; tempo de abraçar e tempo de se apartar do abraço.

Tempo de buscar, e tempo de desistir, tempo de conservar e tempo de jogar fora.

Tempo de rasgar, e tempo de costurar; tempo de ficar quieto e tempo de expressar o que se ouve.

Tempo de amar e tempo de odiar, tempo de lutar e tempo de estabelecer a paz." (Eclesiastes – Capítulo 3; 1-8)

VINTE E CINCO ANOS DEPOIS

Os anos se passaram vagarosamente e de maneira tranquila para o casal, que assim como qualquer outro, enfrentou dificuldades. Porém, jamais deixaram de se amar ou dormiram brigados.

A vida sem as responsabilidades sociais era muito mais introspectiva e voltada para o ser. Não era necessário fazer-se presente em eventos, não era preciso "mentir para manter o equilíbrio". A verdade sempre era a mãe da razão. Se Luiz não caçasse, eles não comiam carne. Se não plantasse, eles ficariam sem hortaliças e grãos. Se Letícia não costurasse, andariam em farrapos, se não cuidasse com esmero das louças, logo teriam que comer com as mãos.

Pode até soar duro, mas na verdade, ambos concordavam que a vida, nesses termos, era muito mais honesta e sincera. Plantar para colher, produzir para acumular e regular para não faltar.

Também era preciso ter um para o outro, pois era somente em dupla que eles sobreviveriam. Letícia sentia prazer em servir Luiz, assim como Luiz sentia prazer em prover Letícia. Como sempre deveria ter sido qualquer casamento, mas sem as distrações da "era moderna", ficava bem mais fácil.

25 anos depois da saga em busca do remédio, numa tarde de pôr do Sol maravilhosa, que era muito comum, pois a natureza já havia se recuperado da poluição e das degradações causadas pelos seres humanos, Luiz e Letícia conversavam na varanda, sobre o passado, o tema preferido do casal.

- Dentre as coisas não essenciais – Disse Luiz – As que mais me fazem falta são a Coca-Cola gelada, e das reuniões familiares que ela proporcionava, nos domingos com macarrão, frango assado e Silvio Santos na TV. Também sinto falta do ronco dos motores absurdamente beberrões, das corridas de automóvel e até mesmo das reuniões do Rotary Club.

- Eu me sinto completa nesse sentido. Gosto muito mais da gente hoje, do que antes. A única falta que eu sinto, é do Miguel. E acredito que seríamos mais felizes se Laura e Sérgio estivessem conosco, mas aí não seríamos um casal, e nesse aspecto as coisas seriam muito ruins.

Enquanto bebiam uma limonada fresquinha (Letícia colocava todas as bebidas dentro de garrafas PET, para mergulhá-las no rio e poder refrescá-las), se deram conta de que fazia 3 anos desde que viram qualquer outro ser humano. Antes, havia pessoas ocasionais e muita atividade de radioamadorismo, mas agora, tudo era silêncio absoluto quando o assunto era atividade humana.

- Você acha que a humanidade sobreviverá? – Perguntou Leticia.

- Penso que não. Acredito que se não formos os últimos, estamos quase ali. Tudo o que construímos, essa infraestrutura toda, o nosso casamento, tudo isso, são coisas muito difíceis de se ter. São confluências de fatores muito fortes, para que tudo tenha acabado como acabou para nós. Não ficamos doentes, não sofremos acidentes, não vivemos guerras por território ou espólio... Tivemos uma vida mentalmente sã, apesar de tudo.

- Você acredita mesmo que somos os últimos, diante desse Planeta tão vasto?

- Não tenho por que duvidar. Ninguém faz contato, por nenhum meio há anos. Não temos notícias de que em algum tempo, as sociedades se reergueram e, sobretudo, ninguém veio nos importunar...

- Mas e as probabilidades?

- As probabilidades são como são. Apenas probabilidades e não certezas. Veja, o Universo é supostamente infinito, certo? Mesmo assim, nunca encontramos vida inteligente fora da Terra, não é mesmo? O que fez a Terra ser tão especial, diante das inúmeras probabilidades que o Universo proporcionou para que a vida prosperasse em outros quandos e em outros ondes? Só a confluência de fatores explica isso. Existe vida inteligente na Terra porque temos o Sol, que está exatamente onde deveria estar. Nem mais perto nem mais longe. Temos uma Lua, que não é a maior Lua do Sistema Solar, mas proporcionalmente ao Planeta que orbita, é a maior. Temos um sistema multiplanetário, onde um Planeta gigantesco, no caso Júpiter, protege a Terra contra meteoros, mantém o equilíbrio gravitacional e tal. Tem que ter uma atmosfera igual a nossa, enfim. Apesar de o Universo ser supostamente infinito, as probabilidades não são.

- Talvez você tenha razão – Disse Letícia – Mas para mim, a maior perda quando a humanidade for extinta, será a perda de todo o conhecimento acumulado ao longo dos séculos, até que a vida dê um jeito de acontecer, mais uma vez.

Diferentemente do que ambos esperavam, mas para que tudo terminasse realmente bem, Letícia morreu pacificamente em casa, durante seu sono da tarde. Luiz sentou-se nos pés da cama e fez uma oração sentida em agradecimento, pelo fato de a vida dos dois ter sido plena.

Na manhã seguinte, envolveu o corpo da Esposa em seu cobertor preferido e, com muita dificuldade, levou-a para pequeno cemitério da família.

Cavar uma nova cova foi muito mais penoso do que das primeiras vezes, pois a idade já lhe engessava os movimentos. Mas, ao fim do dia, sua missão estava cumprida.

Luiz viveu mais dois anos ainda, porém foi acometido pela doença de Alzheimer e, com o tempo, passou a esquecer-se de eventos recentes, e já tinha dificuldade para planejar e

resolver problemas corriqueiros. Foi nessa época que os animais que criava, debandaram por falta de comida e água.

Luiz morreu no dia 25 de abril de 2044, sentado perto dos túmulos de seus entes queridos, o único lugar em que se sentia bem. Na oportunidade, ele já não conhecia mais a sua história, pois havia se esquecido dos locais conhecidos, da maioria das pessoas que tinha conhecido e até mesmo do ano em que vivia.

A única memória que ainda era vívida em sua mente, quando a Morte lhe encontrou, era a de Letícia nua, lhe entregando um copo de suco de laranja depois de transarem a tarde toda, no sofá da sala.

Quando morreu, Luiz deixou apenas Lisa, a Golden Retriever de Letícia, que era sua companheira de caça nos últimos 16 anos. Muitas vezes, foi ela a responsável por buscar aves aquáticas e pequenos animais para o jantar. Companheira dedicada e amorosa, acompanhou o dono até o último dia de sua vida.

Com 25 anos desde o desastre da gripe, os seres humanos já não mais caminhavam pela Terra. Toda a saga da humanidade se perdeu quando Luiz fechou os olhos pela última vez.

O DIA DEPOIS DE AMANHÃ

A humanidade não se erradicou rapidamente, mas por fases. Os primeiros 30 dias foram os mais assustadores, porque ninguém sabia o que fazer ou como agir. Governos, um após o outro, viram seus sistemas de saúde colapsarem.

Logo ficou claro que a humanidade não "viraria pó" com uma explosão nuclear, como muitos previram durante a Guerra Fria, mas sim com uma "tosse coletiva".

Como médicos, enfermeiros, cientistas e líderes mundiais foram as primeiras vítimas, o COVID-19 se espalhou descontroladamente e a mortalidade em massa atingiu seu pico no terceiro mês.

Cidades inteiras silenciaram. As ruas se encheram de veículos parados, e a infraestrutura crítica – energia, água, internet, logística – começou a falhar drasticamente à medida que seus operadores humanos morreram.

Com cerca de 100 dias de Pandemia, o som dominante na Terra deixou de ser o ruído de motores e conversas de bar, e passou a ser o vento, os animais e os alarmes de sistemas automáticos que começam a falhar.

Sem energia elétrica, em poucos meses, o Mundo mergulhou em uma escuridão noturna quase total, pontilhada apenas por incêndios esporádicos.

Entretanto, a consequência mais dramática da Pandemia, além das mortes em si, foi o colapso das usinas nucleares que não foram desligadas a tempo. Acredita-se que, das 447 usinas nucleares existentes, 21 não foram desligadas, incluindo a de Angra.

O resultado foi catastrófico, pois de uma hora para outra, a Terra teve que conviver com duas dezenas de "Chernobyls", o que criou vastas zonas de exclusão radioativa, que durarão milênios.

Bilhões de animais de criação, como galinhas, gado e porcos, morreram confinados. Animais de estimação presos em apartamentos, como cães, gatos e pássaros, tiveram o mesmo destino.

No entanto, aqueles que conseguiram escapar se tornaram selvagens e se reproduziram descontroladamente, até encontrarem seus predadores naturais.

Populações de ratos e baratas explodiram brevemente, aproveitando-se dos estoques de alimentos e corpos em decomposição, mas logo foram controlados naturalmente.

Cerca de 10 anos após a primeira onda do vírus SARS-CoV-2 ter assolado a humanidade, as cidades estavam praticamente tomadas pela natureza e vida selvagem.

Sem manutenção, o asfalto rachou. Sementes trazidas pelo vento e por pássaros germinaram. Ruas e avenidas se transformaram em corredores verdes.

Em 50 anos, espécies de árvores de crescimento rápido já haviam se estabelecido em todas as cidades, inclusive nos grandes centros, como São Paulo, Londres e Nova York.

Como os sistemas de drenagem e esgoto entupiriam, as cidades construídas em planícies de inundação ou abaixo do nível do mar, como Amsterdã ou Nova Orleans, foram rapidamente alagadas.

Rios represados por barragens menores cederam, restaurando os antigos vales. As grandes barragens, como Itaipu e Três Gargantas, até resistiram por cerca de 250 anos antes de cederem. Mas, mesmo elas, sem manutenção constante, não poderiam durar para sempre.

Animais selvagens, sem medo dos humanos, se adaptaram aos novos ecossistemas urbanos. A fauna, livre da pressão da caça, se recuperou de forma espetacular.

A maioria dos edifícios modernos, com estruturas de aço e vidro, não durou muito. A ferrugem se demonstrou um grande inimigo. Entre 200 a 300 anos, após ciclos de congelamento e degelo, infiltração de água e corrosão, os arranha-céus começaram a desabar.

Pontes suspensas, como a Estaiada, em São Paulo, tiveram seus cabos corroídos e cairiam em menos de 300 anos. Estruturas de concreto armado, como viadutos e estádios, resistiram mais, mas os seus vergalhões internos eventualmente enferrujaram, expandiram e fragmentaram o concreto de dentro para fora.

Estruturas maciças de pedra ou concreto, como as Pirâmides de Gizé, o Monte Rushmore e grandes barragens, foram nossos monumentos mais duradouros no Planeta Terra. Porém, mesmo eles, foram erodidos e cobertos pela vegetação, mas tiveram suas formas básicas reconhecíveis por dezenas de milhares de anos.

Nossas marcas mais indeléveis, entretanto, foram deixadas no espaço sideral muito antes de o vírus ter exterminado a humanidade.

Na Lua, as pegadas dos astronautas da Apollo, os rovers e os módulos de pouso, protegidos pelo vácuo do espaço, permaneceram intactos por milhões de anos.

Nossas sondas espaciais, a Voyager 1 e 2, continuaram sua jornada interestelar indefinidamente, carregando seus discos dourados, levando informações como uma lembrança macabra, de uma espécie que se autodestruiu.

*** ** ***

F I M

*** ** ***

Estância Turística de Avaré, aos 9 de novembro de 2025.

PALAVRAS DO AUTOR

Escrevi esse livro em aproximadamente 10 meses, ao longo de 2025.

A maior parte do texto foi escrito nas noites de domingo, antes de dormir. Porém, partes dele foram escritas em hotéis, nas cidades de Bauru, Águas de Santa Bárbara e em São Paulo.

Acredito que, a esta altura das coisas, você já saiba que este livro é baseado em realidade, mas muita coisa foi inventada, como por exemplo a "Variante Ômega" da COVID-19, e tanto mais.

Nenhum dos personagens existe. Eles são a mistura de muitos conhecidos e viagens da minha mente, como acontece com todos os autores.

Eu estive em Gramado/RS, Itanhaém/SP, Campos do Jordão/SP e São Paulo/SP. Todas as outras cidades mencionadas no livro, busquei informações na Internet, motivo pelo qual certamente incongruências serão constatadas por aqueles que moram ali.

Esse é o meu 12° livro, e espero que você goste tanto de lê-lo, quanto eu gostei de escrevê-lo. Sei que ainda falta muito para que eu possa me chamar de escritor, porém, a cada obra, me sinto um pouco mais hábil. Talvez até 2050 eu consiga ser publicado!

Obrigado por viver o meu sonho.

Até a próxima história!

SOBRE O AUTOR

José Renato Fusco é advogado, jornalista e escritor, com uma trajetória profundamente enraizada na vida pública e cultural de Avaré, São Paulo. Graduado em Direito pela Faculdade Sudoeste Paulista, fundou o escritório JRF Advocacia, onde consolidou sua carreira jurídica. No entanto, é através das letras que ele exerce sua faceta de observador social: como colunista do Jornal A Bigorna, mantém os espaços "Palanque do Zé" e "Contos do Zé", onde suas crônicas mesclam análise política, humor e reflexões humanistas.

Líder comunitário atuante, José Renato fez história no Rotary Club de Avaré, sendo o único a presidir a instituição por três mandatos. Com forte presença digital, utiliza suas plataformas e o site fusco.info para debater o sistema eleitoral, a justiça e projetos de liberdade. Sua escrita é guiada pelo rigor e pelo cuidado com os detalhes — filosofia que resume em uma de suas citações favoritas de Winston Churchill: "A sorte não existe. Aquilo a que chamas sorte é o cuidado com os pormenores". Este livro é o reflexo de sua visão crítica e de seu compromisso em traduzir a complexidade do cotidiano em literatura.

É casado com a Advogada Anelissa Bonifácio Mazetti.

EM UMA JORNADA ONDE CADA DIA É UMA VITÓRIA, E CADA ENCONTRO UMA AMEAÇA, SERÁ A IMUNIDADE DE LUIZ SUFICIENTE PARA REACENDER A ESPERANÇA DA HUMANIDADE? OU SUA SAGA SE TORNARÁ APENAS MAIS UMA HISTÓRIA PERDIDA NOS ESCOMBROS DE UM MUNDO QUE JÁ NÃO EXISTE MAIS?

"OPERAÇÃO JORNADA" É UM THRILLER PÓS-APOCALÍPTICO SOBRE RESILIÊNCIA, SACRIFÍCIO E A BUSCA POR UM FUTURO EM MEIO AO FIM DE TUDO.